z.Hd.Dr.Fouquet
r.B.de Itap.120/4./s.416

Einzelpreis 600 Réis

Deutscher Morgen

Herausgeber: E. Sommer — Aurora Allemã — Erscheint wöchentlich

Folge 10 — São Paulo, 8. März 1940 — 9. Jahrgang

Schriftleitung, Verwaltung und Druckerei: Rua Victoria 200 — Fernruf: 4-3393, Caixa postal 2256 — São Paulo. — Zuschriften nicht an Einzelpersonen, sondern nur an die Verwaltung. — Bezugsgebühr: halbjährlich 10$000, ganzjährig 20$000, für Deutschland und die Weltpostvereinsländer 7 Mark

GOLPE POR GOLPE

A Guerra das Falsidades

Nosso Quadro Negro

XXVI.

kt. — Ainda não foram aplacadas as divergencias surgidas no seio do governo e da representação do povo francez em torno das falhas e lacunas sensacionaes do serviço de propaganda e da Censura, ao menos a julgar pelo noticiario dos jornaes. A imprensa franceza intervem na contenda e indigita homens e instituições que seriam culpados dessas inconveniencias. Cita, entre outros, o sr. Daladier, que se opporia á creação de um Ministerio da Propaganda, só para não ter de imitar o exemplo allemão. Salientam-se, outrosim, a ausencia de uma orientação uniforme da propaganda e a falta de potentes estações radiodiffusoras (Petit Dauphinois, 28. 2.). E' natural que se apresentem, simultaneamente, muitos bons conselhos para remediar o mau estado de cousas (T. O., 29. 2.). Todavia, quer-nos parecer, a nós que, como alvos da propaganda franceza em um paiz neutro, temos alguma competencia para formular um juizo, que é menos importante crear um Ministerio especial pelo tão malsinado modelo de Goebbels ou elevar a potencia deste ou daquelle radioemissor ou ainda engajar, como locutor, um norteamericano cem-perceutual. Isso tudo não passa de meros recursos.

A propaganda franceza livrar-se-ia, dentro de pouco tempo, de todas essas preoccupações, se não diffundisse tão extraordinaria copia de noticias falsas. Com isso, ella abala, mais cedo ou mais tarde, a confiança mesmo dos amigos do peito da „grande nação". Além disso, deveria falar menos em humanidade, civilização, liberdade e direito dos pequenos povos, visto que taes conceitos já não mais exercem hoje em dia poder suggestivo, mesmo na opinião da „Havas" (24. 2.), ao menos não na bocca de gente que abusa systematicamente dos referidos termos. Em tal caso, produzir-se-ia, da torre de Eiffel, o mesmo effeito benefico como das estações de Nauen ou Zeesen. Más, sómente nesse caso.

Se a comprehensão disso tivesse brotado nas mentes já ha mais tempo, digamos, ha um ou dous annos atrás, quando Adolf Hitler propoz as potencias occidentaes um amplo saneamento de todo o serviço de informações, através de um combate geral e sem quartel a todas as intrigas e falsidades, não haveria hoje na França nem esta dor de cabeça nem outra qualquer, de vez que a guerra nem sequer teria estourado.

Verdade é que considerações desta natureza se enquadram no capitulo das opportunidades perdidas, ás quaes, como, aliás, é de boa praxe, não se costuma sacrificar palavras superfluas. Aqui, entretanto, é bem applicada uma recordação nesse sentido, de vez que diariamente se nos apresenta, ao menos, o ensejo de sermos verdadeiros, e não é necessario, que se o deixe escapar sempre que surja.

Paz no Caucaso

Já na algumas semanas que appareceem, com grande ostentação, numerosas noticias referentes a uma imminente guerra russo-turca. Tropas russas teriam transposto a fronteira turca (U. P., 20. 2., de Paris); meio milhão de turcos estariam concentrados na frente caucasiana; a ligação telephonica com Stambul estaria interrompida; teria sido decretado o estado de emergencia na Turquia (U. P., 24. 2., de Nova York); sim, teria mesmo sido preparada a mobilização geral (de Bucarest, 24. 2.), e assim por diante. Ao mesmo tempo o „Temps" parisiense, orgam semi-official, exigia em 25. 2. a acção dos inglezes e francezes contra os russos, na frente do Caucaso, escrevendo textualmente: „Afim de se prevenir que a Allemanha se valha do trigo do Caucaso e da Ukrania ..., deve-se aproveitar a fraqueza dos Soviets naquella região." Em 29. 2., a mesma folha se manifestou a favor de uma offensiva dos alliados e dos turcos contra as bacias petroliferas russas. O „Matin" frisou a necessidade de se obter o auxilio dos turcos para uma tal empresa; os aviadores alliados teriam relativa facilidade em se approximar da zona petrolifera de Batum e Baku (T.-O., 1. 3.).

(Continua na 2.a pag.)

Roma, 7. — (T.-O.) — A apreensão dos carregamentos de carvão dirigidos a' Italia, por parte da Inglaterra, torna-se assunto de grandes comentarios publicos, estranhando-se que o governo inglez sómente agora comece a tomar medidas consideradas drasticas, prove de que a sua guerra do bloqueio não obteve resultado algum até o presente momento.

O fato de paises neutros terem de pagar semelhante estado de cousas causa mau humor. A Italia, porém, mantem-se muito bem preparada, de maneira que revidara' golpe por golpe.

Roma, 7. (T.-O.) — O „Regime Fascista" lança um vehemente apello aos neutros no sentido de impedir que „continue a aplicação de medidas inglezas de bloqueio maritimo referente a mercadorias que não podem ser consideradas como material de guerra".

Rom, 7. (T.-O.) — Die Beschlagnahme der für Italien bestimmten Kohlenladungen durch England gibt den Anlass für ausführliche öffentliche Kommentare, in denen das Befremden zum Ausdruck kommt, dass die britische Regierung gerade jetzt sich zu derartig drastischen Massnahmen aufrafft. Damit ist bewiesen, dass ihr Blockadekrieg bislang überhaupt kein Ergebnis erzielt hat. Es verursacht grosse Empörung, dass die neutralen Länder für diesen Misserfolg bezahlen sollen. Italien ist indessen so gut vorbereitet, dass es jeden Schlag mit Gegenschlag beantworten wird.

Rom, 7. (T.-O.) — „Regime Fascista" wendet sich mit einem leidenschaftlichen Aufruf an die Neutralen und fordert sie auf, zu verhindern, dass „die Anwendung der britischen Methoden in der Seehandelsblockade bezüglich jener Waren, die nicht als Kriegsmaterial zu bezeichnen sind, fortdauert".

Italien herausgefordert — Mussolini wird antworten

Neun italienische Schiffe mit deutscher Kohle aufgebracht — Protest Italiens in London — Angst in Frankreich

Ganz unverhofft, während Roosevelts Vertrauter Summer Welles noch die Meinungen in Paris und London auskundschaftet, ist der europäische Krieg um ein entscheidendes Ereignis reicher geworden. Ende Februar hat die britische Regierung Italien mitgeteilt, dass sie künftig alle deutschen Kohlentransporte auf dem Seewege von Rotterdam in besonders bestimmten Häfen einer scharfen Kontrolle unterwerfen werde. Vom 1. März an musste also jedes italienische Schiff der Aufbringung durch englische Kriegsschiffe gewärtig sein. Die Regierung in Rom überreichte darauf in London einen energischen und ausführlich begründeten Protest, in dem es einleitend heisst, dass diese Kontrollmassnahmen die italienischen Interessen aufs schwerste schädigen. Die faschistische Regierung stelle fest, dass der von England geführte Wirtschaftskrieg im offenen Gegensatz zum internationalen Recht stehe. Die Protestnote unterstreicht die von den Briten verletzten Handelsrechte der Neutralen, verweist auf die unmittelbaren Auswirkungen des wochenlangen Festhaltens neutraler Schiffe auf die heimische Industrie und Wirtschaft sowie das allgemeine Leben der Bevölkerung und stellt zum Schluss fest, dass die neuen britischen Massnahmen die wirtschaftlichen und politischen Beziehungen zwischen Italien und England gefährden können, wie sie am 16. April 1938 in einem Abkommen festgelegt wurden. Italien möchte auf alle Fälle bereits heute die Tatsachen klären, die für eine spätere Entwicklung der Situation entschcidend sein können. Gleichzeitig äusserten die politischen Kreise in Rom, dass Italien die Osterabmachung des Jahres 1938 aufkündigen werde, falls England nicht seine Blockademassnahmen rückgängig mache. Damit würden auch die italienischen Garantien hinsichtlich der britischen Interessen im Nahen Osten hinfällig.

London hat sich durch diesen Protest keineswegs stören lassen. Neun italienische Kohlendampfer, viele Tausende t deutscher Kohle geladen hatten, wurden kurz nach dem Auslaufen aus Rotterdam am 4. März von britischen Seestreitkräften aufgebracht und nach den britischen Kontrollfeldern, den sogenannten Downs, geführt. Zur Stunde fehlt noch jede Mitteilung, in welcher Weise Mussolini auf diesen verhängnisvollen Schritt der Briten antworten wird. Dass diese Antwort kurz und bündig sein wird, bezweifeln wir angesichts der Verletzung lebenswichtigster Fragen für das italienische Volk keinen Augenblick. Italiens feste neutrale Haltung, die auch eine Ausweitung der Kriegsschauplätze auf dem Balkan und im Mittelmeer verhinderte war den Engländern ein Dorn im Auge. Darum verboten sie den Bezug deutscher Kohle und erklärten sich ihrerseits bereit, den Italienern als Ersatz englische Kohle zu liefern, wenn Italien diese Kohle mit eigenen Schiffen abhole. In den sechs vergangenen Kriegsmonaten ist der Welt aber nur zu gut gezeigt worden, welche Gefahren die Seefahrt nach England birgt. Niemand kann es Italien verargen, wenn es auf dieses menschenfreundliche Angebot der Briten verzichtet. Andererseits ist das englische Vorgehen in Anbetracht der hoffnungslosen Aussichten in diesem Krieg verständlich. Die Regierung Chamberlain-Churchill lässt jetzt alle Masken fallen und alle Minen springen, um zu erkennen, was sie im günstigsten Fall noch zu retten vermag. Nicht zu Unrecht erinnert die „Deutsche Diplomatisch-Politische Korrespondenz" an die italienischen Erfahrungen mit britischen Methoden im Abessinien-Krieg. Das italienische Volk kennt die Sanktionen und weiss, wer seine Unabhängigkeit antasten will. Es werde seine Existenz und Ehre gegen jeden Versuch der Gewaltanwendung oder Erpressung zu wahren wissen.

Damit kommen wir zum grossen Rechenfehler der Alliierten, welche seit Monaten in langen Reden und Artikeln beweisen wollten, dass Italien politisch, historisch und wirtschaftlich „eigentlich" an die Seite der Demokratien gehöre. Wir sahen keine Notwendigkeit im bisherigen Kriegsablauf, alle Tendenz- und Lügenmeldungen über die „wirkliche Stellung Italiens" zu widerlegen. Diese Stellung stand nämlich von Anbeginn fest, wie der Führer bereits in seiner Reichstagsrede an die deutsche Nation am 1. September vorigen Jahres zu Beginn des Polenfeldzuges angedeutet hatte. Nur Narren lauerten hier auf eine Sensation, nur unlogische Zeitgenossen kramten in den Weltkriegserinnerungen des Jahres 1915 herum. Schon am

(Schluss auf Seite 2)

Der Lügenkrieg

Unser schwarzes Brett

XXVI.

kt. — Im Schosse der französischen Regierung und der Volksvertretung sind die Meinungsverschiedenheiten über die aufsehenerregenden Mängel des Propagandadienstes und der Zensur — nach den Zeitungsmeldungen zu urteilen — noch nicht beigelegt worden. Die französische Presse greift in den Streit ein und weist auf Männer und Einrichtungen hin, die an den Missständen schuld seien. So auf Herrn Daladier, der sich der Schaffung eines Propagandaministeriums widersetzen soll, um nicht das deutsche Beispiel nachahmen zu müssen. Auch das Fehlen einer einheitlichen Leitung der Propaganda und der Mangel an starken Kurzwellensendern werden hervorgehoben (Petit Dauphinois, 28. 2.). Selbstverständlich werden dabei mancherlei gute Ratschläge zur Behebung des Uebelstandes erteilt (T.-O. 29. 2.), doch scheint es uns, die wir uns als Objekte der französischen Propaganda in einem neutralen Lande zu einem Urteil befähigt fühlen, dass es weniger wichtig ist, ein besonderes Ministerium nach dem so oft verspotteten Vorbild von Goebbels zu schaffen, hier oder dort einen Sender zu verstärken oder einen hundertprozentigen Nordamerikaner als Sprecher anzustellen. Das sind nur Behelfsmittel.

Die französische Propaganda würde in kurzer Frist allen Nöten entronnen sein, wenn sie — nicht so überaus zahlreiche falsche Meldungen verbreiten würde. Dadurch erschüttert sie auf die Dauer selbst das Vertrauen der verschworenen Freunde der „Grossen Nation". Zudem müsste sie weniger von Humanität, Zivilisation, Freiheit und Recht der kleinen Völker reden, weil derartige Begriffe heute selbst nach dem Zeugnis der „Havas" (24. 2.) keine werbende Kraft mehr ausüben; wenigstens nicht im Munde von Leuten, die sie systematisch missbrauchen. Dann würde man vom Eiffelturm aus ebenso erfolgreich wirken können wie von Nauen und Zeesen aus. Aber auch nur dann.

Und hätte diese Erkenntnis sich gar schon früher durchgesetzt, etwa vor ein bis zwei Jahren, als Adolf Hitler den Westmächten eine grosszügige Sanierung des gesamten Nachrichtendienstes durch einen gemeinsamen rücksichtslosen Kampf gegen jede lügnerische Hetze vorschlug, dann gäbe es in Frankreich heute weder diese noch ähnliche Sorgen, weil es gar nicht zum Kriege gekommen wäre.

Solch eine Erwägung gehört zwar in das Kapitel der verpassten Gelegenheiten, denen man nach gutem Brauch nicht viele Worte opfert. An dieser Stelle erscheint jedoch eine Erinnerung angebracht, denn wenigstens die Gelegenheit, wahr zu sein, kehrt täglich wieder, und es ist nicht nötig, sie täglich neu zu verpassen.

Friede am Kaukasus

Seit einigen Wochen erscheinen in grosser Aufmachung zahlreiche Meldungen über einen bevorstehenden russisch-türkischen Krieg. Russische Truppen sollten die türkische Grenze überschritten haben (U. P. 20. 2. aus Paris), eine halbe Million Türken sollte an der Kaukasusfront mobilisiert, die Telephonverbindung mit Stambul unterbrochen, der Ausnahmezustand in der Türkei erklärt (aus Newyork, 24. 2.), ja selbst die allgemeine Mobilisierung vorbereitet sein (aus Bukarest, 24. 2.) u. a. m. Gleichzeitig forderte der halbamtliche Pariser „Temps" am 25. 2. das

Vorgehen der Engländer und Franzosen gegen die Russen an der Kaukasusfront und schrieb wörtlich: „Um zu verhindern, dass Deutschland den Kaukasus und den ukrainischen Weizen ausbeuten kann..., muss man die Schwäche der Sowjets in dieser Region ausnutzen." Am 29. 2. trat dasselbe Blatt für eine Offensive der Alliierten und der Türken gegen die russischen Petroleumfelder ein. Der „Matin" unterstrich die Notwendigkeit, die türkische Hilfe für solch ein Unternehmen zu suchen; die alliierten Flieger könnten verhältnismässig leicht an das Oelgebiet von Batum und Baku herankommen. (T.-O., 1. 3.) Aus alledem ist also deutlich zu ersehen, wie sehr man in London und Paris einen derartigen Krieg wünscht. Doch die Rechnung ist wieder einmal, wie schon so oft, ohne den Wirt gemacht worden. Die Neutralen wollen nicht für England und Frankreich die Kastanien aus dem Feuer holen. Zuerst trat die russische Tass-Agentur im Auftrag ihrer Regierung gegen die durchsichtigen Lügen auf (U. P., 20. 2.). Dann wurden die russischen und türkischen Truppen von der Grenze zurückgezogen, wodurch Zwischenfällen vorgebeugt wurde (T.-O., 28. 2.), auch über eine weitere Zurücknahme der Truppen laufen freundschaftliche Verhandlungen (T.-O., 4. 3.), und schliesslich ergriff der türkische Ministerpräsident Refik Saydam am 29. 2. und 3. 3. das Wort — wie aus ähnlichen Anlässen seine Kollegen in Holland, Belgien und anderen neutralen Staaten — und rettete den Frieden, indem er die Kriegshetzer blosstellte (zahlreiche Telegramme vom 29. 2. bis 3. 3.). Er legte dar, dass die Beziehungen der Türkei zu Russland in den letzten sechs Monaten keinerlei Veränderung erfahren haben, dass die Türkei nicht gewillt sei, irgend etwas gegen Russland zu unternehmen, und dass keine Mobilisierung bevorstehe. Damit wurden die Wetterwolken im nahen Orient zerstreut, und „Temps" und „Matin" haben ihre menschenfreundlichen Kriegswünsche umsonst der Oeffentlichkeit preisgegeben. Der Friede am Kaukasus ist, wenigstens fürs erste, gesichert.

Keine deutsche „Friedensoffensive"

Trotz aller Berichtigungen von deutscher Seite munkelt die Presse der Westmächte immer wieder von einer „Friedensoffensive" der Reichsregierung. Havas weiss z. B. von dem diplomatischen Mitarbeiter der englischen Zeitung „People" (26. 2.), dass diese Offensive von grossen Ausmassen sei und unter Aufwand aller Mittel, wie des geheimen Terrors in neutralen Ländern, der Bedrohung neutraler Staatsmänner, des Einsatzes von 20 Millionen Pfund Sterling und schliesslich des Verzichtes auf den Vertrag mit Russland, durchgeführt werde. Am 1. 3. zieht Havas ferner den deutschen Gesandten in Irland ins Spiel, am 3. 3. Reuter den Amerikaner Summer Welles. Die zuständige deutsche Stelle erklärte schon am 2. 3. (T.-O.), dass alle diese Meldungen nur einen Trick der Westmächte darstellen, denen es an besseren Mitteln im Kampf gegen die kritische Stimmung fehlt, die sich mit dem Misserfolg des Blockadekrieges bemerkbar macht. Was Russland anbetrifft, so genügt es, ein Wort des Führers aus seiner Rede vom 24. 2. in Erinnerung zu bringen, das sich auf den Pakt mit der Sowjetunion bezog: „Sie wissen, dass ich nichts halb tue. Wenn ich einen Weg gehe, dann gehe ich ihn auch bis zum Ende. Das bedeutet, dass jede Hoffnung, dass ich vielleicht morgen oder später wieder einen andern Weg einschlagen werde, unnütz ist."

Ungarn auf dem Posten

Mit erfreulicher Energie und Schnelligkeit hat die ungarische Regierung wiederum einen Versuch internationaler Brunnenvergiftung vereitelt. Es ist bekannt, dass die deutsche Presse über die Berliner Verhandlungen mit Summer Welles strengstes Stillschweigen wahrte. Einige Vertreter ausländischer Zeitungen in Berlin aber meldeten, Hitler habe dem Gast erklärt, das Reich wünsche nicht nur die Herrschaft über Polen, sondern auch über Ungarn. Darauf erliess die Budapester Regierung am 3. 3. eine amtliche Erklärung, in der es u. a. heisst: „Die zuständigen ungarischen Kreise sind der festen Ueberzeugung, dass die veröffentlichte Meldung jeglicher Grundlage entbehrt und in keiner Weise der Wahrheit entspricht." — Es ist heute eben nicht mehr so leicht, Neutrale in den Krieg zu locken, wie 1914—18.

Churchill und die U-Boote

Vor einiger Zeit brachten wir eine Zusammenstellung von Herrn Churchills und anderen englisch-französischen Berichten über die Versenkung deutscher U-Boote. Der Leser konnte sich von den Uebertreibungen und lächerlichen Widersprüchen überzeugen. Nun erklärte der Erste Britische Seelord kürzlich, die Engländer vernichteten wöchentlich zwei bis drei U-Boote, allerdings nur während der Perioden erhöhter Tätigkeit der Boote, und er glaube behaupten zu können, dass die Deutschen bis Ende 1939 mindestens die Hälfte ihrer U-Boot-Flotte eingebüsst hätten (U. P., 27. 2.). Bis Ende vorigen Jahres müssten also mindestens 30 und bis Ende Februar mindestens 50 Boote vernichtet worden sein. Nach allem, was täglich zu lesen und zu hören ist, klingen diese Angaben bescheiden. Sie werden aber erst durch den amtlichen deutschen Wehrmachtbericht über die Bilanz des ersten Kriegshalbjahres in das rechte Licht gerückt. Danach sind im ganzen „elf Unterseeboote, im Monatsdurchschnitt also zwei" Boote verloren gegangen (T.-O., 3. 3.). Und die Angaben des deutschen Oberkommandos haben sich bisher ausnahmslos als wahr erwiesen.

(Schluss von Seite 1)

14. Dezember 1939 hatte das „Schwarze Korps" das deutsch-italienische Verhältnis angesichts der propagandistischen Sirenenklänge der Westmächte mit folgenden Worten gekennzeichnet:

„Es ist ihnen unbegreiflich, dass auch die Politik ganzer Völker nach aufrechter, ehrlicher Mannesart geführt werden kann, im Sinne einer Weltanschauung und nicht der Augenblickskonjunktur.

Als England es unternahm, Italien während des Abessinienkonflikts zu erdrosseln und praktisch — wenn auch nicht unter dem Namen „Krieg" — mit den Frauen und Kindern Italiens das zu tun, was es heute mit den unsrigen vorhat, da glaubte kein Mensch daran, dass England aus „humanitären" Gründen den Sklavenstaat des mittelalterlichen Negus verteidige.

Es ging kaum verhüllt um das afrikanische Geschäft, um die abessinischen Bodenschätze, um die Erträgnisse des Hafens und der Eisenbahn von Dschibuti, um das Wasser des Weissen Nils und die Vorherrschaft des britischen Handels im Mittelmeer.

Und die Demokratien, die auf so billige und unblutige Weise ihr Schäflein ins Trokkene zu bringen gedachten, wenn auch auf Kosten eines grossen Volkes, liessen es nicht an Aufforderungen fehlen, auch Deutschland möge sich an diesem Geschäft beteiligen und zunächst einmal seine Grenzen gegen Italien schliessen.

Nicht weil wir mit Italien verbündet gewesen wären — wir waren damals förmlich noch gar nicht verbündet! —, sondern weil unsere Weltanschauung uns verbietet, einem Volke in den Rücken zu fallen, dessen Kampf um Freiheit, Recht und Lebensraum auch unser Kampf ist.

Weil Deutschlands Neutralität im Abessinienkonflikt auch keine x-beliebige war, sondern ein sauberes und offenes Bekenntnis zum Recht, konnte es die Ausweitung des Konflikts verhindern und Italien den Rücken freihalten bis zum Siege."

Sie haben diese grundsätzliche Wahrheit auch bis heute noch nicht begriffen. Wie könnte sonst in der französischen Presse, die mit spürbarer Angst die Verschärfung der italienisch-britischen Beziehungen verfolgt, der folgende köstliche Satz auftauchen, dass „unsere italienischen Freunde scheinbar die wahren Blockadeabsichten der Alliierten aus dem Auge verloren" haben. Es sei doch kaum möglich, dass Rom zulassen könne, wie das Reich mit Minen und Unterseebooten ungestraft das internationale Recht verletze. Ob Rom auch vielleicht daran gedacht habe, dass Deutschland mit Russland nur einen Pakt geschlossen habe, um das junge italienische Imperium zu vernichten?... In dieser beschwörenden Weise schreibt nicht nur der „Excelsior", sondern auch der regierungsnahe „Le Temps" und andere Blätter. Und aus allen Zeilen blickt die Furcht, dass Italien in den Krieg eintreten könnte, denn dann hätten ja wieder einmal nicht die Briten, sondern die Franzosen die grössten Opfer zu tragen.

Seit Jahren hat der Monat März in der neuesten Zeit grosse geschichtliche Ereignisse mit sich gebracht. Wir erinnern nur an die Wiedereinführung der deutschen Wehrfreiheit, an den Einmarsch deutscher Truppen ins deutsche Rheinland, an den Anschluss Oesterreichs und die Eingliederung des Protektorats Böhmen und Mähren ins Reich. Wenige Tage nach dem März hat Italien im vergangenen Jahr mit der Eingliederung Albaniens einen bedeutenden Schritt zu seiner Sicherheit im Mittelmeerraum getan. Aber Italien hat in gleicher Weise historische Rechte auf weitere Gebiete und Stützpunkte im Mittelmeer und an seinen Küsten, wie Spanien Anspruch auf Gibraltar erheben muss. Es ist nicht ausgeschlossen, dass auch in diesem für Europas Zukunft entscheidungsreichsten Jahr die anbrechende europäische Frühlingszeit Tatsachen schafft, welche den Lebensraum der jungen revolutionären, übervölkerten Nationen im Masstabe der Kraft ihrer Völker vorbereiten oder ausweiten. Wir wollen nicht vergessen, dass der Halbjahresbericht des Oberkommandos der deutschen Wehrmacht von der gesamten deutschen Presse mit folgender Ergänzung versehen wurde: Ein deutscher Angriff hat noch nicht begonnen. Niemand weiss, wann und wo er angesetzt wird. Fest steht aber, dass eine einmal erfolgte Offensive mit einer Durchschlagskraft geführt werden wird, die alles auf militärischem Gebiet bisher Dagewesene in den Schatten stellt. „Sie werden den Krieg bekommen!" hat der Führer zuletzt am 30. Januar gesagt. Wieweit Italien an dieser Entscheidung Anteil haben wird, werden uns die Ereignisse der nächsten Zeit beweisen. ep.

Ein neuer Beweis

Einen neuen Beweis für die Unglaubwürdigkeit der englischen Berichterstattung nennt der deutsche Funkdienst am 4. 3. die Londoner Behauptungen, dass britische Flieger viermal in kurzen Abständen über Berlin gewesen seien. Der „Völkische Beobachter" schreibt dazu am selben Tage, es sei doch komisch, dass von den viereinhalb Millionen Berlinern auch nicht einer etwas von diesen Fliegern gesehen habe. Ein anderes Blatt findet es lächerlich, derartige Märchen zu erfinden, da die Reichshauptstadt Tausende von Ausländern beherberge, von denen keiner ein Flugzeug bemerkt oder eine Leuchtrakete oder ein Flugblatt gesehen habe, durch die die Engländer angeblich ihre Anwesenheit dokumentierten. In dem amtlichen deutschen Kommentar zum Bericht der Wehrmacht wurden bereits am 27. 2. (T.-O.) die ersten englischen Angaben als „in keiner Weise zutreffend" zurückgewiesen. Hier sind diese falschen Nachrichten in zahlreichen Fassungen verbreitet worden, so am 28. 2., am 1. 3. und 3. 3. durch Havas, und sie erregten bei der grossen Aufmachung einiges Aufsehen. Der Kniff bestand in der Angabe von Einzelheiten: Die Wilhelmstrasse und Unter den Linden gesehen (in der Nacht, in der die Engländer aufzuklären pflegen!!), wichtige Bahnkreuzung 17 Meilen südlich Berlin beobachtet, Temperatur von 38 Grad unter Null und anderes. Ein wenig Ueberlegung führt allerdings zu dem Ergebnis, dass derartige Angaben billig zu haben sind.

A Guerra das Falsidades

(Conclusão da 1.a pagina.)

De tudo isso se deprehende, portanto, claramente, quão ardentemente se deseja em Londres e Paris uma guerra dessas. Todavia, tambem neste caso, como já tantas vezes, os calculos foram feitos sem levar em conta os factores contrarios. Os neutros não estão dispostos a safar as castanhas do fogo para a Inglaterra e França. A agencia russa Tass foi a primeira que, por ordem do seu governo, investiu contra as mentiras transparentes (U. P., 20. 2.). A seguir, as tropas russas e as ottomanas foram retiradas da fronteira, graças ao que se evitaram incidentes (T.-O., 28. 2.); correm negociações amistosas tambem em torno de ulteriores retiradas de tropas (T.-O., 4. 3.); finalmente, o presidente do Ministerio ottomano, Refik Saydam, fez uso da palavra, em 29. 2. e 3. 3. — outro tanto fazendo, por motivos analogos, os seus collegas na Hollanda, Belgica e outros Estados neutros — e salvou a paz, porisso que expoz a calva aos instigadores de guerra (numerosos telegrammas de 29. 2.—3. 3.). Expoz o ministro turco, que as relações entre a Turquia e a Russia não teriam soffrido a minima modificação nestes ultimos seis mezes, que a Turquia não mostrava nenhuma disposição de emprehender algo contra a Russia e que não estaria imminente nenhuma mobilização. Com isso dissiparam-se as nuvens ameaçadoras de tempestades no Oriente Proximo. Foi em pura perda que o „Temps" e o „Matin" expuzeram em publico seus altruisticos desejos de guerra. Por ora, acha-se garantida a paz no Caucaso.

"Offensivas de paz" allemãs, balelas

Mau grado todas as rectificações de parte das autoridades allemãs, a imprensa das potencias occidentaes não se cansa de inventar noticias em torno de uma „offensiva de paz" do governo do Reich. A Havas sabe, por exemplo, do collaborador diplomatico do jornal inglez „People" (26. 2.), que essa offensiva seria de grande envergadura e seria levada a effeito sob applicação de todos os recursos, como o terrorismo secreto nos paizes neutros, a ameaça contra estadistas neutros, o investimento de 20 milhões de libras esterlinas e, finalmente, a desistencia do accordo com a Russia. Em 1. 3., a Havas envolve na questão tambem o embaixador tento na Irlanda, e em 3. 3., a Reuter, por sua vez, mette ahi o norte-americano Summer Welles. A autoridade competente allemã declarou já em 2. 3. (T.-O.), que todas essas noticias não passam de um truque das potencias occidentaes que não dispõem de recursos melhores para dar combate á mentalidade que vae se formando em consequencia do fracasso da guerra do bloqueio. No que tange á Russia, basta recordar uma expressão de Hitler, usada em seu discurso de 24. 2., a qual se referiu ao pacto com a União Sovietica: „Sabeis, que nada faço pela metade. Quando trilho um caminho, conservo-me nelle até ao fim. Significa isso, que é vã toda esperança de me ver, talvez amanhã ou mais tarde, enveredar por uma outra estrada."

Churchill e os submarinos

Faz já algum tempo que publicámos uma comparação de informações do sr. Churchill e de outras fontes anglo-francezas sobre o afundamento de submersiveis allemães. Démos assim aos leitores o ensejo de se convencerem dos exaggeros e das contradicções ridiculas. Lá veio de novo o Primeiro Lord Naval Britannico e disse, ha pouco, que os inglezes destruiriam semanalmente dous a tres submarinos. verdade é que isso se registaria sómente durante o periodo de intensa actividade dos barcos, e pensa elle poder affirmar, que os allemães teriam perdido, até fins de 1939, no minimo a metade de sua frota submarina (U. P., 27. 2.). Até fins do anno passado, teriam sido destruidos, por conseguinte, no minimo 30 unidades e, até fins de fevereiro, no minimo 50. Baseado naquillo que se lê e ouve diariamente, esses dados se nos apresentam bem modestos. Graças, porém, ao boletim militar official allemão, contendo um relatorio referente ao primeiro semestre desta guerra, esses dados são devidamente focalizados. Por ahi, perderam-se ao todo „onze submarinos ou seja u'a média de dous por mez" (T.-O., 3. 3.). Frisemos, que até aqui os dados do Alto Commando Allemão têm sido exactos, sem nenhuma excepção.

Uma nova prova

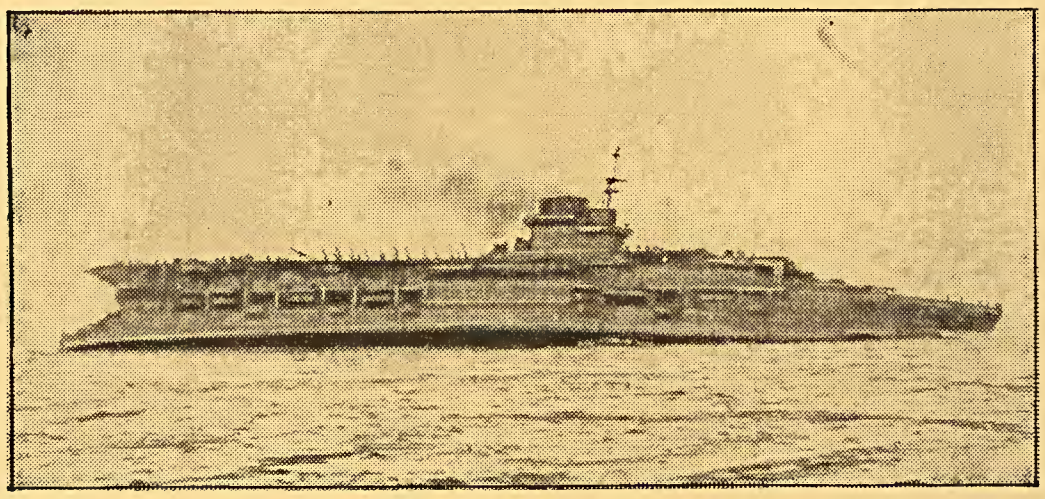
O serviço do radio allemão chama em 4. 3. de nova prova da incredibilidade das informações inglezas as affirmações feitas em Londres de que aviões britannicos teriam sobrevoado Berlim quatro vezes, em intervallos curtos. Na mesma data, o „Völkischer Beobachter" escreve, que seria curioso, que dos 4 1/2 milhões de berlinenses nem um unico tivesse visto alguma cousa desses aviadores. Outra folha considera ridiculo inventar lendas desse naipe, visto que a capital do Reich hospeda milhares de estrangeiros, dos quaes nenhum teria percebido alguma cousa ou visto um foguete luminoso ou um boletim, mediante os quaes os inglezes pretendem ter documentado sua presença nos ares berlinenses. No commentario official allemão sobre o relatorio do Alto Commando Allemão foram rejeitados, já em 27. 2. (T.-O.), como „carecentes de qualquer base", os primeiros dados inglezes. No caso presente, essas noticias falsas foram preparadas sob os mais variados aspectos, assim em 28. 2., 1. 3. e 3. 3. pela Havas, logrando despertar alguma sensação, dado o espalhafato da respectiva apresentação. O truque consistia na indicação de detalhes: A Wilhelmstrasse e Unter den Linden, vistas de noite (em que os inglezes costumam realizar seus vôos de reconhecimento!!); importante entroncamento ferroviario observado 17 milhas ao sul de Berlim; temperatura de 38 graus abaixo de zero e outras cousas mais. Basta raciocinar um boccadinho para se perceber que um tal material está ao alcance de qualquer bolso.

„Altmark" e „Düsseldorf"

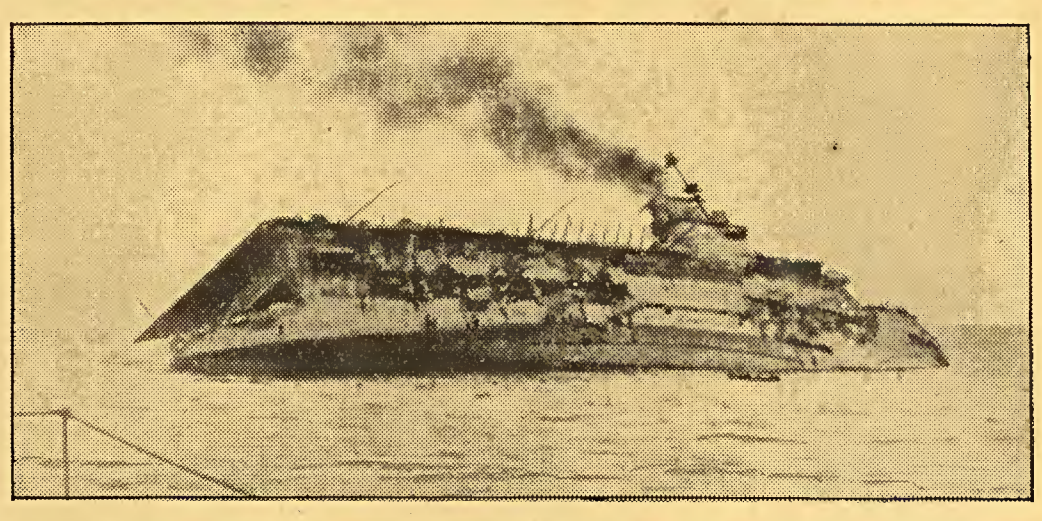
Quando o vaso de guerra „Cossack" commetteu, por ordens expressas do governo de Londres, uma grave infracção da neutralidade norueguêza, a revolta ante esse acto foi tão grande na Noruega quanto na Allemanha, os dous paizes attingidos. Mesmo os paizes neutros desinteressados — excepção feita de alguns poucos que consideram o inglez seu protector enviado por Deus — receberam essa infracção com palavras de condemnação. Os srs. Churchill e Chamberlain classificaram o assalto de acto heroico, digno de figurar ao lado dos grandes feitos do passado inglez (discursos parlamentares), e o sr. Churchill descobriu para o mesmo, finalmente, a attenuante de „quebra de neutralidade technica". Ainda hoje, a discussão gira em torno da questão, se um paiz neutro deverá permittir ou não o transporte de prisioneiros de guerra pelas suas aguas territoriaes. A Inglaterra a nega, em contraste com a Noruega e a Allemanha, isto é, ella a nega h o j e! Ha seis semanas atrás, ella era de outra opinião, conforme prova o seguinte telegramma da Havas, datado de 21. 1.: „A Inglaterra alcançou hontem uma grande victoria sobre a Allemanha. O Panamá resolveu entregar aos inglezes o allemão von Appen, antigo representante da Hamburg Amerika-Linie, capturado a bordo do „Düsseldorf", e que fugira naquelle navio com a intenção de ficar no Panamá." Por conseguinte, os inglezes têm o direito de conduzir presos através de aguas neutras e mesmo de reclamar de volta um refugiado a um paiz neutro, e a Havas annuncia aos quatro ventos uma „grande victoria" da Inglaterra! Algumas semanas mais tarde, virou-se o espeto, de vez que ahi os presos eram inglezes!

Sossobra o „Courageous" torpedeado — Reproduzimos aqui duas photographias interessantes do afundamento do navio porta-aviões „Courageous" por um submarino allemão. Embora o torpedeamento se tivesse verificado já em 17 de setembro de 1939, só agora a Censura britannica permittiu a respectiva publicação.

Lentamente o colosso se inclina para o lado.

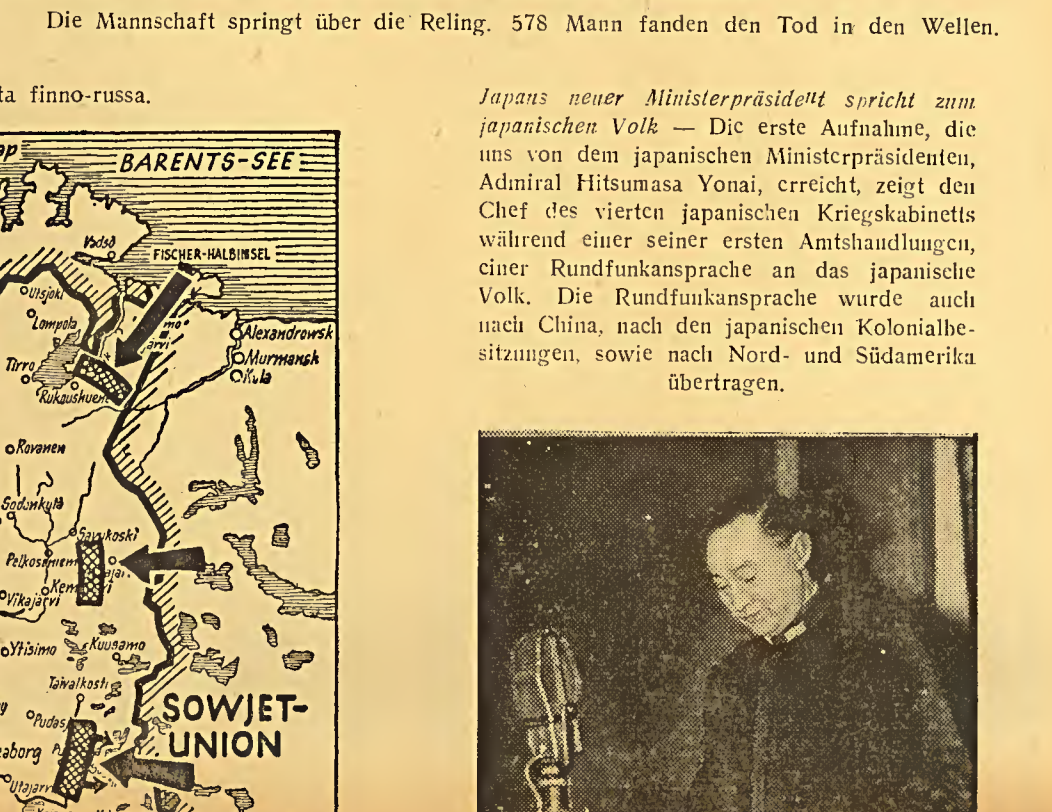


A tripulação salta de bordo, procurando salvar-se. Pereceram no mar 578 homens.



Die torpedierte „Courageous" sinkt — Zwei interessante Bilder von der Versenkung des britischen Flugzeugträgers „Courageous" durch ein deutsches U-Boot. Obwohl die Versenkung bereits am 17. September 1939 erfolgte, wurden diese Bilder erst jetzt von den britischen Zensurstellen freigegeben.

Langsam neigt sich der Koloss zur Seite



Die Mannschaft springt über die Reling. 578 Mann fanden den Tod in den Wellen.

Dous citadissimos politicos britannicos — O cliché mostra o actual Primeiro Ministro Chamberlain e seu antecessor Mr. Baldwin. Este ultimo é proprietario de uma grande empresa industrial que trabalha estreitamente com a fabrica de armamentos Vickers Limited. Segundo consta, os lucros da empresa Baldwin teriam assumido proporções gigantescas nestes ultimos tempos.

Zwei vielgenannte britische Politiker — Auf diesem Bild sehen wir den gegenwärtigen Premierminister Chamberlain und seinen Vorgänger Mr. Baldwin. Mr. Baldwin ist Besitzer eines eigenen grossen Konzerns, der sehr eng mit der Rüstungsfirma Vickers Limited zusammenarbeitet. Die Gewinne des Baldwin-Konzerns sollen in der letzten Zeit riesige Ausmasse angenommen haben.

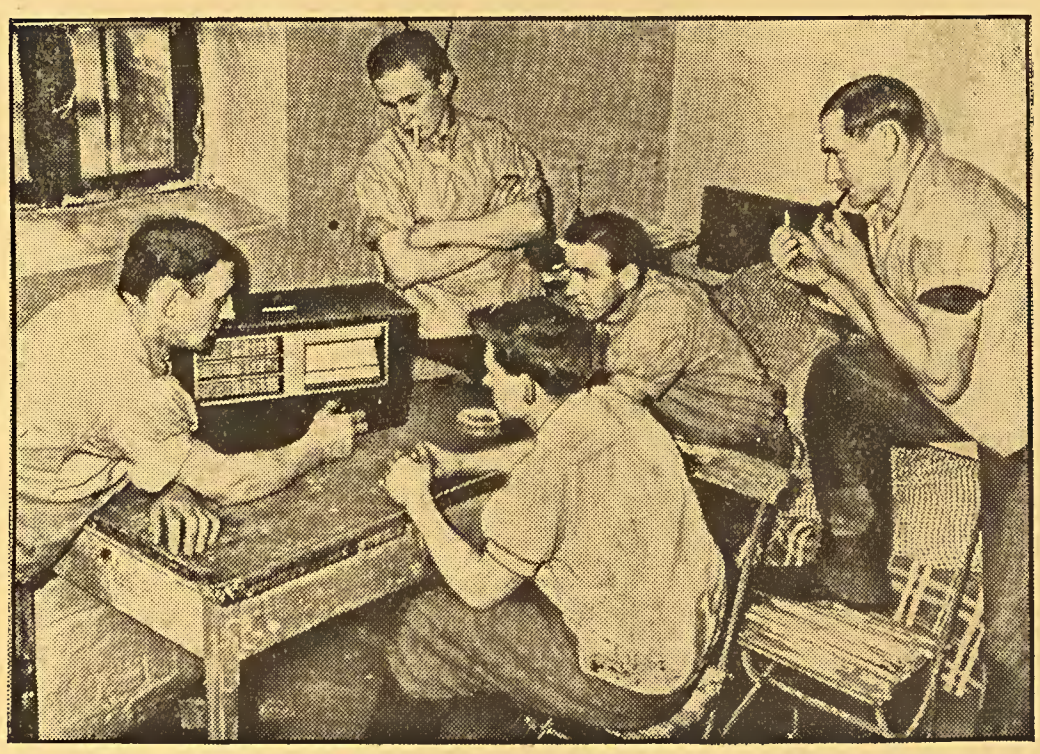
O scenario da luta finno-russa.

Der finnische Kriegsschauplatz.

Japans neuer Ministerpräsident spricht zum japanischen Volk — Die erste Aufnahme, die uns von dem japanischen Ministerpräsidenten, Admiral Hitsumasa Yonai, erreicht, zeigt den Chef des vierten japanischen Kriegskabinetts während einer seiner ersten Amtshandlungen, einer Rundfunkansprache an das japanische Volk. Die Rundfunkansprache wurde auch nach China, nach den japanischen Kolonialbesitzungen, sowie nach Nord- und Südamerika übertragen.

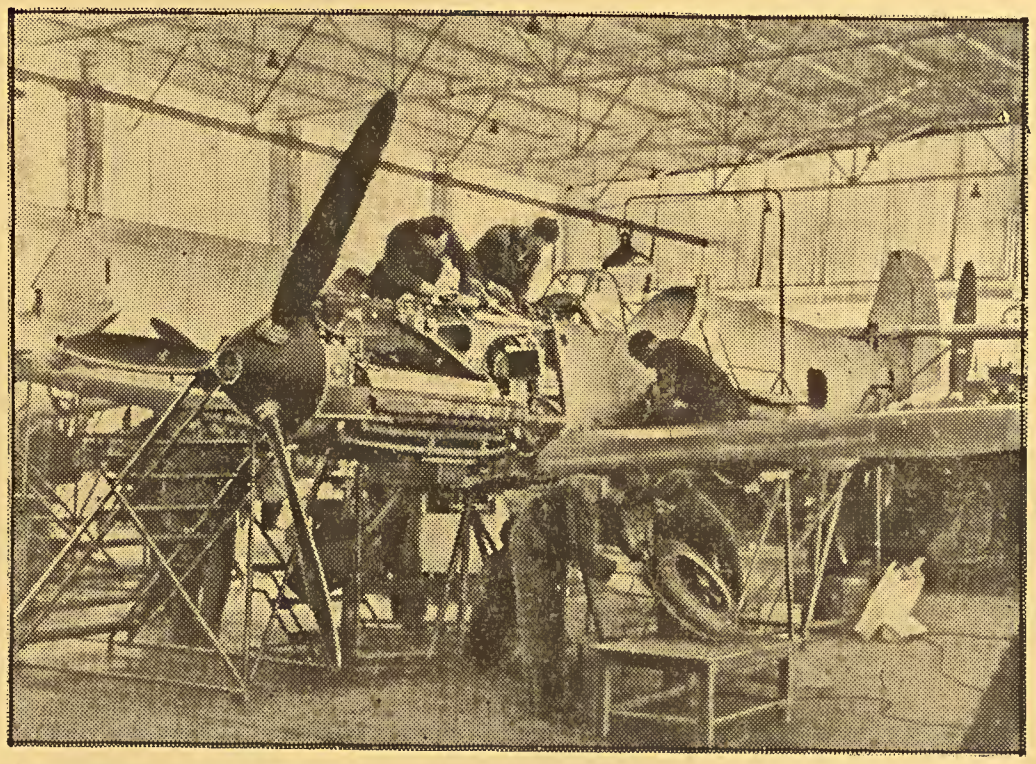
O novo presidente do Ministerio japonez falando ao povo nipponico. Reproduzimos aqui a primeira photographia que nos é fornecida do presidente do Ministerio japonez, almirante Hitsumasa Yonai, simultaneamente chefe do quarto Gabinete de Guerra nipponico. Vemol-o aqui falando ao povo japonez, proferindo um discurso que foi irradiado para a China e as possessões coloniaes nipponicas e retransmittido para toda a America.

Hermann Göring falou aos trabalhadores ruraes allemães — O presidente do Ministerio allemão, general-marechal Hermann Göring, dirigiu-se aos camponezes através do radio. O ministro do Reich e chefe dos lavradores Darré havia determinado, que toda a população rural ouvisse a allocução de Goering, em agrupamentos ou grandes auditorios. A photographia reproduzida mostra jovens camponezes junto a um radio-receptor.



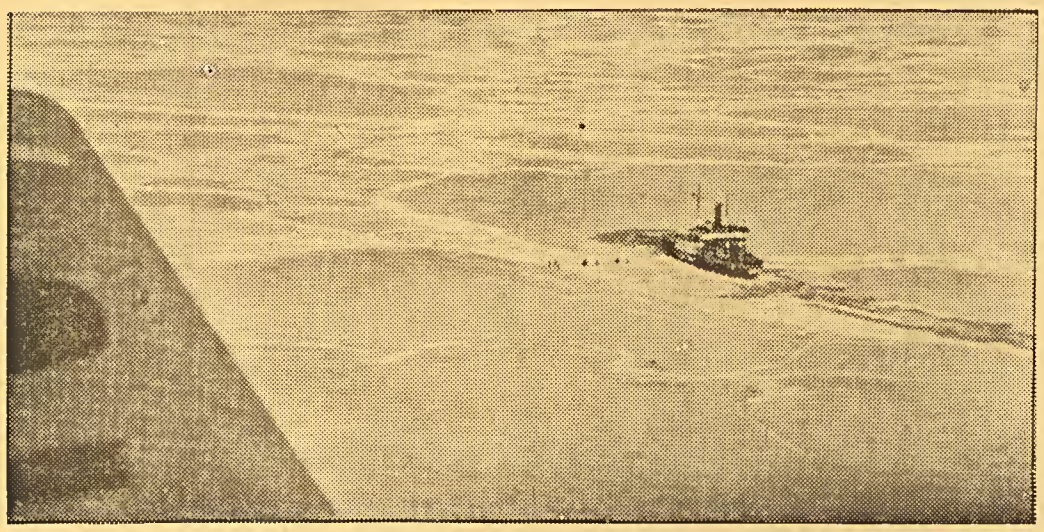
Hermann Göring sprach zum deutschen Landvolk — Ministerpräsident Generalfeldmarschall Hermann Göring richtete sich durch den Rundfunk mit einer Ansprache an die deutschen Bauern. Reichsbauernführer Reichsminister Darré hatte Anweisung gegeben, dass die gesamte Landbevölkerung die Ansprache des Generalfeldmarschalls im Gemeinschafts- oder Gruppenempfang hört. — Unser Bild zeigt Bauern am Lautsprecher.

Montagem do melhor avião de caça do mundo — O avião de caça allemão Messerschmitt Me 109 de um assento tem provado, em innumeros combates aéreos, que este caçador é consideravelmente superior aos seus adversarios, sendo portanto o melhor avião do mundo e de sua classe. O cliché dá uma idéa da producção em série dos famosos Me 109.



In der Geburtsstätte des besten Jägers der Welt — Der deutsche Jagdeinsitzer Messerschmitt Me 109 hat in unzähligen Luftkämpfen bewiesen, dass dieser deutsche Jäger seinen Gegnern weit überlegen ist und das beste Flugzeug der Welt und seiner Klasse darstellt. — Diese Aufnahme aus einer Werkstätte der Messerschmitt-Werke gibt einen Ausschnitt vom Grosserienbau des Messerschmitt-Jagdeinsitzers Me 109.

A Dinamarca completamente cercada de gelo. — Ha muitos annos já, que a Dinamarca desconhece um inverno tão rigoroso como este pelo qual acaba de passar. Depois de interrompida a navegação entre as ilhas e a Jutlandia, o trafego passou a ser feito por via aérea. A photographia reproduz um trecho do Cattegat encouraçado de gelo e visto de aéroplano. O navio quebra-gelo „Ferris" rompe vagorosamente o caminho através do lençol de agua congelada. Os minusculos pontos escuros representam membros da tripulação, que mareham ao lado da embarcação para se aquecerem.



Dänemark total eingefroren — Dänemark erlebte in diesem Winter den strengsten Frost seit vielen Jahren. Nach der Stillegung der Schiffahrt zwischen den Inseln und dem jütischen Festland wurde der Verkehr nur noch durch den Flugdienst aufrechterhalten. Unser Bild gewährt einen Blick vom Flugzeug aus auf das eisgepanzerte Kattegatt. Die Eisbrecherfähre „Ferris" bahnt sich langsam ihren Weg durch das Eisfeld. Einige Besatzungsmitglieder laufen neben dem Schiff her, um sich aufzuwärmen.

A luta em torno do „kilt" — O tradicional saiote escossez de tecido xadrez multicor forma, presentemente, o objecto de discussão em toda a Escossia, apaixonando toda a gente. O caso é que o Ministerio da Guerra em Londres ordenou, que para o futuro os regimentos escossezes passassem a usar calças cakis, como os demais corpos da tropa ingleza, substituindo assim os absoletos „kilts". Fundamenta-se a medida, affirmando que o saiote escossez representa um empecilho na guerra moderna. Somos, entretanto, de opinião, que o saiote não atrapalhará a vida dos bretões, nem mesmo no porvir.

Es geht um den „Kilt" — Das weltbekannte buntkarierte Schottenröckchen steht augenblicklich im Mittelpunkt einer Auseinandersetzung, der ganz Schottland mit leidenschaftlicher Anteilnahme folgt. Vom Londoner Kriegsministerium wurde nämlich angeordnet, dass in Zukunft die schottischen Regimenter an Stelle ihres traditionellen „Kilt" die in der britischen Armee üblichen Khakihosen tragen, mit der Begründung, dass der Schottenrock im modernen Krieg ein hinderndes Kleidungsstück sei. Man könnte aber der Meinung sein, dass das Röckchen auch in Zukunft das Etappenleben in Frankreich nicht stört.

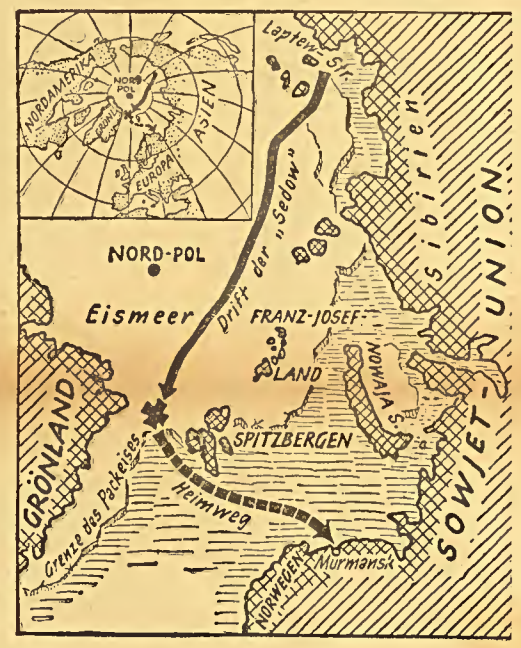
Construcção de uma tubagem para transporte de petroleo na estação limitrophe de Przemysl. Este encanamento destina-se a conduzir petroleo da União Sovietica para a Allemanha, de accordo com o convenio commercial teuto-sovietrusso.

Bau einer Oelleitung auf dem Grenzbahnhof Przemysl — Für die Oeltransporte, die Deutschland auf Grund des deutsch-sowjetrussischen Wirtschaftsabkommens aus der Sowjetunion erhält, wird hier eine neue Oelleitung auf dem Grenzbahnhof Przemysl gelegt.

Hitler em visita ao chefe da Organização do Reich Dr. Ley, a quem foi felicitar pela passagem do seu 50.º anniversario natalicio.

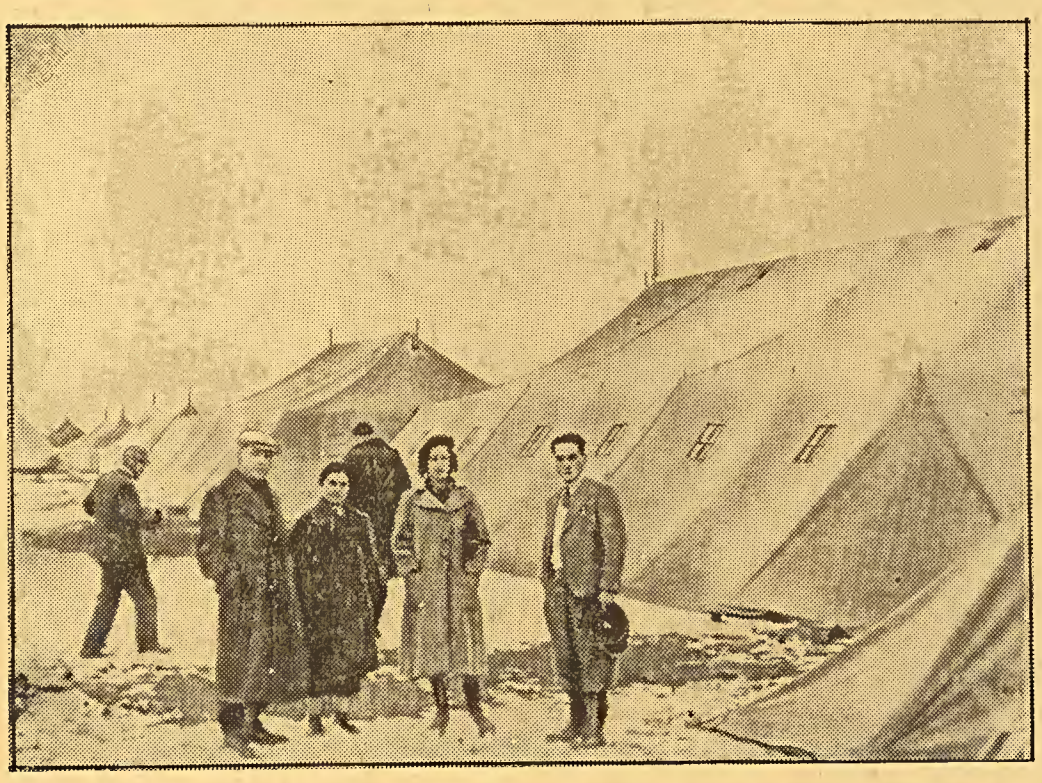
Der Führer gratulierte Reichsorganisationsleiter Dr. Ley zum 50. Geburtstag.

Dous annos no meio do gelo polar. — O navio expedicionario russo „Sedow", que havia seguido para a região polar, afim de proceder a investigações scientificas, e que se vira cereado de gelo durante 26 mezes, foi agora alcançado pelo navio quebra-gelo „Josef Stalin", a 81 graus de latitude, entre a Groenlandia e Spitzbergen.



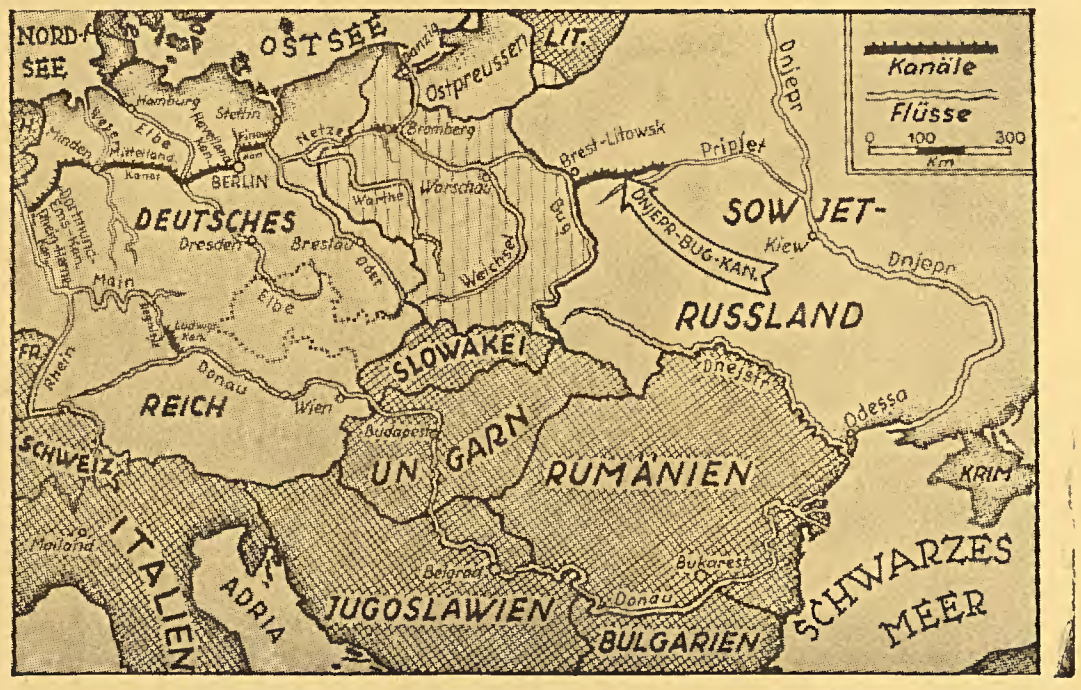
Zwei Jahre im Polareis — Das russische Expeditionsschiff „Sedow", das sich zu wissenschaftlichen Forschungen in das Polargebiet begeben hatte und 26 Monate lang im Eis eingeschlossen war, ist jetzt von dem russischen Eisbrecher „Josef Stalin" am 81. Breitengrad zwischen Grönland und Spitzbergen erreicht worden. Das Schiff ist vom Laptew bis zum Grönländischen Meer gedriftet, und das in Breitengraden, die, seit sie Nansen auf seiner „Fram" erreicht hat, nie wieder befahren wurden.

Zona assolada pelo terremoto na Turquia — Apresentamos aqui um acampamento de tendas na zona da Anatolia attingida pelo terremoto, em que foi abrigada a população victimada pelo cataclysmo, amenizando-se-lhe assim sua sorte neste rigoroso inverno europeu.



Aus dem türkischen Erdbebengebiet — Ein Zeltlager im Erdbebengebiet Anatoliens, das für die von der Katastrophe betroffene Bevölkerung zum Schutz gegen die strenge Kälte errichtet wurde.

Der Dnepr-Bug-Kanal wird beschleunigt ausgebaut. Die Arbeiten zur Wiederherstellung des Dnepr-Bug-Kanals sind bereits in vollem Gange. Die früher vielbefahrene, von den Polen systematisch vernachlässigte Kanalstrecke durch das Gebiet der Pinsker Sümpfe ist das Bindeglied des Wasserweges vom Schwarzen Meer zur Ostsee.



Accelera-se a construcção do canal Dnjepr-Bug — As obras de reconstrucção deste canal proseguem em marcha accelerada. Este canal através dos pantanos do Pinsk, outrora muito usado e systematicamente desleixado pelos polonezes, representa a via fluvial de ligação entre o Mar Negro e o Mar Baltico.

M. DE VASCONCELLOS — HELMUT ANDRÄ, NITERÓI:

Weltumsegler, Naturforscher, Seelenverkäufer und Diplomat

BEITRÄGE ZUM LEBENSBILD DES OBERSTLEUTNANTS RITTER DR. G. ANT. v. SCHÄFFER

(Schluss)

Es ist klar, dass der politisch so schlecht Disziplinierte aus der Ferne die rasche konstitutionelle Entwicklung, die sich in Brasilien vollzog, nicht begreifen konnte, viel weniger noch den Geist der neuen Gesetze seines Wahlvaterlandes, deren grössten Teil er nicht einmal gelesen hatte. Diese Tatsachen, verbunden mit dem Umstand, dass G. A. Schäffer ein alter Militär war, dem Trunk und dem Abenteuer ergeben, mit der Seele eines Bohemien und gütigen Herzens, genügen, um den wahren Ursprung vieler seiner Verstösse und Berufsfehler aufzudecken und ihn von manchen Fehlern freizusprechen. Es erscheint sogar, als ob der Kreis der der Sache Brasiliens nützlichen Männer über keinen verfügte, der besser als er in den aristokratischen Kreisen der deutschen Staaten eingeführt war und die Irrwege der Politik der Heiligen Allianz und ihrer deutschen Trabanten genauer kannte.

Im Dezember 1825 beauftragte ihn der Senat Hamburgs, S. Majestät, dem Kaiser, eine Glückwunschadresse anlässlich der Unterzeichnung des Friedensvertrages mit Portugal zu übermitteln. Bei dieser Gelegenheit wiederholte Schäffer, die Republik Hamburg erwarte von der kaiserlichen Regierung alle dieselben Privilegien und Freiheiten des Handels und der Schiffahrt, die sie seit langem in Brasilien genoss, ebenso wie die Bestätigung für Ten Brink (Christian Ten Brink, Hannoveraner, Kaufmann in Rio, Mitgründer der Germania (1821), hansestädtischer Vizekonsul, später Generalkonsul, neben Karl Heinrich Hindrichs, dem Gründer der Germania, war er einer der drei Ausländer, die 1822 zu den ersten Brüdern der hochpolitischen Freimaurerloge „Apostolado da Nobre Ordem dos Cavalleiros de S. Cruz" gehörten, aus der später mehrere bekannte Logen hervorgingen und deren Archonte Rei kein Geringerer als D. Pedro selbst war, der auch Persönlichkeiten wie José Bonifacio, sein Bruder Antonio Carlos, Ledo, José Clemente u. a. angehörten. Brink starb 1852 in Rio. — H. A.), den zum Generalkonsul beförderten Vizekonsul.

Wenig später erkannte der Bürgermeister von Bremen im Namen des Senates Schäffer in der Eigenschaft als Politischen Agenten Brasiliens an und erklärte sich bevollmächtigt, Verhandlungen zu einer gegenseitigen Hebung der Schiffahrt und

des Handels zwischen Brasilien und der Freien Stadt

zu eröffnen. Der Syndikus von Hamburg indessen, trotz der bereits bekundeten Sympathieäusserungen für die kaiserliche Regierung, wollte den von Schäffer vorgewiesenen Ausweisen weder den Wert eines Patentbriefes für den Posten eines Konsuls noch eines diplomatischen Beglaubigungsschreibens zuerkennen.

Auf seiner Wallfahrt in der Runde der niederdeutschen Staaten und Hansestädte kam er bis nach Oldenburg, wo der Herzog, obwohl sehr förmlich, ihn auch zu Tisch empfing, ihm aber bekannte, dass erst eine positive Erklärung des Deutschen Bundestages in Frankfurt über die Anerkennung des Kaiserreiches erfolgen müsse, ehe er seiner sehr aufrichtigen Sympathie für die Sache Brasiliens offen Ausdruck geben könne.

Die Eröffnungen, die ihm hier gemacht wurden, waren recht bedeutungsvoll und die Dienste, die G. A. Schäffer so dem Kaiserreiche leistete, dürfen nicht vergessen werden, so schwer auch Anklagen bezüglich der Art, wie er dort viel Leute für die Truppe rekrutierte und Einwanderer warb, ihn belasten mögen.

Das Tätigkeitsfeld Schäffers umfasste damals Hannover, Braunschweig, Oldenburg, Waldeck, Lippe, Mecklenburg-Strelitz, Holstein und die Freien Hansestädte. Der Major wünschte es noch zu der Zeit auszudehnen, als Bremen ihn bereits als Geschäftsträger anerkannt hatte und Hannover ein übriges tun wollte, falls S. Britische Majestät in seiner Eigenschaft als König von Hannover dies gestatte.

Der Senat von Hamburg hatte damals gleichfalls Verhandlungen mit Schäffer aufgenommen, der sich, wie stets, recht hoffnungsvoll zeigte. Die Tätigkeit dieses politischen Agenten Brasiliens wurde unter besonderen Bedingungen durchgeführt. Schäffer verfügte für den guten Verlauf seines Unternehmens lediglich über einen wirklich günstigen Umstand: die österreichische Nationalität der Kaiserin Brasiliens. Und um diese Tatsache liess der Major seine Bemühungen um die Anerkennung des Kaiserreiches von seiten dieser Herzog-, Grossherzog- und Fürstentümer, Königreiche und Freien Städte deutschen Stammes kreisen, die, als Block, grosses politisches Gewicht hatten. Derselbe Umstand erleichterte ihm auch die Werbung von Leuten für die Linientruppen, Menschen, die damals in Erwartung selbst einer Werbung als Söldner herumstreiften, die aber nicht in die weite Ferne gezogen wären, wenn man sie nicht mit dem Hinweis auf die Schutzherrschaft der Kaiserin ermutigt hätte. Desselben überzeugenden Mittels bediente sich Schäffer auch öfters, um den Aengstlichsten unter denen, die er in Brasilien dem Handwerk oder der Landwirtschaft zuführen wollte, einige Hoffnung auf gute Aufnahme in so entlegenen Ländern zu machen. Von diesen Leuten, die, eingelullt von den einschmeichelnden Versprechen Schäffers, nach hier kamen, sind Schriftstücke vorhanden, die den Agenten des besonderen Vertrauens S. Majestät des Kaisers auf das fürchterlichste anklagen. Diese Schmähschriften haben allerdings einen grossen Geburtsfehler: sie stammen von Leuten, die sie schrieben, um aufs Tiefste den zu verletzen, als dessen schutzlose Opfer sie sich ausgaben. Es ist natürlich, dass sie viele unwahre Aussagen enthalten, mehr oder weniger wissentlich erhoben. Nur eine namentliche Nachprüfung von Einzelwesen und Familien, die in Gruppen auf Schäffers Veranlassung nach Brasilien kamen, könnte mit Gerechtigkeit ergeben, welche Sorte Menschen er zur Auswanderung bewegte und den Einfluss aufzeigen, den sie im nationalen Leben ausüben sollten.

„Die Anstrengungen, die ich gemacht habe, um Seiner Kaiserlichen Majestät zu dienen und die Mittel, die ich in dieser Absicht angewandt habe, zogen mir das Uebelwollen vieler Feinde, die ich kenne, und anderer unbekannter zu," wiederholte er in einem Dienstschreiben vom März 1826, als er erneut um Weisungen bat, die ihn befähigen sollten, die Befehle S. Kaiserlichen Majestät zufriedenstellender zu erfüllen.

In der Tat, er wurde nur sehr spät über die Absichten der Regierung auf dem Wege über die Vertretung in London unterrichtet und fuhr deshalb fort, nach freiem Ermessen zu handeln, zum Teil infolge seiner Temperamentsveranlagung und seiner politischen Erziehung, vor allem aber durch die Schuld seiner Vorgesetzten.

Zu dieser Zeit erreichte er schliesslich die Anerkennung des Kaiserreiches von seiten Bremens und Hannovers; aber Hamburg widersetzte sich noch mit verächtlichen Ausflüchten. Schäffer erklärte nun, die Erfahrung beweise die Notwendigkeit weitgehenderer Vollmachten für ihn, um den Konsulardienst in so bedeutenden Handelsstädten zu regeln, um die Agenten, die er dafür auswählen würde, ernennen, versetzen, entlassen usw. zu können. In der Tat waren die Bedingungen, unter denen er die Einsetzung dieser brasilianischen Amtspersonen erreichte, besonderer Art; sie erforderten oft rasche Lösungen und radikale Massnahmen. Und Schäffer, erzogen im ausgeprägtesten Absolutismus und dem Befehlen sehr zugetan, unterbreitete diese Vorschläge, dessen gewiss, dass S. Kaiserliche Majestät ihm derartige Vorrechte einräumen könne ohne flagrante Verletzung von Grundsätzen, deren Tragweite er nicht erkannte, so fremd waren sie seiner politischen Erziehung.

———

Trotz der Unterstützung, die Oesterreichs Gesandter in Hamburg Schäffer angedeihen liess, hatte die Freie Stadt sich noch nicht entschlossen, seine Beziehungen zu dem Kaiserreich zu regeln. In einem Dienstschreiben an Santo Amaro, Minister des Aeussern, erklärt Kalkmann, der von Schäffer für Hamburg ernannte Konsul (Wir wissen nicht, ob dieser brasilianische Konsul personengleich ist mit einem Kalkmann, von dem Sommer berichtet (Volk und Heimat, 1937): „Ernst v. Eschwege segelte 1814 auf einem vom Handelsherrn Kalkmann beladenen Schiffe, der sich bei der gleichen Gelegenheit einschiffte, von Rio nach Bremen ab." Und weiter unten: „Im gleichen Jahre (1826) treffen wir L. F. Kalkmann als brasilianischen Vizekonsul in Bremen." — H. A.), Brasilien könne grosse Vorteile aus einer Verengung seiner Handelsbeziehungen zu dieser Freien Stadt ziehen, deren Handelsflotte die europäischen Gewässer nur auf Anregung der Vereinigten Staaten verlassen habe, welche ihre Lebensmittel gegen Tuchwaren eintauschten. Wenn Brasilien diesem guten Beispiele folge, würde es vermeiden, dass der Verbrauch von brasilianischen Waren in dieser und den anderen Freien Städten durch Erzeugnisse englischer Herkunft ersetzt würden und auch dann nur von Waren, die nicht gleichfalls in den britischen Kolonien hergestellt würden.

Kalkmann meinte, dass die Errichtung eines direkten Handelsweges das einzige Mittel sei, die brasilianische Produktion von dieser erdrückenden Konkurrenz zu befreien, was auch die Vereinigten Staaten zu ihrem Wohle getan hätten. Er erinnerte daran, dass die Preise der Produkte Brasiliens im vergangenen Jahre übermässig gestiegen seien, auf Grund von

Spekulationen englischer Zwischenhändler.

Das ordnungswidrige und zuweilen griesgrämige Verfahren Schäffers hatte eine einschränkende Haltung der Legation in London ausgelöst, die alle Geschäfte Brasiliens in Europa beaufsichtigte. Deshalb äusserte Schäffer Feindseligkeit gegen Itabayana, der von ihm genaue Rechnungsablage forderte und seiner diplomatischen Tätigkeit keinerlei Wert beimass. In der Tat besass Schäffer keine klare Vorstellung von der politischen Aufgabe, die er zu erfüllen sich bemühte, und kannte selbst nicht einmal die Anfangsgründe des Menschenrechtes; anderseits war aber Itabayana ein Diplomat alter Schule, ein sehr förmlicher und unfehlbarer Vollzieher von Befehlen, der gerade deshalb eine etwas zu enge Vorstellung von diplomatischen Aufgaben besass. Die beiden verstanden sich nicht, konnten sich auch nicht verstehen, auch deshalb nicht, weil Itabayana von Rio Ermahnungen bezüglich Schäffers erhielt, die sich übrigens zum Teil auf innerpolitische, die Person des Kaisers betreffenden Vorgänge bezogen, dann erhielt er auch aus Europa selbst zahlreiche Beschwerden über den Major und einige Bitten um Entschädigungen.

Sicherlich lag in all diesen Anklagen viel Wahrheit; sie enthielten aber auch Verleumdungen, die aus Unkenntnis oder Berechnung gegen Schäffer erhoben wurden.

Zu jener Zeit hatte die Regierung bereits Rademaker zum Konsul bei den Freien Städten ernannt und gab dem Major bestimmte Befehle, keine Kolonisten mehr zu senden, weder nichtautorisierte Ausgaben zu machen, „die unbehinderte Ausübung der Konsularfunktionen dem mit Wohnsitz in Hamburg ernannten Handelsagenten überlassend."

Die Ersetzung Inhambupes durch Queluz im Aussenministerium brachte nun eine Besserung der Lage Schäffers, der jetzt zum Geschäftsträger bei dem Deutschen Bundestag berufen wurde und erneut Auftrag erhielt, „Leute für den Dienst dieses Kaiserreiches" zu entsenden. In dieser Zwischenzeit erbat Schäffer sechs Monate Urlaub, um nach Brasilien zu kommen und Mitteilungen grösster Wichtigkeit zu machen. Die Regierung bewilligte sofort sein Gesuch; aber Schäffer kam erst am 2. Juli 1828 in Rio an. Und damit fand die Kommission, die ihn im August 1822 nach Europa geführt hatte, ihren Abschluss. Und noch nicht einmal den Lohn erhielt er, dass sein Name durch irgendeinen Flecken oder ein Städtchen im Küstengebiet Santa Catharinas festgehalten wird, wo, zu unserem Wohle, ein gedeihliches, glückliches Leben so viele Nachkommen der nützlichen und gesunden Menschen führen, die von Schäffer für Brasilien rekrutiert wurden. (Das ist in Verbindung mit Schäffer nicht zutreffend. Die deutsche Einwanderung in den 20er Jahren des vorigen Jahrhunderts in Santa Catharina ist ganz unbedeutend und blieb auf einen in der Hauptsache missglückten Kolonisationsversuch beschränkt. Auch nach Auflösung der deutschen Soldtruppen in Rio erhielt Santa Catharina keinen nennenswerten deutschen Zuzug (vergleiche meine Aufsatzreihe „Die deutsche Einwanderung nach Brasilien 1820—1885, Deutscher Morgen, Folge 29, 30, 31 — 1939). Dr. Blumenau und der Hanseatischen Kolonisationsgesellschaft verdankt das catharinenser Deutschtum vor allem seine jetzige Blüte. — H. A.)

———

Eustaquio de Mello Mattos hielt sich bereits seit geraumer Zeit im Auftrage der Regierung in Europa auf, um sich als Ingenieuroffizier zu vervollkommnen, als er an einem Tage des Jahres 1825 durch ein vom Schwiegervater, dem späteren Marquez de Cachoeira, Luiz José Carvalho e Mello, damaligen Aussenminister, unterzeichnetes Dienstschreiben überrascht wurde, das ihm seine Ernennung zum Posten eines Politischen Agenten im Grossherzogtum Mecklenburg-Schwerin mitteilte. Mello Mattos reiste sofort von Venedig nach Paris in der Absicht ab, die Reise sobald wie möglich nach Deutschland fortzusetzen; er sah sich aber gezwungen, vorher die Legation in London anzurufen, da ihm die Mittel ausgingen, um seinen Posten erreichen zu können. Aus London antwortete ihm darauf Gameiro Pessoa, er habe noch keine bestimmten Aufträge in dieser Angelegenheit erhalten und weigere sich entschieden, den nachgesuchten Reisezuschuss zu bewilligen, obwohl es sich um einen Schwiegersohn des Ministers handelte. Das verzögerte sehr die Abreise Mello Mattos, aber im September teilte er bereits von Brüssel der Regierung von Rio mit, der Grossherzog von Mecklenburg-Schwerin würde ihn nur nach der Anerkennung der Unabhängigkeit des Kaiserreiches durch Oesterreich und andere deutsche Bundesstaaten als Politischen Agenten Brasiliens empfangen. Mello Mattos begnügte sich deshalb, nach Hamburg zu reisen und Schäffer zu unterstützen, der recht krank war, Brustleiden. Es erscheint fast, als ob der Hauptzweck seiner Ernennung gewesen wäre, de visu den Ursprung der ständigen Beschwerden festzustellen, welche der Regierung infolge Uebergriffen des anderen zugingen. Bald nach dem Eintreffen Mello Mattos' in Hamburg schlug der Gesandte Schwedens dem Agenten Brasiliens die Auswanderung vieler Untertanen seines Königs vor, welche Zuchthausstrafen abbüssten. Eu-

Das lachende Gesichtchen
Ihres Kindes kann blass und trüb werden, wenn die Diarrhoe den kleinen Körper Ihres geliebten Kindes angreift.
Geben Sie darum beim ersten Anzeichen von Diarrhoe Ihrem Kinde Eldoformio-Tabletten, die ein Erzeugnis der Firma »Bayer« und gleich gut für Kinder wie Erwachsene sind.
BAYER
Eldoformio
Tabletten
die sowohl Kindern wie Erwachsenen helfen.

staquio Adolpho fand den Vorschlag bis zu einer gewissen Grenze sofort annehmbar, aber, da Schäffer in diesem Falle nicht entscheiden wollte, schrieb er nach London und dann nach Rio und legte dar, unter welchen Bedingungen er den schwedischen Vorschlag für vortcilhaft halte. Der Briefwechsel Mello Mattos lässt in dieser Hinsicht

G. A. Schäffer frei von gewissen Anschuldigungen

ihn, der immer noch angeklagt wird, nach Brasilien einen Trupp Schweden, aus den Gefängnissen geholte Verbrecher, und einen anderen Trupp deportierter Neapolitaner, die aber bereits 1820 eintrafen, ehe Schäffer in brasilianische Dienste trat, auf den Weg gebracht zu haben.

Mello Mattos blieb in Hamburg und erhielt dort im Mai 1826 Nachricht, dass der Grossherzog von Mecklenburg-Schwerin ihn endlich als diplomatischen Agenten Brasiliens empfangen würde; nun aber weigerte er sich unter dem Vorwand, krank zu sein und verblieb weiter in der Freien Stadt, ganz in Anspruch genommen von dem Wunsche, das Geheimnis einer grossen heimlichen Sendung von Hieb- und Feuerwaffen nach Pernambuco zu entschleiern und die Auswanderungsgeschäfte in der Abwesenheit Schäffers zu regeln, der, recht krank, durch den Obersten Hanff (Vielleicht personengleich mit dem beim 2. Grenadierbataillon der 1. Linie in Rio als „Graduierter Oberst Hanft" aufgeführten Offizier, von dem Fr. Sommer noch erwähnt: „Von Rittmeister Hanft... berichtet Schlichthorst, er habe im deutschen Freiheitskampfe eine Rolle gespielt und sein Bild sei, in Kupfer gestochen, verbreitet worden. Er soll es verstanden haben, sich beim Kaiser in Gunst zu setzen. Im Frontdienst soll er wenig geleistet haben, doch soll er mit der Aussicht, in den brasilianischen diplomatischen Dienst aufgenommen zu werden, nach Europa zurückgekehrt sein. Er ist aber bald darauf in Hamburg gestorben." — H. A.) ersetzt worden war.

Ueber diesen neuen Agenten Brasiliens äusserten sich die Gesandten Oesterreichs und Russlands ihren Regierungen gegenüber bald „mit ziemlicher Bitterkeit" und es scheint, als ob andere ausländische Vertreter aus den diplomatischen Kreisen Hamburgs ähnliche Erklärungen abgaben; aber Eustaquio Adolpho liess nach Rio wissen, Hanfft geniesse in der Tat „keinerlei Achtung bei den massgebenden Leuten, ohne gehasst zu sein", aber das geringe Volk vergöttere ihn. Dieser Oberst Hanfft war nach Brasilien im Auftrage des Grossherzogs von Mecklenburg-Schwerin gekommen, einen Einwanderertrupp zu geleiten; aber kaum in Rio eingetroffen, trat er in die Dienste S. Majestät des Kaisers über und kehrte wenig später als Gehilfe Schäffers nach Hamburg zurück. Auf der Rückreise führte er Briefe und Empfehlungen der kaiserlichen Familie für den Wiener Hof mit sich; aber der österreichische Gesandte in Hamburg beeilte sich, Metternich von allem zu unterrichten und erhielt bestimmten Befehl, Hanfft und selbst Schäffer Pässe zu verweigern. Mello Mattos erklärte in einem Dienstschreiben nach Rio, dies sei sicherlich auf das „unpassende Verhalten jener zwei Offiziere" zurückzuführen und gab ausserdem Bericht von Aufsätzen über Brasilien, die mit einer gewissen Regelmässigkeit in den Zeitungen erschienen, übermässig giftig zum grössten Teil, und wiederholte den Hinweis auf die Zwecklosigkeit seiner diplomatischen Tätigkeit allein in Mecklenburg-Schwerin, wo er überdies noch nicht akkreditiert sei und wo es noch nicht einmal einen diplomatischen Kreis gebe.

Schäffer, der sich krankheitshalber und auch deshalb aus Hamburg entfernt hatte, um den Gläubigern zu entgehen, unter denen ein Schuster besonders hartnäckig war, hatte keinerlei Einfluss auf die Tätigkeit, die Rademaker, Brasiliens Konsul, bald nach seiner Ankunft, Anfang 1827, in der Freien Stadt entfaltete; aber der Ruf von seinen und Hanffts Uebergriffen hinderte sehr die Tätigkeit des Konsuls, unterstützt durch Mello Mattos. Zu dieser Zeit wählte der Senat von Hamburg den Syndikus Sieveking zum Sonderbevollmächtigten für Rio, um einen Handelsvertrag mit Brasilien abzuschliessen; er sollte sofort abreisen, um sich in Paris mit seinem Reisegefährten, dem Senator Gildemeister, zu treffen, der von der Freien Stadt Lübeck beauftragt war, mit der brasilianischen Regierung ähnliche Verhandlungen aufzunehmen.

Der Major Schäffer hielt sich noch in Hannover auf, als er die Nachricht vom Tode der Kaiserin Leopoldina erhielt und liess sofort eine Totenmesse für I. Majestät lesen; aber der Gesandte Oesterreichs, der ihn nicht schonte, drückte Mello Mattos und selbst Schäffer sein Befremden aus, „ihm nicht verhehlend, wie ungebührlich er sein Verhalten in Hannover ansehe, denn ein blosser Agent könne ähnliche Feierlichkeiten nicht ohne ausdrücklichen Auftrag seiner Regierung veranstalten", wie Eustaquio Adolpho in seinem Bericht nach Rio wiederholte.

Schäffer mass allerdings dieser Zurechtweisung keine grosse Bedeutung bei und liess in Hamburg eine andere feierliche Messe zum Tode der Kaiserin Brasiliens lesen; jedoch der Gesandte Oesterreichs ging mit seinem formalen Protest über diese weitere Verletzung geheiligter protokollarer Dogmen weiter, und die diplomatischen Kreise der Stadt erschienen nicht zu der religiösen Feier. „Es gibt niemand, der sich nicht gegen die Leichtigkeit, mit der der Major Schäffer sich Befugnisse beimesse, die ihm nicht zustehen, ausgesprochen habe," schloss Mello Mattos sein Dienstschreiben, in dem er der Regierung Bericht von dem schweren Vergehen des leichtsinnigen Majors gab, der aber trotzdem bald danach die ehrenvolle Berufung zum Geschäftsträger beim Deutschen Bundestag erhielt. Schäffer, vor allem und zunächst ein Günstling des Hofes, war nicht rein von Schuld. Von schroffer Gemütsart und leichtsinnigen Sitten war die Zahl seiner während des Aufenthaltes in den deutschen Staaten verübten Uebergriffe nicht gering; aber auch alle Misserfolge seiner Aufgabe wurden ihm zur Last gelegt, und diese Anklagen gegen den Major der Ehrengarde des Kaisers enthielten schwere Irrtümer und viel Abneigung der Hofkamarilla D. Pedros I.

Im Oktober 1826 wies Inhambupe Schäffer an, jegliche Ausgaben einzustellen und sich nicht in die konsularischen Funktionen des Handelsagenten, die Rademaker in Hamburg und den sonstigen Freien Städten ausübte, einzumischen; im April des folgenden Jahres teilte Queluz demselben Schäffer mit, S. Kaiserliche Majestät habe ihn in Berücksichtigung seiner Vorstellungen und um ihm seine Wertschätzung zu beweisen, zu „Seinem Geschäftsträger bei dem Deutschen Bundestag" ernannt.

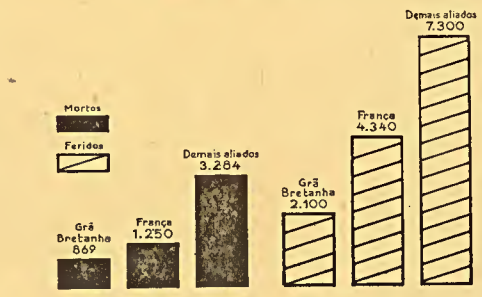
Nur die von D. Pedro im Januar nach seiner Rückkehr von Rio Grande aus Anlass des frühzeitigen Todes der Kaiserin und der politischen Schlafzimmerkämpfe überstürzt durchgeführte Kabinettsumbildung können diese neue Wertung in der Einschätzung der Dienste Schäffers erklären. Mello Mattos, stets beflissen und eifrig in der Erfüllung seiner Pflichten, verblieb im diplomatischen Dienst, 1829 zum Geschäftsträger in Grossbritannien berufen, war er bis 1831 dort und 1833 in Wien als Bevollmächtigter Minister tätig. 1843 im Königreich der Beiden Sizilien akkreditiert, war Mello Mattos der beauftragte Unterhändler bei der Vermählung der brasilianischen Prinzessin D. Januaria mit dem Prinzen D. Luiz Carlos, Conde de Aguila.

Schäffer, mit dem Missgeschick eines unverbesserlichen Bohemien, erwartet noch, dass zumindest das Schild einer Strasse oder Gasse in Joinville oder Blumenau seinen Namen festhält. (M. de Vasconcellos hat sich hier nicht der doch immerhin bemerkenswerten Tatsache erinnert, dass Schäffer von brasilianischer Seite eine Ehrung zugedacht wurde, die schwerer wiegt und mehr bedeutet als ein Schild mit seinem Namen als den einer Strasse oder Gasse in Blumenau oder Joinville. Das Nationalmuseum in Rio hat 18 Säle nach berühmten Forschern benannt, zehn von ihnen tragen deutsche Namen, und neben solchen von Weltruf, wie Spix, Martius, Eschwege, Burmeister, v. d. Steinen und Humboldt, findet sich auch der unseres Schäffers! — H. A.)

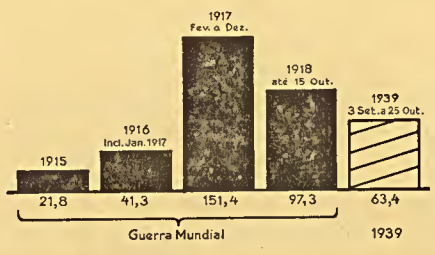
Graphicos demonstrativos do imperialismo britannico e da "guerra economica submarina allemã"

(Extrahidos da revista "Rhein und Ruhr", 3 de Novembro de 1939)

Victimas do imperialismo britannico, na guerra mundial (por 1000)



Media semanal da tonnelagem afundada por submarinos allemães (por 1000 tonneladas brutas)



Englands Seestreitkräfte

Eine Uebersicht über die wichtigsten Einheiten der britischen Flotte

Die folgende Aufstellung zeigt Englands derzeitigen Bestand an grösseren Kampfschiffen. Die britische Flotte verfügte bei Kriegsausbruch über rund 1,5 Millionen Tonnen derartiger Schiffe (1914 waren es 2,2 Millionen Tonnen). Die Einheiten, die im gegenwärtigen Krieg vernichtet oder beschädigt wurden, sind in der folgenden Aufstellung durch vorgesetzte Sternchen gekennzeichnet (soweit bis zum 30. Dezember 1939 bekannt).

	Wasserverdr. in Tonnen	Geschwind. in Knoten	Stapell.
Schlachtschiffe			
Nelson	33.500	23,5	1925
Rodney	33.900	23,5	1925
*Hood	42.100	31	1918
Renown	32.000	31,5	1916
*Repulse	32.000	31,5	1916
Ramillies	29.150	22	1916
Resolution	29.150	22	1916
Revenge	29.150	22	1915
*Royal Oak	29.150	22	1914
Royal Sovereign	29.150	22	1915
*Malaya	31.100	25	1915
Barham	31.000	25	1914
Valiant	31.100	25	1914
Warspite	31.100	25	1913
Queen Elisabeth	31.100	25	1913
5 Schlachtschiffe im Bau, 2 bewilligt			
Monitore (im Weltkrieg für die Beschiessung der flandrischen Küste gebaut)			
Erebus	7.200	12	1916
Terror	7.200	12	1916
Marshal Soult	6.400	6,6	1915
Flugzeugträger			
*Ark Royal	22.600	30,7	1937
Hermes	10.850	25	1919
Eagle	22.600	24	1918
Argus	14.450	20	1917
Furious	22.450	31	1916
Glorious	22.500	31	1916
*Courageous	22.500	31	1916
Vier Flugzeugträger in Bau, einer bewilligt			
Flugzeugmuttersehiffe			
Albatros	4.800	22	1928
Pegasus	6.900	11	1914
Schwere Kreuzer			
*Exeter	8.390	32,2	1929
York	8.250	32	1928
Dorsethire	9.900	32,2	1929
Norfolk	9.850	32,2	1928
Devonshire	9.750	32,2	1927
London	9.750	32,2	1927
Shropshire	9.730	32,2	1928
Sussex	9.730	32,2	1928
Berwick	9.750	31,5	1926
Cornwall	9.750	31,5	1926
Cumberland	9.750	31,5	1926
Kent	9.850	31,5	1926
Suffolk	9.800	31,5	1926
Australia	9.870	31,5	1927
Canbarra	9.850	31,5	1927
Leichte Kreuzer			
*Belfast	10.000	32	1938
*Edinburgh	10.000	32	1938
Manchester, Liverpool, Gloucester	9.300	32	1737
Birmingham, Glasgow, Sheffield, Newcastle,			
*Southampton	9.000	32,5	1936
Aurora, Penelope, Galatea, Arethusa (* ein Kreuzer dieser Klasse vernichtet)	5.200	32,2	1934—36
Hobart, Sydney, Perth	7.000	32,2	1934
*Ajax, Neptune, *Achilles, Orion, Leander rd.	7.000	32,5	1931—34
Effingham, Frobisher, Hawkins	9.800 rd.	30	1917—21
Dispatch, Diomeda, Durban, Dunedin, Delhi, Fountless, Danae, Dragon	4.850	29	1917—19
Capetown, Calcutta, Colombo, Cairo, Carlisle	4.200	29	1918—19
Curaeao, Cardiff, Ceres	4.290	29	1917
Coventry, Curlew	4.290	29	1917
Calypso, Caradoe, Calidon	4.180	29	1916—17
Adelaide	5.100	25,5	1918
Adventure (Minenkreuzer)	6.740	27,7	1924

Ausserdem wurden vernichtet bezw. beschädigt: Das jetzt als Artillerie-Schulschiff verwendete frühere Schlachtschiff „Iron Duke" (21.250 Tonnen), der Hilfskreuzer „Rawalpindi" (16.697 Tonnen), die Zerstörer „Mohawk", ‚Blanche', ‚Gipsy', ‚Jersey', ‚Duchess' sowie ein Ende September vernichtetes ungenanntes Torpedoboot. Ferner die Vorpostenboote „Kiltiwake", „Northern Rover" und ‚Ray of Hope" sowie das Minensuchboot „Aragonite" und mehrere U-Boote, darunter das U-Boot „Oxley".

Die Konsulatsabteilung

der Deutschen Botschaft in Rio de Janeiro, Rua Pinheiro Machado 76, Tel. 25-7365, ist ersucht worden, den Aufenthalt der nachstehend aufgeführten Personen, bezw. ihrer Nachkommen, zu ermitteln. Wer Auskunft über die Gesuchten geben kann, wird gebeten, der Konsulatsabteilung der Deutschen Botschaft Mitteilung zu machen. (Sprechstunden der Konsulatsabteilung der Botschaft sind werktäglich von 9 bis 12 1/2 Uhr).

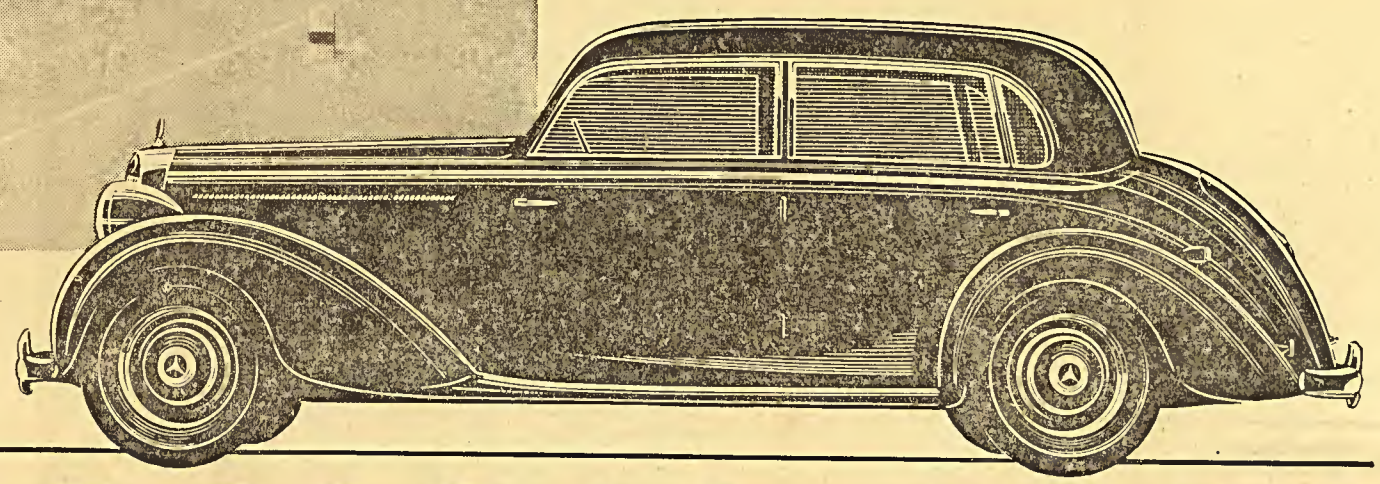
Brocseke, Albert; Damaschke, Mariechen; Ehemann, Willi; Euler, Johann; Fehlow, Carlos; Forster, R.; Gruber, Urban Franz, geb. 29. 3. 1919 in Augsburg; Helmstädter, Moritz; Hesse, Horst; Howitz, Emil; Jagl, Franz; Jagl, Leopoldine; Jakob, Hermann, geb. am 30. 12. 1900; Jansen, Emil Dietrich Georg; Jansen. Maud; Kleist, Jürgen, geb. im Jahre 1920 in Hamburg; Knoedler, Josef; Lowi, Fritz; Loos, Stefanie; Magasehuetz, bezw. Magerschütz, Franz Josef, Karl, geb. 23. 4. 1917; Mann. Rudolf; Meredig, Georg, Ernst; Primavesi Arnold; Paschke, Ludwig, Fritz, geb. 25. 5. 1903 in Essen; Reinceke, Friedrich Wilhelm; Schindler, Werner; Schwarzenberger, Ferdinand Karl und Henriette, geb. Vogt; Strichel, Willy, geb. 27. 1. 1913 in Banwa (Kamerun); Werner, Dr.; Westerling, Heinrich., oder Vesterling, Heinrich; Winterwerb, Werner.

Ferner lagern Briefe u. a. für folgende Personen:

Aulich, Dr. Werner; Babucke, Pauline; Berg, Theodor; Boehm. Hira; Dreyer, Drois; Freislederer. Alois; Friedrich, Otto; Gebhardt, Lothar; Goecke. Snr.; Grothe, Ernst; Hausner, Oskar; Hennich. José; Hinriehsen. Johannes; Holm, Franz; Hohenstein, Graf Georg; Kaltner. Ignaeio; Kaestner, Walter; Kopp, Jos. Martin; Kuehl, Kurt; Kuell. Snr.; Maier, Maria Aurelia Margarethe; Meier, Azevedo de Maria; Meier, Olga; Nemee, Friedrich; Nurtfeld, Sonny; Oelsner, Johannes; Peuker, Ernst; Sezesny, Gottlieb; Schmitz, Franz Anton; Wegner. Walter; Sagorski, Maria; Schmedding. Dr. mad. Theodor Bruno; Schneider, Adolph; Zueksehwerdt, Hermann.

„Sublime"
die beste Tafelbutter
Theodor Bergander
Al. Barão Limeira 117, Telefon 4-0620

Für alle Straßen der Welt – bei sportlichen Höchstleistungen, im Beruf und zur Erholung



MERCEDES-BENZ

434/A

Fogg bringt ein Mädchen mit

Roman von WALTHER KLOEPFFER — Verlag August Scherl GmbH., Berlin.

(1. Fortsetzung.)

„Gut. Schön. Jetzt sollen sie nur kommen, wenn sie Lust haben. Mit so einem MG. ist man gleich ein ganz anderer Soldat, was, Fenzl?" lacht Fogg.

Gute Augen hat dieser Russki, denkt Fogg. Etwas verschüchtert, aber klar und offen. Was dem seine Landsleute wohl angetan haben? Sind manchmal richtige Teufel, diese Kosaken. Schön ist seine Handlungsweise nach unseren Begriffen nicht, aber Kosaken sind ja halbwilde Kerle; weiss der Kuckuck, was für Sitten und Gebräuche die haben.

Der Feind hat unterdessen, vom Nebel begünstigt, hinter einer Bodenwelle gesammelt und sich vom ersten Schrecken erholt. Die Offiziere, die Naganpistole in Händen, haben ihren Leuten gut zugeredet und gedroht, haben geflucht und beschworen, haben die gelichteten Züge aufgefüllt und ihnen die Herrlichkeiten der Stadt Pinsk ausgemalt, und alles scheint gut. Um 7,30 Uhr brechen die gestaffelten Kolonnen abermals aus dem Nebel, der jetzt schon lichter wird und sich stellenweise in helle, wolkige Fetzen auflöst.

„Die Russen kommen!" schreit Fenzel, was ganz überflüssig ist, weil jeder sowieso schon an seinem Platz steht.

„Jetzt zeig, was du kannst, Russki", murmelt Fogg, und es ist ihm nicht ganz geheuer.

Das Maschinengewehr beginnt zu tacken, erst zögernd und geniesserisch sich einspielend, dann hell aufkläffend wie ein wutkochender Dorfköter. Der kleine Kosak mäht wie ein Schnitter in den Reihen seiner Landsleute. Nur jetzt keine Ladestörung, hetet jeder im stillen. Kern und Gsodmair empfinden das Unzulängliche ihres Karabiners gegenüber diesem unersättlichen Ungeheuer, das sich da neben ihnen eingenistet hat und die Feinde zu Dutzenden in den Tod schickt. Einigen Kosaken gelingt es, heranzuspringen, und nun ist der Gefreite Fenzl in seinem Element. Er ist der beste Handgranatenwerfer der Schwadron und hat seine eigene Technik. Ameiser muss ihm die Dinger abziehen und zureichen, er selbst schleudert sie hinaus. Arbeitsteilung. Ameiser muss dabei halblaut und langsam zählen. Eins, zwei, drei, vier, fünf. Bei eins reisst er die Schnur heraus, und bei längstens fünf muss das kleine Biest auf Fenzls Hand liegen, sonst gibt es Kleinholz im eigenen Graben. Ameiser ist auf dieses Tempo abgerichtet wie ein Schiesshund. Plötzlich bricht das Zählen ab, und Fenzl dreht sich erschrocken um.

„Was ist denn los?" will er sagen, bringt aber keinen Ton über die Lippen. Ameiser, dieser Unglückswurm, kniet am Boden. Eine bereits abgezogene Handgranate ist ihm aus der Hand gerutscht und zwischen den Sprossen des Grabenrostes in den Schlamm gefallen. Nun angelt er nach dem gefährlichen Ding, und sein Gesicht ist mit kaltem Schweiss bedeckt. Er zählt unhörbar und automatisch für sich weiter. Drei vier. Seine zitternden Finger haben jetzt den Stiel und zerren daran, doch er verklemmt sich zwischen den Sprossen. Fünf. Jeder von den beiden Männern denkt blitzartig das gleiche: So, nun sind wir hin. Der ganze Graben ist hin, und das Theater mit dem Maschinengewehr war umsonst ... Plötzlich wirft sich Ameiser mit seinem ganzen Körper der Länge nach hin und begräbt das tückische Nahkampfmittel unter sich. Es ist eine heldische und gefühlsmässige Bewegung, um die anderen — vor allem die Bedienung des MGs. — vor den Splittern zu decken.

Fenzl, der starke, wilde Fenzl, hat ein graues Gesicht und vermag kein Glied zu rühren. Es ist eben nicht dasselbe, ob der Tod von ungefähr kommt, oder ob er es leibhaftig auf einen abgesehen hat. Fenzl denkt nichts mehr, sondern wartet nur noch auf die Katastrophe ...

Aber seltsamerweise geschieht nichts, rein gar nichts. Blindgänger. Es ist wie ein Wunder. Eine halbe Minute später erhebt sich Ameiser. Wie ein uralter Mann kriecht er an der Grabenwand hoch und formt lallend die Worte: „Da haben wir aber Glück gehabt, Mensch."

Fenzl nickt ihm wie besoffen zu und lehnt mit schwachen Knien an der mürben Grabenböschung. Erst am nächsten Tag und Zufall erfahren die anderen von ihm, was hinter ihnen los war.

Das Maschinengewehr tackt noch immer wie besessen. Der kleine Kosak macht seine Sache erstklassig. Kimme, Korn, Russen — Kimme, Korn, Russen. Er faucht unverständliche und drohende Worte dazu, die wohl Verwünschungen sein mögen. Er muss einen fürchterlichen Grimm auf die Zwölften Kosaken haben, sonst wäre sein Tun nicht begreifbar.

Der Angreifer hat jetzt genug. Was noch lebt, stürzt in Auflösung und Flucht nach rückwärts. Zu einer Verfolgung ist die Besatzung zu schwach; man muss sich damit begnügen, den letzten Gurt zu verschiessen ...

„Oestlich von Pinsk brach am 18. März ein feindlicher Angriff im Feuer unserer Vorposten zusammen", besagte etwas später lakonisch der deutsche Heeresbericht von diesem Tage.

Fogg ging von Mann zu Mann. Seine Leute waren bis auf ein paar Schrammen unverletzt, aber müde zum Umfallen. Fogg liess sich seinen Arm von Fenzl verbinden. Dann klopfte er dem Gefangenen auf die Schulter: „Brav gemacht, Russki! Wie heisst du eigentlich?"

„Stransky."

„Pole?"

„Ja."

„Hm. Dann verstehe ich vieles. Wenn wir abgelöst werden, wirst du hinten abgeliefert. Ich kann jetzt keinen Mann entbehren. Magst eine Zigarette? Und ein Stück Brot? Mehr haben wir leider selbst nicht."

Der Stransky sagte Ja und Danke, dann wurde er mit eins bleich im Gesicht, schwankte und knickte zusammen. Dieser Tag war anscheinend für den schmächtigen Burschen zuviel gewesen. Seinem Eingreifen mit dem MG. war der gute Ausgang zu verdanken; in diesem Punkt machte sich Fogg nichts vor. Er hob den Ohnmächtigen auf, federleicht war der Kerl, aber Muskeln hatte er, Respekt, öffnete ihm Lederzeug und Rubaschka und stutzte. Na, bitte schön, was wär' denn dieses da?! Der Pole war ja eine Polin! Merkwürdige Sachen gab es auf der Welt, und Teifl, Teifl, würde der Fenzl in diesem Falle sagen. Fogg behielt die Ueberraschung zunächst einmal für sich, damit das Uniformfräulein Ruhe hätte und nicht der ganze Graben zum Wallfahren käme, denn die Mannsbilder interessiert so etwas, aber später teilte er es im Vertrauen dem Fenzl mit, und der konnte das Maul nicht halten, und so erfuhren es die anderen. Und dann ging alles seinen Gang. Man bekam durch allerlei Fragen, die teils zartfühlend, teils unverblümt gehalten waren, heraus, dass der Fremdling Donka Stransky hiess und folgende Odyssee hinter sich hatte: Kubankosaken hatten die Stransky beim russischen Rückzug 1915 aus ihrer polnischen Heimat nach Osten verschleppt, ihre Angehörigen als der Spionage verdächtig kurzerhand niedergemetzelt, und ein alter Staatkapitän namens Sakharow hatte Gefallen an dem Mädchen gefunden. Um es vor seinen Vorgesetzten leichter verbergen zu können, hatte er Donka in Kosakenuniform gesteckt und zu seinem Offiziersburschen gemacht. Bei den Russen war eben kein Ding unmöglich. Es musste der Stransky schlecht gegangen sein, denn sie sann monatelang auf Flucht, die sich bei Pinsk endlich bewerkstelligen liess. Sie setzte alles auf eine Karte und kannte nur zwei Gedanken: Fort und Rache! Sie trug ihre Geschichte tränenlos und stockend vor, aber in ihren schwermütigen Slawenaugen glühte der Hass, so oft sie auf ihre Peiniger zu sprechen kam.

Die Absonderlichkeit dieses Frauenschicksals rührte die Männer. Der weichherzige Ameiser bekam sogar Tränen in die Augen. Jeder bemühte sich, ihr etwas Freundliches zu erweisen. Der rauhe Grabenton wurde geschliffener. Der Fenzl putzte seine Gefreitenknöpfe und wichste die Schnurrbartspitze. Der Kern zog sich mit Speichel und Kamm einen hervorragenden Scheitel. Den ganzen Tag hiess es Donka vorn und Donka hinten; magst du das, Donka, oder magst du jenes. Das uralte Gesetz der Ritterlichkeit hatte den Schützengraben in Bann geschlagen. Nun, es war schon etwas Besonderes, eine Frau — und noch dazu eine so junge und tapfere — in der vordersten Linie zu haben. Ohne dass sie es recht wussten, nahmen die Männer Donka in ihre kleine Gemeinschaft, in ihren „Beritt", wie sie es scherzhaft nannten, auf und bangten ein wenig vor dem Tage, an dem sie das Mädchen hinten abliefern mussten.

Die Ablösung erfolgte in der Nacht des dritten Tages. Das Ruhequartier war in Pinsk. Da es schon spät am Abend war, als sie in die Stadt einrückten, konnten sie Donka nicht mehr zur Kommandantur bringen, sondern mussten sie mit in das kleine Häuschen einer alten Witwe nehmen, das der Gruppe Fogg als Unterkunft zugeteilt war. Die Gefangene bekam ihr eigenes Zimmer; denn an Räumlichkeiten war in dieser von den Russen verschonten Stadt kein Mangel. Als Fogg am nächsten Morgen im Dienstanzug vor Donkas Tür erschien, um sie abzuholen und auf die Kommandantur zu führen, — war Donka verschwunden. Er erstattete beim Eskadrons-

Confeitaria Viennense

Aeltestes und vornehmstes Haus

Nachm. und abends gutes Konzert

Tel. 4-9230 - RUA BARÃO DE ITAPETININGA 239 - S. Paulo

KRANK?

Dann lassen Sie sich

homöopathisch

behandeln. — In dem

Dispensario Homôopathico São Paulo
Praça João Mendes 130

stehen Ihnen von 9—18,30 Uhr die besten homöopathischen Aerzte São Paulos

unentgeltlich

zur Verfügung. Denken Sie daran, dass jede leichte Erkrankung in eine schwere Krankheit ausarten kann. Die Homöopathie heilt auch in schwersten Fällen auf eine milde Weise und mit recht geringen Spesen.

(Neben der homöopathischen Apotheke Dr. Willmar Schwabe Ltda.)

Dr. Max Rudolph
Allgemeine Chirurgie, Frauenheilkunde u. Geburtshilfe
Röntgen-Bestrahlungen
Consult.: Praça Ramos de Azevedo 16, II., Tel. 4-2576
Wohnung: Rua Hollanda 5, Tel. 8-1337
Sprechstunden von 3—5, Sonnabends von 11—1 Uhr

Dr. Mario de Fiori
Spezialarzt für allgem. Chirurgie – Röntgenapparat
Sprechst.: 2—5 Uhr nachm., Sonnabends: 10—12 Uhr
Rua Barão de Itapetininga 130 - II. ander - Tel. 4-0038

Dr. G. H. Nick
Facharzt
für innere Krankheiten.
Sprechstunden täglich v. 14-17 Uhr
Rua Libero Badaró 73, Tel. 2-3371
Privatwohnung: Telefon 8-2263

Dr. Erich Müller-Carioba
Frauenheilkunde und Geburtshilfe
Röntgenstrahlen — Diathermie
Ultravioletts trahlen
Kons.: R. Aurora 1018 von 2-4,30 Uhr. Tel. 4-6898. Wohnung: Rua Groenlandia Nr. 72. Tel. 8-1481

Deutsche Apotheke
Ludwig Schwedes
Rua Libero Badaró 45-A
São Paulo / Tel. 2-4468

Erwin Schmued
Dentist
Umgezogen nach
Largo Santa Ephigenia 1
3. Stock, App. 32
(Eingang von der Brücke)
Sprechstunden
von 8.30—18.30 Uhr, Sonnabends: bis 12 Uhr mittags

Deutsche Apotheke
in Jardim America
Anfertigung ärztlicher Rezepte, pharmazeutische Spezialitäten – Schnelle Lieferung ins Haus.
RUA AUGUSTA 2843
Tel. 8-2182

Dres. Lehfeld und Coelho
Dr. Walter Hoop
Rechtsanwälte
São Paulo, Rua Libero Badaró Nr. 443,
Telef.: 2-0804 – 2. Stock, Zim. 11 – 16 – Postfach 444

Jorge Dammann
Deutsche Damen- u. Herrenschneiderei. Große Auswahl in nat. u. ausländ. Stoffen. R. Ypiranga 193, Tel. 4-2320

Josef Hüls
Erstklassige Schneiderei. — Mäßige Preise. — Rua Dom José de Barros 266, sobr., São Paulo, Telefon 4-4725

João Knapp
Klempnerei, Installation.
Registr. Rep. de Aguas und Esg. — Rua Mons. Passalaqua 6. Telefon 7-2211.

Deutsche Schuhmacherei
Rua Sta. Ephigenie 225
Ausführung aller ins Fach schlagenden Arbeiten
Hermann Radelsberger
(fruecher Heinrich Lutz)

Hugo Lichtenthäler
Rua Aurora Nr. 135
Aeltestes deutsches Möbelhaus
Grosse Auswahl in kompl. Zimmern u. Einzelmöbeln. Auch TAUSCH und KAUF von gebraucht. Möbelstücken

Uhren • Reparaturen
Deutsche Uhrmacherei
OTTO
Rua São Bento Nr. 484
4. Stock, Saal 25

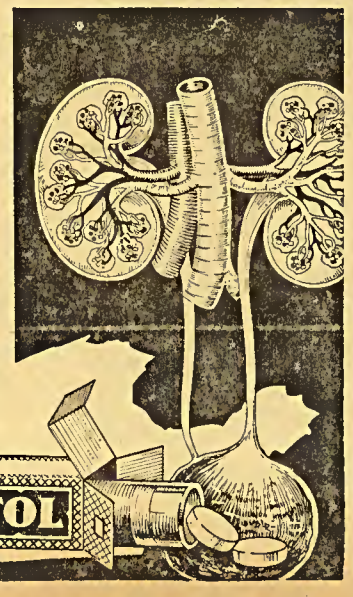
Guter Mittagstisch
Rs. 2$000
Rua da Moóca 1669

Bevorzugen
Sie bitte bei Ihren Einkäufen unsere
Inserenten!

Aços Roechling
Der gute deutsche Stahl!
Qualitätswerkzeuge!
Eigene Härtestube
mit modernsten Einrichtungen zur Verfügung unserer Kundschaft!
Aços Roechling Buderus do Brasil Ltda.
São Paulo
Rua Augusto de Queiroz 71—103
Rio de Janeiro
Rua General Camara 136
Porto Alegre
Avenida Julho de Castilho 265
Vertretungen in Brasilien:
Curityba - Belem do Pará - Bello Horizonte
Bahia
in anderen südamerikanischen Ländern:
Buenos Aires Montevideo
Santiago de Chile

Das Sieb ist unbrauchbar geworden!

Es ist nicht mehr imstande die überflüssigen Bestandteile zurückzuhalten.
Auch Ihre Harnwege könnten nicht mehr richtig arbeiten und das Blut muß dann die Nierenfilter passieren, ohne genügend gereinigt zu sein. Machen Sie deshalb von Zeit zu Zeit eine innere Desinfektion mit HELMITOL-Tabletten.
Ihr Arzt wird Ihnen die Richtigkeit dieses Rates bestätigen.
Denken Sie daran, daß man Gesundheit und Kraft durch eine Desinfektion der Harnwege mit HELMITOL-Tabletten leicht wiedergewinnen kann.



AO PINGUIM
RESTAURANTE: AV. SÃO JOÃO 128
E TAVERNA: RUA ANHANGABAHÚ, 2
H. Hillebrecht
São Paulo
Telefon:
Bar 4-5507
Gruta 4-2626
Ausgezeichnete Küche Jeden Sonnabend: Feijoada completa
Allabendlich Künstlerkonzert, 7-1 Uhr; Sonn- u. Feiertags: Frühkonzert

Farben - Lacke - Pinsel
und alle übrigen Bedarfsartikel
für Hausanstrich und Dekoration
Emilio Müller, R. José Bonifacio 114

„Zum Hirschen" Hotel und Restaurant
Rua Victoria 186 — Tel. 4-4561
São Paulo Inh.: Emil Russig

Physikalische Apparate, Vermessungsinstrumente und Zubehör, feinmechanische Werkstätten
OTTO BENDER
Rua Sta. Ephigenia 80 - Telefon 4-4705
Zeichenmaterial A. Nestler, Lahr und Gebr. Haff, Pfronten. - An- und Verkauf von gebrauchten Vermessungsinstrumenten.

chef Meldung, bezog einen fürchterlichen Anpfiff und gleichzeitig ein Lob wegen des 18. März. Die Nachforschungen nach der Ausreisserin blieben erfolglos. Donka Stransky, der kleine Kosak, dieses Teufelsmädchen, blieb verschollen.

*

„Hab' ich mich nicht sehr geeilt? Da bin ich", sagte Donka flott. Sie stand umgezogen und erwartungsvoll an Foggs Tisch.

„Ja, allerdings", murmelte Fogg und schrak aus seinem Sichversinnen auf. Pinsk versank, und die Flasche Nordhäuser Korn, der widerliche Wirt und das lärmende, rauchige Lokal waren plötzlich wieder da.

„Ich habe mir eben die Geschichte mit Pinsk durch den Kopf gehen lassen."

„Oh, Pinsk war fein. Ich denke auch manchmal zurück. Können wir gehen?"

Sie schritten an dem bösartig glotzenden Wirt vorbei zum Ausgang. Donka trug die etwas kurze Nase steil, als ginge sie diese ganze Umgebung nichts mehr an. Sie hatte einen dünnen, billigen Mantel an, aber sie wappnete sich mit Hochmut. Fogg, der zwei Schritte hinter ihr ging, dachte: Man muss ihr helfen. Vielleicht mit Geld.

„Du, wie das nach dem Regen riecht, herrlich, nicht?" sagte Donka draussen und schnupperte genussüchtig in die Luft. Dann nahm sie seinen Arm. „So was habe ich schon lange nicht mehr gehabt."

„Was?"

„Freude halt. Mit einem Menschen gehen, den man gern hat. Freihaben, Plaudernkönnen und so."

„Freilich. Was wollen wir jetzt unternehmen? Eine Tasse Kaffee trinken? Musik hören?"

„Wenn es dir nichts ausmacht, möchte ich lieber ein bisschen mit dir spazierengehen, Fogg", bat sie und kam sich sehr beschützt und geborgen vor.

Sie schritten aus lauten, lichtflirrenden Strassen in stillere, dunklere, wo es Anlagen, Bänke und Bäume gab. Das erste Grün erschien zwischen den Zweigen. Es roch nach Feuchtigkeit, schlechtem Benzin und Humus. Liebespärchen wandelten im Schatten.

„Warum hast du uns damals so schnöde verlassen, Donka?" begehrte Fogg zu wissen. Diese Frage drückte ihn schon die ganze Zeit her.

„Es war das Einfachste, Fogg. Ich hatte Angst vor euren Verhören, vor euren Internierungslagern, vor dem ganzen Kram. Man hätte mich möglicherweise sogar für eine Spionin gehalten. Ich kannte eine polnische Familie in Pinsk, die nahm mich auf und half mir weiter."

„Und später? Ich meine nach dem Krieg?"

„Das ist nicht interessant, Fogg, das ist nur traurig. Später war die übliche Geschichte mit dem jungen Mädchen, das allein in der Welt steht, das betrogen wird und auf das die Männer Jagd machen, bis es in Lokalen fünfter Güte landet. Mal war es erträglich, mal nicht; mal besser, mal schlechter. Sehr hoch bin ich nie geklettert, und jetzt bin ich ziemlich tief unten. Wir wollen das nicht aufrühren. Wir wollen uns lieber freuen, dass wir nach so vielen Jahren wieder beieinander sind, und die Zeit dazwischen wollen wir auslöschen. Ich möchte mich gern auf diese Bank setzen. Komm."

„Wenn du nicht frierst? Du bist so dünn angezogen —"

„Ich friere nicht im mindesten. Mir ist sogar warm. Weisst du, so von innen heraus. Das macht die Freude. Es ist so schön, neben dir zu sitzen und sich anzulehnen. Das darf ich doch? Und jetzt musst du mir von dir erzählen, von deinen Reisen, von deinen Plänen. Ganz genau will ich alles wissen, hörst du?"

Fogg erfüllt ihren Wunsch. Sie frischten Erinnerungen auf, und zuweilen schwiegen sie und schwelgten im Nacherleben. Nach einer Stunde sagte Donka plötzlich: Nun finde ich ich auch, dass es kalt ist", und ihre Zähne klapperten ein bisschen

„Ich bringe dich jetzt heim, Donka", erwiderte Fogg besorgt und schalt sich einen Esel, weil er vorhin nachgegeben hatte. Ihr Taschentuch fiel ihm ein. „Du wirst dich jetzt ins Bett legen und irgendeinen heissen Tee trinken."

„Ja", sagte sie gehorsam und sehr glücklich. Es war recht lange her, dass sich jemand um ihre Gesundheit bekümmert hatte.

„Wo wohnst du eigentlich?"

„In der Nähe der ‚Grossen Freiheit'."

„Wir nehmen ein Taxi. Das geht rascher. Morgen ist alles wieder gut, und du suchst mich im Hotel auf. Alsterhotel Zimmer 46, vergiss das nicht. Ich bin noch volle vier Tage in Hamburg."

Als er im Auto neben ihr sass, tat er die verlegene Frage: „Vielleicht kann ich dir mit etwas Geld aushelfen? Ich habe schön zurückgelegt dort drüben."

„Sehr nett von dir, Fogg, aber ich brauche wirklich nichts. Danke."

Kurz vor dem Aussteigen küsste sie ihn rasch auf die Wange.

„Dobra noc! Gute Nacht! mein Lieber!"

II.

Als Doktor Fogg am dritten Tag nach dieser Begegnung, von einem Ausgang zurückkehrend, sein Hotelzimmer betreten wollte, fing ihn das Stubenmädchen ab.

„Eine lütte Deern will Sie sprechen, Herr Doktor. Ich habe sie einstweilen in Ihr Zimmer gelassen. Eigentlich ist das ja verboten, nöch? Aber sie sieht so unschuldig aus, sie heult drinnen."

„Lütte Deern? Keine Ahnung. Ich kenne in ganz Hamburg keine lütte Deern. Mal sehen", brummte Fogg und öffnete die Tür.

Tatsächlich. Da sass auf seiner Couch ein junges Ding und schnaubte herzbrechend in sein Sacktüchlein. Fogg schob verdutzt die Stummelpfeife in die Jackettasche und legte seine braune Tatze auf die schütternde fremde Schulter.

„Aberaberaber, ist das so arg? Wo brennt's denn, kleines Fräulein? Hat uns jemand etwas getan? Ich bin der Doktor Fogg", hub er beschwichtigend an und in seinem guten, erprobten Arztton.

Aus dem verheulten Sacktüchlein kam eine gerötete kleine Nasenspitze zum Vorschein.

„Mutter ist krank, sehr krank, und schickt mich her. Du sollst gleich mitkommen, Onkel Fogg. Ich bin Anna Stransky aus Hamelskoog." Das Mädchen sagte dies weinerlich, aber voll Vertrauen und mit grosser Eindringlichkeit.

Fogg muss sich da erst zurechtfinden. Das kleine Fräulein setzte entschieden zuviel bei ihm voraus. Aber er ist schnell im Bild.

„Du bist die Tochter von Donka Stransky?"

„Natürlich."

„Und was fehlt deiner Mutter? Eine kleine Ahnung wirst du ja wohl haben?"

„Eine Erkältung, glaub' ich. Sie hustet und fiebert, und manchmal ist sie ganz weg." Tränenstrom. Fogg ist es unbehaglich zumute, wenn er an die dumme Bank im Freien denkt, die an allem schuld ist.

„Da müssen wir freilich gleich hin, Anna. Wir nehmen ein Auto, mein Kind, das geht fixer. Du wirst mich führen." Obschon hungrig und müde, ist er voll Hilfsbereitschaft. Er legt kleine Paketchen, die ihm aus allen Taschen quellen, auf den Tisch. Dann bittet er: „Komm, Anna", und steigt mit dem Mädchen die Hotelgruppe hinab.

„Du siehst deiner Mutter sehr ähnlich", sagt er drunten in der Halle und denkt: Sieh mal, die Donka hat also ein Kind. Davon hat sie mir gestern ja gar nichts gesagt.

„Findest du?"

„Das finde ich sehr, Anna. Die Gestalt, das Gesicht, die Haare, alles hast du von deiner Mutter." Ja, ja, Anna ist eine jüngere und zierlichere Ausgabe von ihrer Mutter. Dasselbe dunkelbraune, mit einem sanften Schimmer ans Rötliche grenzende Haar, die gleiche vorwitzige Himmelfahrtsnase, die gleiche biegsame Gestalt, kurz, ein nettes, ein leckeres junges Ding. Nur die Augen sind anders, nicht so schwermütig und wissend. Anna trägt ein billiges farbiges Fähnchen, Ausverkauf. Vierfünfundneunzig, aber sie geht darin, als ob es ein Schneiderkostüm wäre.

„Wie alt sind wir denn?"

„Achtzehn", stellt sie aufschnupfend fest. Denn die Tränen sitzen noch immer sehr locker.

Vor
Annahme falschen Geldes
schützt der bargeldlose Zahlungsverkehr
Eröffnen Sie ein Konto beim
Banco Allemão Transatlantico
RUA 15 NOVEMBRO 268
und zahlen Sie Ihre Rechnungen
per Scheck!

Zu jeder gewünschten Zeit erhalten Sie von uns einen Auszug ihrer Rechnung, um Ihnen die Kontrolle über Ihre Zahlungen zu erleichtern.

Dienst am Kunden!
Jedem Wunsch nach Möglichkeit gerecht zu werden, ist Grundidee unserer Organisation und unseres geschulten Personals.

Banco Germanico da America do Sul
São Paulo
R. Alvares Penteado 121 (Ecke Rua Quitanda)
Rio de Janeiro, Rua da Alfandega 5
Santos, Rua 15 de Novembro 114

VIGOR-MILCH
Die beste Milch in São Paulo
S. A.
Fabrica de Productos Alimenticios "VIGOR"
Rua Joaquim Carlos 178
Tel. 1 9-2161, 9-2162, 9-2163

Deutsche Färberei und chemische Waschanstalt
„Saxonia"
Annahmestellen: Rua Sen. Feijó 50. Tel. 2-2396
und Fabrik: Rua Barão de Jaguara 980. Tel. 7-4264

Deutsches Farbenhaus
Henrique Zuehlke & Cia.
S.Paulo, R.Christovam Colombo 1, Tel.2-0671
Alleiniger Vertrieb der bekannten
TEMPEROL-FABRIKATE
(Lacke - Oelfarben - Lackfarben)
Reichhalt. Sortim. in: Pinseln, Buntfarben, Oelen, Schablonen und sonstigen Malerbedarfsartikeln.

CASA TURF
Rua Direita 119
Das deutsche Haus für feine Herren-Artikel
JENKE & SCHAEFFTER

Oficinas Olympia
führen jede Reparatur, Überholung und Reinigung an
Schreib-u. Rechenmaschinen
aller Systeme sachgemäss aus.
Modern eingerichtete Werkstatt und wirkliche Fachleute bürgen für erstklassige Arbeit
Schnell / Gewissenhaft / Preiswert
Kostenanschläge unverbindlich
QUALIDADE OLYMPIA
Olympia Madinas de Escrever Ltda.
São Paulo — Praça da Sé 43 / Tel. 2-1895
Rio de Janeiro — Rua Benedictinos 21 / Tel. 43-6311

Ein neues Kleid
trotz Sparsamkeit!
Jawahl, selbstgeschneidert nach Buntem Beyer-Schnitt! Hübsche Vorlagen, auch für Kleider aus zweierlei Staff, Westen- und Balerakleider, Blusenanzüge, Mäntel, Kostüme usw. im Beyer-Modeführer Herbst/Winter 1939/40. Bd. I „Damenkleidung" mit ca. 270 bunten Modellen und Schnittbogen RM 1.60 * Bd. II „Kinderkleidung" RM 1.—.
Verlag Otto Beyer · Leipzig

Damen-Schönheits-Institut
„ELSE"
Dauerwellen (elektrisch u. nicht elektrisch), Ondulation u. Wasserwellen, Maniküre, Färben u. Massage
Rua Domingos de Moraes Nr. 84-c
Telephon 7-5480

Deutsche
Edelstein-Schleiferei
R. Kröninger
Größte Auswahl in gefaßten und ungefaßten Edel- und Halbedelsteinen
Rua Xavier de Toledo 54 (em frente da Ligth)
Telephon: 4-1083 und privat 4-2240

Livraria Delinee
Aelteste deutsche Buchhandlung
Rua São Bento 541 - Caixa Postal 2-V São Paulo
Reichhaltigstes Sortiment. Bestellungen werden rasch und gewissenhaft ausgeführt.

Adolpho E. Müller & Cia.
Flor. de Abreu 172 Caixa postal 712
Telefon 4-2617
Generatoren für Gleich- und Wechselstrom — Elektromotoren für alle Zwecke — Ventilatoren — Werkzeugmaschinen — Hebezeuge — biegsame Wellen usw. — Zubehör für elektrische Kühleinrichtungen.

„Und was ist mit Hamelskoog?"

„Da war ich die letzten Jahre. Mutter hatte mich zu Gorch Pitter als Stütze gegeben. Hamelskoog, musst du wissen, ist ein kleines Dorf an der Elbmündung. Nichts als Dünensand und Wasser, Wind und Wolken. Einmal hat es uns die ganze Wäsche in die See geweht. Und Fischerhütten sind natürlich auch da. Manchmal war es schön und manchmal langweilig. Gorch Pitter ist ein pensionierter Steuermann — nicht Uebersee, ach nein, nur so'n kleiner Kahn auf der Elbe — Steuermann und hat eine rote Knollennase und einen weissen Kranzbart. Leider priemt er. Aber sonst kann man nichts wider ihn sagen", unterrichtet sie den zuhorchenden Fogg. Er kann sich Gorch Pitter und Hamelskoog gut vorstellen, obzwar er beide nicht kennt.

„Hm. Und was hast du bei Gorch Pitter zu tun gehabt?"

„Ach viel! Mal das Hauswesen, Kochen, Flicken, Aufräumen. Du bist ein Mann und verstehst das ja nicht. Dann das Gärtchen. Huch, hatten wir Tomaten! Auch zwei Felder waren da, Roggen und Kartoffeln. Dann die Ziegen. Junge Schweine finde ich zwar süsser. Manchmal hat mich Pitter in seinem Boot zum Fischen mitgenommen; aber die Frau durfte das nicht wissen. Die war immer gleich so ängstlich, nöch."

„Donnerwetter, du bist ein tüchtiges Hausmütterchen!"

„Das kann man wohl sagen", meint sie ernsthaft.

Fogg gibt sich, wie man sieht, alle Mühe, das betrübte Landpomeränzchen abzulenken, und hat auch einigen Erfolg damit. Ehe sie ins Auto steigen, möchte Anna wissen:

„Sag mal, bist du nun ein richtiger Onkel oder nur so? Ich hab' das aus Mutter nicht herausbekommen."

Nur so, Anna. Deine Mutter und ich kennen uns vom Krieg her und sind befreundet."

„Kuck, das hab' ich mir gleich gedacht. Für einen richtigen Onkel bist du zu jung", nickt sie altklug. „Wenn es Mutter besser geht, musst du mir das mit euch beiden erzählen. Mutter sagt mir nie etwas von sich. Sie meinte vorhin, ich sollte dich einfach mit „Onkel Fogg" anreden."

Das Haus in der Hafengasse, in dem Donka Stransky wohnte, war ein alter Bau von bedrohlichem Aussehen. Man musste durch einen finsteren Hof, in dem es nach Kernseife und Gosse roch. Die vernachlässigten Fenster waren durch Kinderwäsche und Jammergeranien verunziert. Viele schmalbrüstige Hinterhäuser teilten sich in diesen Hof, und es war nicht zu entscheiden, zu welchem er nun eigentlich gehörte. Fogg und Anna stiegen eine knarrende Stiege hoch, dann traten sie in eine Wohnung, vor der ein schmutziges Schild besagte:

„Pension Heidenfroh. Zimmer, möbliert, für jede Zeitdauer."

In den schmalen Korridor mündeten sechs verschabte Türen. Der Raum, dessen Tür Anna jetzt aufklinkte, war dürftig und lieblos ausgestattet. Am Fenster stand ein abgeblühter, kränkelnder Azaleenstock. Graues, mageres Licht lastete auf den Gegenständen. Donka Stranskys Bett stand in einer Ecke. Die Kranke atmete beschwerlich und reichte Fogg eine heisse, feuchte Hand, deren Puls flog. Eine alte, bekümmerte Frau — dachte Fogg mitleidig.

„Du machst ja schöne Geschichten, Donka", scherzte er behutsam und versuchte, eine gewisse Leichtigkeit in seine Stimme zu legen.

Die Stransky lächelte schwach. Auf ihren Backen flammten abgezirkelte hektische Flekken. Mindestens 40 Fieber, schätzte Fogg und strich über das nasse Haar der Patientin.

„Also darum habe ich gestern und vorgestern umsonst auf dich gewartet! Wenn ich geahnt hätte, was los ist, wäre ich schon längst gekommen. Gut, dass du die Anna geschickt hast. Was sagt dein Arzt dazu?"

„Ich habe keinen", entgegnete sie schamvoll, „Aerzte sind so teuer."

„Kein Wort, Donka."

„Das ist gut. Denn Anna soll nie erfahren, wie es um ihre Mutter bestellt war. Sie glaubt, ich nähe Hemden und Kleider für die Leute. Ich habe sie vor vier Jahren bei einem braven alten Ehepaar untergebracht, an der See. Leider kann sie dort jetzt nicht mehr bleiben, weil Pitters Tochter aus England heimkommt und dann selbst den Haushalt besorgt. Pitters haben es mir durch Anna sagen lassen, als ich sie gestern zurückrief. Anna ist ein gutes Kind, aber so jung. Sie ist so lebhaft und vertrauensselig, und man muss stets auf sie aufpassen. Sie kommt jetzt in die Jahre, wo die Liebschaften anfangen. Ich habe so Angst um sie. Ich quäle mich immer mit dem Gedanken, was ans ihr werden soll, wenn ich — —"

„Du darfst dir nicht so viel Sorgen machen, Donka", schnitt ihr Fogg die Rede ab und streichelte ihre Hand. „Auch nicht so viel sprechen. Zum Gesundwerden gehört, dass man ganz stillegt und sich nicht aufregt. Ich werde bei dir bleiben und dich pflegen. Und ich werde alle Stunden eine kleine Einspritzung machen müssen. Etwas fürs Herz, verstehst du? Vielleicht ist in dieser Pension zufällig ein Zimmer für mich frei. Das wäre das Zweckmässigste."

„Das Zimmer gegenüber ist frei, soviel ich weiss. Aber ich kann das nicht annehmen, Fogg", lächelte sie schmerzlich; denn eben war ein neuer Anfall im Anzug. „Du müsstest ja meinetwegen deine Abreise verschieben."

„Ob ich einige Tage früher oder später in Schellenberg eintreffe, spielt keine Rolle, wenn du krank bist. Ich gehe jetzt verschiedenes besorgen; auch meine Koffer lasse ich aus dem Hotel hierherschaffen. Bis dahin auf Wiedersehen, mein kleiner Kosak!" sagte er freundlich und stand auf.

An diesem Tage und in der Nacht geschah noch nichts Bedrohliches mit Donka Stransky. Sie war ziemlich viel bei sich, trank ein paar Schlucke Sekt und schöpfte neue Hoffnung.

„Dann möchte ich die Behandlung übernehmen, wenn du gestattest?"

„Bitte!" nickte sie dankbar. Fogg untersuchte ziemlich lange. Der Fall lag klar: Lungenentzündung, vergesellschaftet mit Tuberkulose. Prognose schlecht.

Donka bedeutet ihrer Tochter, sie möge in die anstossende Kammer gehen. Sie wollte allein sein mit Fogg.

„Nicht wahr, es steht schlimm? Muss ich sterben?"

„Aber, Donka! Wer redet gleich vom Sterben!" log er tapfer.

„Ich muss mich erkältet haben. Damals auf der Bank. Ich bin selbst schuld. Du hast mich gewarnt. Ich war schon vorher nicht fest. Immer ist Blut gekommen. Es ist mir nicht um mich, nur um Anna. Du hast ihr doch nichts gesagt von mir —? Ich meine, das mit der Bar und so?" fragte sie angstvoll.

Alles schien wieder in die Reihe zu kommen. Aber am darauffolgenden Vormittag ereignete sich eine böse Wendung; das Herz setzte aus. Auch wurde die Kranke immer durchsichtiger und blasser. Was Fogg im stillen befürchtet hatte, war eingetreten. Die Entzündung hatte auf die andere Lunge übergegriffen und ein grösseres Gefäss angenagt, das nun nach innen blutete. Donka verfiel zusehends, Donka wurde teilnahmlos und sprach nicht mehr. Zudem wurde sie immer, häufiger und länger bewusstlos.

Gegen Mittag, kurz vor dem Ende, hatte sie wunderbarerweise noch ein paar leichte, klare Minuten. Ihre fliegenden Hände beruhigten sich, und ihr Geist, der schon im Entschweben war, kehrte aus der drohenden Schwärze noch einmal zurück und beschäftigte sich hellwach mit den Dingen dieser Welt. Es roch nach viel Kampfer und anderen aufstachelnden Medikamenten im Zimmer; denn Fogg war eben dabei, eine neue Spritze zu machen.

Donkas Augen mit den unnatürlich geweiteten Pupillen suchten Fogg. Sie machte mit der Hand eine kurze abwehrende Bewegung. „Nicht mehr plagen, bitte ...!"

„Wie du willst, Donka", flüsterte er und biss die Zähne zusammen.

„Und ... da ist Anna ... so allein, so schutzlos ... Willst du dich ihrer annehmen?" Obwohl es nur gehaucht wurde, verstand Fogg sehr deutlich.

„Ja, Donka! Ich verspreche dir das. Sie kann mit mir nach Schellenberg. Meinen Haushalt führen. Ich werde schon alles recht machen."

„Danke, Fogg! Guter Kamerad! Du musst ihm folgen, Anna!"

„Ja, Mutter!" schluchzte die Anna.

„Geh hinaus, Kind! Ich muss jetzt reden mit ihm", flüsterte die Kranke nach einer kurzen Weile. Als das weinende Mädchen gegangen war, murmelte Donka: „Deine Freunde, Fogg — ob sie wohl noch alle leben?"

„Ich weiss nicht, Donka, aber ich hoffe es."

„Damals ... in Pinsk, im Quartier ... in der Nacht ... Wir haben sogar getanzt ... Erinnerst du dich noch?"

„Richtig, Donka. Es war am Abend, bevor du verschwandest. Ich und der Fenzl und der Gsodmair und der Ameiser und der Kern."

„Einer von ihnen ist Annas Vater — —"

„Annas Vater?" wiederholte Fogg, betroffen über diese Enthüllung.

„Ja."

„Welcher denn? Sag doch, Donka!"

Aber von der Sterbenden, die schon in die Bezirke des Todeskampfes hinüberglitt, war keine Antwort mehr zu erlangen.

3.

Stefan Gsodmair, der Bürgermeister von Schellenberg, und Gastwirt Kern waren auf dem Weg zum Schloss.

Bücher Zeitschriften Zeitungen
in allen Sprachen, aus allen Gebieten
liefert
Conrad Behre, Ueberseeische Buchhandlung
Hamburg 1 Dornbusch 12
Kataloge jederzeit kostenlos und unverbindlich. — 25 Prozent Preisnachlaß bei Lieferungen ins Ausland. — Bank: Deutsche Bank, Filiale Hamburg.

Was ist eigentlich Mut?

Ein Wort über die Angst

Ein Sturzbomber wurde nach dem Gefechte von Kameraden und Vorgesetzten wegen seiner mutigen Haltung gepriesen. Nachdem er aber den Segen der guten Worte eine Zeitlang über sich hatte ergehen lassen, erklärte er zum Erstaunen der Zuhörer mit bescheidener Abwehr: „Aber, Herr Hauptmann, dazu gehörte doch gar kein Mut!" Um Missdeutungen vorzubeugen, muss hinzugefügt werden, dass man es hier keineswegs mit einem Knallprotzen oder mit einem Manne zu tun hatte, der sich seines Wertes nicht bewusst gewesen wäre. Er war ein ganz natürlicher Kerl und meinte es genau so, wie er es sagte.

Dieser Fall, der sich bei Warschau oder Modlin ereignete, hat sich im Gespräche mit anderen tapferen Leuten vorher schon in vielen Kriegen und bei vielen anderen Gelegenheiten im täglichen Leben genau so abgespielt. Der Soldat hat, während er oben der Flak als Ziel diente oder an der Erde seinen kriegerischen Auftrag ausführte, nicht eine Sekunde Zeit gehabt, um an die Gefahr, der er trotzte, zu denken. Er hat also auch keine Angst zu überwinden gehabt und beinahe automatisch das Richtige im richtigen Augenblicke getan. Das empfindet er nun als selbstverständlich, während andererseits man geneigt ist, wie wir als Zuschauer es ja auch in diesem Falle tun, mit der Bezeichnung „Mut" gerade das nicht Selbstverständliche, das zweifellos Ausserordentliche zu belegen.

Eine bloße „Nervenfrage"?

„Mut haben" bedeutet jedoch nach einer anderen, ebenfalls nicht ohne weiteres abzuweisenden schlichten Vorstellung soviel wie „keine Angst haben". Damit aber würden wir in die Gefahr kommen, gegen die unwiderlegliche Erfahrung Tausender anderer Soldaten zu verstossen, die uns aus überstandenem Trommelfeuer und anderen Situationen freimütig bekennen, sehr wohl vom Erlebnis der Angst angekrochen zu sein, wenn der Zufall des Gefechtes ihnen Zeit liess, sich dessen bewusst zu werden. Sie haben alsdann trotzdem ihre Pflicht und sogar mehr als diese getan. Ihr Mut hat sich in der Ueberwindung der Angst bewährt.

Ob der Tapfere Angst gehabt hat oder nicht, ist offenbar nebensächlich. Es ist auch durchaus von Nebenumständen abhängig. Gar mancher überblickt gar nicht die Gefahr in dem Masse, dass er in demselben Grade Angst empfinden könnte wie jemand, der ihm an Einblick in die Lage überlegen ist. Gehörte also die Angst notwendig dazu, so wäre der Mut eine Intelligenzfrage. Es ist auch oft Zufallssache, wie klar man eine Gefahr überblicken kann. Wie stark aber schliesslich das Gefühl des Bedrohtseins über den einzelnen Gewalt gewinnt, ist in weitem Umfange eine einfache „Nervenfrage", während wir mit „Mut" eine tiefer, nämlich sittlich bedingte Haltung bezeichnen.

Robuste Naturen oder solche, die bislang unverwundet blieben, erschrecken oft nicht, wo feinfühligere oder solche, die durch erlittenen Schaden feinfühlig gemacht worden sind, eher unwillkürlich zusammenzucken. Umgekehrt ist mancher, der bereits einmal getroffen wurde, gerade wiederum kaltblütiger als jemand, der diese oder jene drohende Verletzung beim blossen Gedanken daran für schmerzhafter hält, als sie wirklich ist. „Starke Nerven" können durchhalten, wo „schwache" zu versagen drohen. Es kann aber auch umgekehrt ein Kerl mit stumpfesten Nerven versagen, wo vielleicht ein sonst sehr sensibles Bürschchen die Sachlage meistert. Gesetze sind hier schwer aufzustellen. Das zu überwindende Hemmnis, wenn vorhanden, braucht auch nicht immer Angst im Sinne einer tief in die Seele einwirkenden Furcht zu sein. Es gibt viel banalere Regungen, die aber sehr wirksam sein können, wenn sie zufällig die „schwache Stelle" eines Menschen berühren:

Man trifft Leute, die, um einen gefährdeten Kanarienvogel zu retten, ohne Zögern in ein brennendes Haus einsteigen, die aber vor der Tür ihres Zahnarztes umkehren. Mancher sieht ruhiger auf die Mündung einer angeschlagenen Pistole als in einen vielleicht gar nicht sehr breiten Abgrund, den er überspringen soll. Manchem sind Risse und Schnitte, die er sich zuziehen kann, belanglos, aber der kleinsten Verbrennung weicht er in weitem Bogen aus, und der blosse Gedanke an eine wenn auch harmlose Infektion mit Bazillen bringt ihn zum Schaudern, wo er einem wild gewordenen Elefanten ruhig entgegentreten würde. Die Ueberwindung von Scheu und Ekel kann schwerer sein als die von wirklicher Angst.

Die Vorstellung, im Dunkel auf eine tote Katze zu tappen, kann schrecklicher erscheinen als die Begegnung mit einem lebendigen Tier bei Tageslicht. Das Gegenteil vom Mut ist nicht die Angst, sondern die Feigheit als die Unfähigkeit, solche Hemmungen zu überwinden.

„Aktiver" und „passiver" Mut

Man wird auch zwei grundverschiedene Möglichkeiten anerkennen müssen, in denen der Mut sich äussern kann. Es ist etwas völlig anderes, ob der Soldat sich, um eine Aufgabe auszuführen, auf die gefährlichste Uebermacht stürzt, ahnend, dass es ihm vielleicht gelingt, unter hundert Chancen die eine zu treffen, die ihn siegen und sein Ziel erreichen lässt, oder ob er vielleicht, gefangen in der Hand eines barbarischen Gegners, angesichts des sicheren Todes oder des sicheren Martyriums jede verräterische Aussage verweigert.

Es gibt sogar Menschen, die die letztere Situation von innen her leichter bestehen als die erstere, und umgekehrt. Das hängt davon ab, ob jemand mehr zum Angreifer, zum Tatmenschen, oder zum Seinsmenschen geboren ist. Der Letztere ist vielleicht zum kühnen Streich nur dann zu bewegen, wenn gar kein anderer Ausweg mehr besteht; dass er aber weder von Tod noch Teufel seine sittliche Existenz als eines ehrenhaften Mannes antasten und sich nicht zum Verräter machen lässt, ist ihm aus dem Blut selbstverständlich.

Der geborene Tatmensch, manchmal zum Abenteurer geboren, sucht hingegen vielleicht von mehreren Wegen, einer Sachlage Herr zu werden, sogar den tollkühnsten aus, während er, wo es nichts mehr zu tun, sondern nur noch etwas zu verweigern und zu leiden gibt, eher in Gefahr ist, „die Nerven zu verlieren". Man darf hier wohl von „aktivem" und „passivem" Mut sprechen, die an sittlichem Wert sicherlich ebenbürtig sind. Der „aktive" liegt vielleicht dem nordischen und dem dinarischen, der „passive" dem fälischen Menschen tiefer in der Natur.

Der Ruf aus der inneren Tiefe

Ob aber so oder so, — immer handelt es sich beim Mutbeweis um den Gehorsam gegenüber einem inneren Ruf, der im entscheidenden Augenblicke alle Stimmen verlockender Schwäche übertönt. Und da wir bereits beleuchtet haben, wie sehr die Hemmungen konstitutionsbedingt sind, so liegt offenbar die Quelle jenes inneren Befehls jenseits der Konstitutionsbedingtheit, mindestens aber in seelischen Tiefen, die zu beschreiben unsere Kenntnis von menschlicher Konstitution nicht mehr ausreicht. Der geschickte Springer wird eher über einen Abgrund hinwegsetzen als ein schwerer Mann im Bauernschnitt, der Robuste wird Vorstellungen von Ekel oder drohendem Schmerz leichter überwinden als der Feinnervige; hier aber handelt es sich nicht mehr um das Wie, sondern um die Tatsache der Ueberwindung selbst. Das Wort „Kaltblütigkeit" bezeichnet sehr schön die Fähigkeit, im entscheidenden Augenblicke so etwas wie Abstand von der Gefahr zu haben, aber die „Kaltblütigkeit" kann in höchster, heissblütigster Leidenschaft begründet sein.

Wir sind hier mit dem Versuche einer Aufgliederung an einen Punkt gekommen, wo sich nichts mehr zergliedern lässt. Hier hört die Formulierbarkeit aus gegensätzlichen und unterscheidbaren Begriffen und Vorstellungen auf. Der Mut ist eben — „der Mut". Die Sprache weiss schon, weshalb sie schliesslich für eine Sache nur einen und nicht zwei Namen hat.

„Mut" hängt im Stamm mit „Gemut" zusammen, also schlechthin mit der letzten Tiefe menschlichen Wesens, die wir jenseits aller Bindungen als „frei" empfinden, d. h. als unabhängig von allen Dingen, deren kausalen Zusammenhang wir noch zu beschreiben vermögen. Der Mut kommt aus den Bezirken der Freiheit, und er ist das einzige, was uns in die wirkliche Freiheit zurückzuführen vermag, und ob er uns andererseits noch so sehr den Kausalnexus des Daseins bis zum Tode als letztem Tribut fühlbar macht und uns ferner, indem er uns das moralisch Unverbrüchliche tun lässt, in einen zweiten, anderen Gesetzeszusammenhang bedingungslos einfügt. Am Problem des Mutes erweist sich aufs neue, dass letzte Freiheit und letzte Gebundenheit untrennbar sind.

„Persönlichkeit" und Verantwortungsmut

Und daraus ergibt sich auch die Stellungnahme zu einer weiteren Unterscheidung, die wiederum aus der Erfahrung des Lebens hervorgeht: Es gibt Menschen, deren Mut bei einer bestimmten Grenze des Einsatzes auch seine Grenze findet. Tollkühne Kerls, die jeder Wunde, jedem Tode trotzen, sind oft nicht in der Lage, eine Entscheidung zu fällen, bei der es sich z. B. um das Leben anderer Menschen handelt.

Sie haben unbedingt den „persönlichen" Mut des einzelnen, aber nicht den Mut des Führers. Sie können wohl wie Ludendorff die Festung Lüttich stürmen, würden aber nicht wie er die spätere, ungeheure Verantwortung des Generalstabschefs für Leben und Sterben von Millionen tragen können. Es muss aber beide Formen geben. Beide zusammen verkörpern erst den „Mut der Truppe". Aus dieser Zusammengehörigkeit geht auch hervor, weshalb die wirklich grossen Feldherrn nicht zum Typus der kalten Rechner gehören. Ihr Verantwortungsmut vor dem eigenen Gewissen setzt jenen persönlichen Mut des einzelnen voraus. Derjenige Führer ist seiner Soldaten als ausführender Organe sicher, der, wenn er nicht am Kartentisch stünde, genau so gut in der Linie stehen könnte. Selbst gewaltige und technische Kriege, wie sie heute geführt werden, lassen sich nicht mit dem Messzirkel allein gewinnen, selbst wenn der Kommandeur seelisch robust genug ist, Hekatomben sterben zu lassen, ohne sie in den Tod wirklich zu führen, — wozu dann allerdings Mut am allerwenigsten gehört.

W. F.

Ein scharfer böhmischer Wind pfiff über die Wiesen. Zwischen den ersten Grashalmen sprossten magere Gänseblümchen. Zu den Schellenbergern kam der Frühling immer drei Wochen später als anderswohin. Die Männer hatten ihre werktäglichen Holzpantoffel mit Lederschuhen vertauscht und die Staatsweste mit den Silbertalern angezogen, was hierherum Feierlichkeit bedeutete. Die beiden gehörten zu den wenigen im Dorf, die noch an den alten Sitten festhielten und das neumodische Kleiderzeug verachteten.

„Pressier nicht so, Stefan!" schnaufte der Kern, blieb stehen und wischte sich die Schweisstropfen mit dem Schneuztuch von dem roten vollen Gesicht. Dann zog er das Schmalzlerglasl aus der Westentasche und klopfte sich eine Prise auf den Handrücken. „Den Böhm, den windigen, sehen wir noch bald genug. Helfen wird's so nichts, da kenn' ich den zu gut."

„Probieren muss man's", hielt ihm der Gsodmair dawider. „Uebrigens hat mir heut die Post ein Telegramm gebracht. Vom Fogg-Josef. Er kommt in den nächsten Tagen."

„So — vom Fogg? Ist schon gut, wenn wir wieder einen Doktor haben. Wo du hinschaust, kranke Leute. Der kriegt einen Haufen Arbeit hier, wirst sehen. Ob er wohl noch der alte ist?"

„So einer wie der Fogg ändert sich nicht", sagte der Gsodmair mit Bestimmtheit.

„Sollst recht haben!"

Vom Dorf herauf klang Mittagsläuten. Schloss Weissensee stand graugelb und ansehnlich auf einem sanft geschwungenen Hügel, in einem Kranz von Wäldern, die unter dem plumpen Zugriff des Windes aufrauschten. Rings in der Runde lagen Wiesen, Aecker und Viehweiden, die an schattigen Stellen noch kleine Häufchen Schnee zeigten. Der Kern beschrieb mit dem Arm einen weit ausholenden Bogen und meinte anerkennend: „Ein schönes Sach hat die Fürstin beinand, das muss man ihr lassen."

„Ja, ihr Verwalter, der Tutschek, versteht sein Handwerk", erwiderte der Bürgermeister höhnisch. „Die Leut' auskaufen, das hat er fos. Das meiste, was du da lobst, sind unsere Wälder und unser Grund! Und billig hat er sie bekommen, der Mensch!"

„Hätten's halt nicht hergeben sollen, die Hanichel, die dummen", brummte der Wirt. „Ich und du waren die Schlaueren, gel?"

„Du hast leicht reden, Kern. Du mit deinem Viehhandel und deinem grossen Hof. Aber die anderen Verrecker? Manche von ihnen haben sich lange genug gestemmt, bis sie ja gesagt haben. Sag nein, wenn dir das Wasser bis da oben steht!" verteidigte der Bürgermeister die Gemeinde.

„Hast recht. Jedes Ding hat zwei Seiten", lenkte der Kern ein.

Mit Schellenberg, einem Ort von dreihundert Seelen — wie es in älteren Statistiken und frommen Hauskalendern noch heisst — stand es nun so: Das Dorf mit seiner armen Bevölkerung und seinem kargen Boden war schon in der Vorkriegszeit nicht wohlhabend gewesen. Krieg und Inflation taten dann das ihre, um die wirtschaftliche Lage noch zu verschlechtern. Verzweifelt wurde sie aber erst, als Russland sein billiges Holz auf die Weltmärkte warf und die Waldler mit den Preisen nicht mehr mitkonnten. Manch einer gab seinen Wald her, weil ihm das viele schöne Papiergeld in die Augen stach, oder aus Ueberdruss, weil der Sohn und Erbe gefallen war. Die meisten aber verkauften aus blanker Not, und weil die Schulden über ihnen zusammenschlugen. Wer damals bares Geld in Händen hatte, wie die Schlossherrschaft, konnte seinen Besitz billig und hübsch aufrunden und vergrössern. Und das hatte die von Holiwa-Weissensee, verwitwete Fürstin, landfremder zugewanderter Adel und aus dem Böhmischen stammend, gründlich besorgt. Ihr Boden lag aufreizend, breit und fett zwischen den mageren Feldern und Wieslein der notigen Schellenberger, Anstoss für viele, namentlich für Leute mit Heimatgefühl wie den Bauern und Bürgermeister Gsodmair.

„Es ist ein Kreuz auf der Welt", philosophierte der Kern im Weitergehen. „Jammer und Gefrett, wo du hinguckst bei uns. Kleinbauern und Arbeitslose. Die einen rackern sich jahraus, jahrein ab und kommen nie auf einen grünen Zweig, und die anderen hocken herum und wissen nicht, was sie ihren Kindern in den Mund schieben sollen."

Der Bauer kann keine Arbeit vergeben, obwohl alles verludert ist und in Fetzen hängt, er hat kein Geld. Und der Tutschek lässt kein Holz schlagen und keinen Weg machen. Und für die Knechtsarbeit und das andere hat er seine böhmischen Freunderln", seufzte der Gsodmair.

„Rein derschossen sind wir. Mit der Heimarbeit geht auch nicht viel. Für den Meter Klöppelspitzen zahlen sie jetzt achtundzwanzig Pfennig. Und was das Dutzend Holzteller und das Hundert Dachschindeln kostet, weisst du ja so. Da liest man immer in der Zeitung, dass den Notstandsgebieten geholfen werden soll — Absatzsteigerung, Entschuldung, Arbeitsbeschaffung, rechtschaffene Preise — wir hier haben noch nicht viel davon gespürt."

„Sei nicht ungerecht, Kern! Die von der Regierung haben den besten Willen. Aber alles auf einmal können die halt auch nicht machen. So was braucht seine Zeit. Und dann, wir liegen zu weit von den grossen Plätzen. Zu uns kommt es auch noch, nur Geduld", sagte Gsodmair zuversichtlich.

„Wenn wir's nur so lange aushalten. Ich mein', in der Gemeinde. Ich red' ja nicht von mir."

Die beiden waren inzwischen vor dem Verwaltungshaus angelangt, das, durch einen Park vom Herrschaftsgebäude getrennt, mit seinen weissen Ställen, Scheuern und Gesindewohnungen hell und freundlich dalag. Ueber dem Eingang stand: Fürstlich Weissenseesche Domänenverwaltung.

„Packen wir's?" fragte der Kern und schneuzte sich.

„Ich mein' schon", sagte der Bürgermeister und klopfte an.

„Was führt die Herren zu mir?" begrüsste sie der Verwalter Tutschek. Er war ein noch junger Mann, gepflegt und forsch aussehend in Haltung und Kleidung. Er trug glänzende schwarze Reitstiefel zum gutgeschnittenen Anzug, und die Sporen daran klingelten leise. Er hielt eine Zigarette schief im Mundwinkel und schob einen Akt zur Seite.

„Eine Bitte hätten wir", begann der Bürgermeister. „Sie haben wieder eine Holzversteigerung ausgeschrieben. Und da möchten wir, das heisst, die Gemeinde bittet darum, dass das Holz nicht versteigert, sondern zu einer festen Taxe abgegeben wird. Dann kommt keiner zu kurz, und das leidige Ueberbieten und Den-Preis-Hochtreiben hört auf, bei dem nachher nur immer Krach und Feindschaft herauskommen. So haben wir's gestern in der Sitzung beredet."

„Meine Herren —", erwiderte Tutschek rasch und abwehrend, aber der Bürgermeister fuhr uneingeschüchtert fort: „Es ist vor allem wegen dem Nutzholz für die Heimarbeiter. Sie wissen ja selber, wie schwer sich die jetzt tun und wie wenig sie für ihre Ware bekommen. Wenn jetzt auch noch das Material teuer ist, bleibt ihnen überhaupt nichts übrig." So nun ist alles heraus, und nicht schlecht, wie dem Gsodmair deucht, und jetzt mag der andere reden. Die Antwort kennt man im voraus.

Dralle Birkenwasser
Die Rettung für Dein Haar!

„Lässt sich nicht machen, lieber Herr Bürgermeister! Lässt sich durchaus nicht machen! Was Sie da vorbringen, ist ja bedauerlich für die Leute, natürlich, aber wir da heroben können auf den durch eine Versteigerung erzielten Uebererlös nicht verzichten. Ihr habt ja keinen Dunst, wie schwer sich das Schloss tut mit all diesen Steuern und Abgaben und Auslagen und Spesen, die ein so grosser Besitz mit sich bringt. Wenn ich nur an die Reparaturen denke, kriege ich schon Kopfweh!" Der Tutschek redete flink, beschwörend und gesalbt, und man hörte ihm nicht einmal viel an, dass er Ausländer war.

(Fortsetzung folgt.)

Juckt es, dann niemals kratzen

denn das einzige was erzielt wird, ist, dass die Leute über einen lachen. Besser ist auf alle Fälle, Mitigal zu nehmen, das ein bewährtes Mittel gegen Krätze, Hautjucken und andere Hautaffektionen ist. Darum: Juckt es, dann niemals kratzen ....

Nimm Mitigal

Ostern muss man Backen

und eine tüchtige Hausfrau lässt sich das auch nicht nehmen, denn sie weiss, wieviel Freude sie damit macht. Ausserdem darf sie auf ihre Kunst, gut Backen zu können, wirklich stolz sein.

Viele Anregungen zum Backen empfangen Sie aus "Dr. Oetker's Rezeptbuch" welches Sie in den besseren Lebensmittelgeschäften erhalten. Sie brauchen zum Backen Dr. Oetker's

Backin (Fermento Allemão)

Dr. Oetker's Vanillinzucker und „Farinha Baby", feinster Maisstärkepuder. Als Nachtisch servieren Sie einen der köstlichen Oetker-Puddinge.

Alleinhersteller in Brasilien:
WALTER HUSMANN, Nährmittelfabrik
SÃO PAULO — CAIXA POSTAL, 2599

TRANSPORTADORA S. PAULO-PARANÁ
H. HOLLMANN & CIA.

Gütertransporte mit Lastwagen von Haus zu Haus

RASCH • SICHER • SPARSAM

von und nach São Paulo, Paraná und Santa Catharina

SÃO PAULO
R. Visc. Parnahyba 2539
TELEPHON: 3-4631
Telegrammadresse „Elsur"

CURITYBA
R. Vol. da Patria 51-53
TELEPHON: 1313
Telegrammadresse „Elsur"

Bevorzugen Sie bei Ihren Einkäufen die im Deutschen Morgen anzeigenden Firmen!

Como a Polonia tratou dos Allemães

Relato de um Sacerdote

Foi entregue ao „La Plata-Zeitung", que se publica em Buenos Aires, para a respectiva reproducção, a seguinte carta que um sacerdote, nascido na Polonia, onde viveu todo tempo e onde sempre exereeu sua espinhosa missão de cura de almas, dirigiu a um Irmão espiritual da sua congregação na capital portenha. A verdade dos factos ahi narrados paira acima de qualquer suspeita. Se a Polonia colhe hoje o que semeou durante decennios, só se póde considerar essa colheita um processo fatal que se reproduz tanto na vida dos povos como na natureza. Demos aqui a palavra ao sacerdote-missivista, á qual nada ha a adduzir:

Janeiro de 1940.

Caro irmão na Fé!

Na minha qualidade de membro do Synodo das Missões e como pastor da Communidade da Santa Trindade de Andrespol, junto a Lodz, na Polonia, quero expôr aos Irmãos dahi algumas occorrencias que podem ser confirmadas pelo pastor Bodamer, director das Missões. Cedo ahi á pressão que vem do meu amor á verdade e á paz e da responsabilidade que pesa sobre todo christão, quando este nota e vê, como a mentira e a vileza tomam proporções assustadoras. Se esse christão não agir contra isso, por se julgar innocente e puro, razão por que nada lhe poderá succeder, então cabe chamal-o de irresponsavel, preguiçoso e indolente, pois emquanto elle se mostra inerte, muita gente innocente se vê convertida em victima das falsidades e das intrigas que lhe causam padecimentos inauditos. Eis por que quero cumprir o meu dever a bem da verdade, divulgando esta e fazendo ouvir minha voz em todos os recantos onde as possa fazer penetrar e emquanto para isso derem os meus recursos, narrando as cousas como estas se apresentam na realidade. Talvez se consiga evitar desgraça maior, expondo os factos com honestidade e sinceridade.

Eu, Karl Ernst Patzer, nascido a 5 de maio de 1904, em Alexandrow, junto a Lodz, estudei, depois de terminado o curso gymnasial em Lodz, theologia em Berlim-Zehlendorf. Fui ordenado em Lodz, no Dia da Ascensão, no anno de 1931, pelo director das Missões, pastor Bodamer. Fui pastor, durante tres annos, em Petrikau, e durante cinco annos, em Andrespol. Jamais me incommodei com a politica. Dediquei todo o meu esforço, com fidelidade e zelo, ao exercicio de minha missão de cura de almas, mercê do que consegui grangear a confiança e o amor não apenas de minha communidade, mas tambem de toda a Igreja (attestado do pastor Bodamer).

Meus paes, o circulo de nossas relações e tambem eu faziamos uso, como, aliás, era muito natural, do idioma allemão como lingua corrente. Entretanto, as difficuldades dos membros de minha communidade, a continua limitação de suas possiblidades de vida, a ininterrupta perseguição de nossa congregação e Igreja, a constante desconfiança e o odio do meio polonez obrigaram-me, porém, a occupar-me logo das questões de ordem ethnica e politica.

Em abril do anno passado, depois que a Inglaterra deu carta branca aos polonezes para todas as medidas que a Polonia julgasse acertadas, iniciou-se um atiçamento franco e vergonhoso das massas polonezas, o qual produziu os seus primeiros frutos na sangueira entre os allemães, em Tomaschow e Konstantinow. Vi com os meus proprios olhos as atrocidades e devastações. Tambem em Andrespol, onde moravamos e que não se acha mui afastada de Tomaschow (onde nos dias 13 e 14 de maio se registou, sem interrupção, uma verdadeira caçada aos allemães), começou um terror difficil de se descrever. A cousa iniciou-se com discursos publicos em que eram empregadas expressões taes como „cortar as cabeças", „calçar as ruas com as cabeças allemães", „exterminar a corja allemã". Tive de levar minha mulher e os filhos para Lodz, á casa do pastor Bodamer, que nos havia offerecido hospedagem. Eu mesmo permaneci junto á minha communidade, não podia, porém, dormir em minha casa. Sem cessar nem beira, errava da casa de um dos membros da communidade á outra. A maioria refugiou-se na Allemanha, abandonando todos os seus haveres. Tornou-se-me impossivel proseguir na minha missão de cura de almas. Pelo contrario, as minhas visitas só constituiam um perigo para minha gente que com isso ia parar na „lista negra". Incineraram o paiol do camponez em cuja casa eu passára minha ultima noite em Andrespol. Afim de não pôr inutilmente em risco minha gente e minha Igreja, pedi uma licença e dirigi-me para Dantzig. Balda de todos os recursos, minha mulher foi com os meus tres filhos para um acampamento de refugiados e eu para Berlim, a procura de occupação. Alguns membros generosos da minha communidade mandaram-me dinheiro, de modo que pude alugar uma casa e mandar vir do acampamento os entes que me são caros. Não obstante termos perdido tudo — pois todos os nossos bens ficaram em Andrespol — damos graças á Deus pela tranquilidade e ordem que podemos gozar. Toda gente é amavel comnosco e auxilia e ampara-nos em tudo que lhe fôr possivel, embora o povo allemão tambem lute com difficuldades, em virtude do seu restricto espaço vital. O Serviço de Assistencia Publica cuidou dos meus no acampamento e facilitou-lhes a viagem. Aqui ninguem padece fome. Todo mundo tem trabalho e pão. Todos se mostram alegres, amam o governo e idolatram Hitler a quem devem todos estes beneficios. Que grande bençam de Deus representa um bom governo!

Se hoje considero aquillo que eu proprio testemunhei e se o confronto com o que vem sendo divulgado através de noticias polonezas e inglezas, chego a comprehender a immensidade da falsidade e do crime incrivel commettido contra a humanidade. Os judeus, maçons e bolsistas resolveram matar a Allemanha (da mesma forma que o Estado polonez havia decidido a nossa morte). Agora justificam perante a opinião publica mundial seu objectivo diaholico com a mentira: „Os allemães são barbaros", „os allemães pretendem dominar o mundo", „os allemães devem ser relegados de novo aos seus limites primitivos". Ah, pudesse eu dilacerar essa maldita trama diaholica, pudesse eu mostrar-vos, queridos Irmãos na Fé, a verdade! Os allemães são homens calmos, correctos, honestos, trabalhadores e diligentes, de uma paciencia sem limites e de grande amor pela paz. Por que occultam as atrocidades polonezas? Por que não contam nada da longanimidade e paciencia com que Hitler assistiu, durante cinco mezes, aos actos enraivecidos e desenfreados dos polonezes, ao mesmo tempo que se esforçava por um entendimento e em prol da paz?

Espero logo exercer meu sacerdocio na Patria, sob a forte protecção allemã. Ora, ninguem ha de pretender que queiramos viver de novo sob a soberania poloneza, depois da experiencia por que passámos. Propuz-me dedicar todas as minhas horas de lazer ao esclarecimento da verdadeira situação.

Sou, ligado a vós na verdadeira fé, o irmão

(a) *Karl Ernst Patzer*
por ora em Berlim-Wilmersdorf,
Jähringerstrasse 39

Irradiações especiaes
para o Brasil em Lingua Portugueza
das 18,50 ás 23,00 horas pelas emissoras
DJQ — 15280 Kiclos — 19,63 metros e
DJP — 11855 Kiclos — 25 31 metros
Transmissão do Noticiario de ultima hora
todos os dias ás 20 e ás 22 horas (hora local)

So behandelte Polen deutsche Menschen

Ein Geistlicher berichtet

Berlin, 15. (T.-O.) Der „La Plata-Zeitung" in Buenos Aires wurde nachfolgender Brief zur Verfügung gestellt, den ein deutscher Geistlicher, der in Polen geboren, dort aufgewachsen und sein verantwortungsvolles Amt als Seelsorger versah, einem hier tätigen Amtsbruder zugehen liess. Die Wahrheit der darin geschilderten Vorgänge ist über jeden Verdacht erhaben. Wenn Polen jetzt erntet, was es in jahrzehntelanger Saat gesät hat, ist diese Ernte nur als naturnotwendiger Vorgang anzusehen, der sich im Leben der Völker genau so entwickelt wie in der Natur. Wir lassen den Bericht folgen, der für sich selber spricht:

Januar 1940.

Lieber Glaubensbruder!

Als Glied der Missionssynode, als Pastor der Dreieinigkeitsgemeinde zu Andrespol bei Lodz, Polen, möchte ich den Brüdern drüben einige Tatsachen, die auch Herr Missionsdirektor Pastor Bodamer bestätigen kann, vorlegen. Mich treibt die Wahrheits- und Friedensliebe, die Verantwortung, die jeder Christ trägt, wenn er merkt und sieht, wie Lüge und Niedertracht überhandnehmen. Wenn er nichts dagegen tut, in der Meinung, er sei unschuldig und rein, ihm werde nichts geschehen, dann muss man ihn wohl verantwortungslos, faul und müssig nennen, denn inzwischen wird durch lügnerische Hetze namenloses Elend und Leid über unschuldige Menschen gebracht. Ich will nun meine Pflicht am Dienst der Wahrheit erfüllen, überall hin, wo ich nur die Möglichkeit und meine Mittel reichen, meine Stimme dringen zu lassen und die Verhältnisse, wie sie wirklich liegen, bekannt machen. Vielleicht kann in ehrlicher, aufrichtiger Erörterung der Lage grösseres Unglück verhütet werden.

Ich, Karl Ernst Patzer, geb. am 5. Mai 1904 in Alexandrow bei Lodz, habe nach Beendigung der Mittelschule in Lodz in Berlin-Zehlendorf Theologie studiert und bin am Himmelfahrtsfest 1931 in Lodz von Herrn Missionsdirektor Pastor Bodamer ordiniert worden; drei Jahre war ich dann Pastor in Petrikau, 5 Jahre in Andrespol. Ich habe mich nie um Politik gekümmert, sondern mein Seelsorgeramt treu und fleissig geübt und mir dadurch Vertrauen und die Liebe nicht nur meiner Gemeinde, sondern auch der ganzen Kirche erworben (Zeugnis von P. Bodamer). Meine Eltern und meine Umgebung haben aber wie auch ich in natürlicher Selbstverständlichkeit das angeborene Deutsch als Umgangssprache gebraucht. Die Not meiner Gemeindemitglieder, die dauernde Einschränkung und Begrenzung ihrer Lebensmöglichkeit, die ununterbrochene Verfolgung unserer Gemeinde und Kirche, das fortwährende Misstrauen und der Hass der polnischen Umgebung zwangen mich aber bald, mich mit den Fragen völkischer und politischer Art zu befassen.

Seit April vorigen Jahres, nachdem England den Polen einen Freibrief ausstellte zu allen Massnahmen, die Polen für richtig hielt, begann eine offene und schamlose Verhetzung der polnischen Massen, die bald ihre ersten Früchte in dem Blutbad unter den Deutschen in Tomaschow und Konstantinow trug. Ich habe mit eigenen Augen die Greuel und Verwüstung geschaut. Auch bei uns zu Andrespol, das ja nicht weit von Tomaschow (wo man am 13. und 14. Mai zwei Tage lang eine regelrechte Treibjagd auf Deutsche veranstaltete) entfernt liegt, begann ein Terror, der kaum zu beschreiben ist. Oeffentliche Reden, wie „Köpfe abschneiden", „mit den deutschen Köpfen die Strassen pflastern", „die deutsche Brut ausrotten", waren der Anfang. Ich musste Frau und Kinder nach Lodz zu Pastor Bodamer, der mir Unterkunft anbot, bringen. Ich selbst blieb bei meiner Gemeinde, konnte aber nicht in meinem Hause schlafen. Ohne Heimat irrte ich von Gemeindeglied zu Gemeindeglied. Die meisten flüchteten nach Deutschland, alles zurücklassend. Eine Weiterarbeit, eine Seelsorge war unmöglich. Im Gegenteil, durch meine Besuche brachte ich meine Leute in Gefahr und auf die „schwarze Liste" (dem Bauer, bei dem ich meine letzte Nacht verbrachte, wurde seine Scheune niedergebrannt). Um nun meine Leute und meine Kirche nicht unnötigerweise in Gefahr zu bringen, bat ich um Urlaub und ging nach Danzig. Ohne Mittel gingen meine Frau und meine drei Kinder in ein Flüchtlingslager und ich fuhr, Arbeit suchend, nach Berlin. Gemeindemitglieder schickten mir Geld nach, so dass ich eine Wohnung mieten und meine Lieben aus dem Lager zu mir nehmen konnte. Trotzdem wir alles verloren haben — alles blieb in Andrespol —, sind wir Gott dankbar für die Ruhe und Ordnung, die wir geniessen dürfen. Die Leute sind freundlich zu uns, helfen und unterstützen uns, wo sie nur können, trotzdem es das deutsche Volk seines kleinen Lebensraumes wegen auch nicht leicht hat. Für die Zeit im Lager, für die Fahrt sorgte die Volkswohlfahrt. Hier darf niemand hungern. Jeder hat Arbeit und Brot. Jeder ist fröhlich und liebt die Regierung und vergöttert den Führer, dem sie diese Wohltaten verdanken. Was für ein Segen Gottes ist doch eine gute Regierung!

Wenn ich nun heute das, was ich selbst erlebte, bedenke und mit dem vergleiche, was polnische und englische Nachrichten verbreiten, dann kann ich wohl die ganze Grösse der Lüge und des unglaublichen Verbrechens an der Menschheit erkennen. Die Juden, Freimaurer und Börsenschieber haben Deutsch-

DIE ELEKTRISCH BEHEIZTE BADEDUSCHE
UND DER ROHÖLGASKOCHER UND HERD

Fabrikate der Marke REI Vertrauens-Marke

wurden zu wirklichen Freunden der guten Hausfrau, höchste Vollendung neuzeitlicher Hygiene, Bequemlichkeit, Sparsamkeit, Sicherheit und tägliche Freude in Küche und Bad.
Prospekte und weitere Aufklärung durch die

INDUSTRIAS REI
INGENIEUR H. WACKER

FABRIK: Rio, Rua Ev. da Veiga, 132-A - Tel.: 42-9770
BÜRO: Rua das Marrecas, 5 - Tels.: 22-5860 - 42-4537
FILIALEN:
S. PAULO: Rua Bar. de Itapetininga, 112-A, lj. 14, Tel. 4-4738
SANTOS: Rua Amador Bueno, 60 - Telefone: 6141
BELLO HORIZONTE: Rua São Paulo, 686 - Tel: 2-2969
PORTO ALEGRE: Rua Christ. Colombo, 2134 - Tel.: 3272

POMADA HAEDENSA
das nie versagende deutsche Schutz- und Heilmittel gegen
HÄMORRHOIDEN
Billiger Preis
Praktische Anwendung

Pertussin „Taeschner"
der deutsche schleimlindernde
HUSTENSAFT
auch bei Keuchhusten wirksam, schmerzstillend

CRYSTALLOSETTEN „HEYDEN"
reinster Süss-Stoff von höchster Konzentration
450mal süsser als Zucker
Für Korpulente, Zuckerkranke und Säuglinge

Hauptvertrieb: In allen Drogerien und Apotheken zu haben
Carlos Kern & Cia. Ltda. / Rio de Janeiro Caixa postal 1912

CASA WESTFALIA R. ASSEMBLÉA 37 Tel. 42-0646 – RIO
Das einzigste deutsche **Feinkostwarenhaus** im Zentrum. — Alle in- und ausländischen Konserven und Weine. — Blumenauer Spezialitäten. - Bar- und Restaurationsbetrieb.
Täglich kalte und warme Spezialplatten.
Inhaber: Jens Jensen

Deutsches Heim, Rio de Janeiro
Rua 7 de Setembro 140 - 1. Stock
Tel. 42-3601
Mittag- und Abendtisch auch nach der Karte
Stets frischer Schoppen — Reichhaltige Getränke

Preiswert **Kölnisch Wasser** Erfrischend
das beliebte Qualitätsprodukt der
Deutschen Apotheke - Rio de Janeiro
Rua da Alfandega 74 - Tel. 23-4771

Brahma-Chopp
in Fass und Flaschen
unübertroffen!

Guaraná-Brahma
Agua Tonica (typo inglez)
die beliebten alkoholfreien Getränke

C.C. Brahma
RIO DE JANEIRO
TELEPHON 22-2111

Officina
für Schreibmaschinen und Reparaturen / Reinigung von Schreibmaschinen
Tel. 23-5179
Ricardo Knoblich
Rua Theophilo Ottoni 122
loja
RIO DE JANEIRO

Rio-Besucher
besucht
DANUBIO AZUL
Avenida Mem de Sá 34
Telefon 22-1354
Prima Küche
Täglich Konzert
Im ersten Stock Tanz

Dr. Fridel-Tschöpke
Säuglings- und Kinderarzt. Moderne Behandlung der Ernährungsstörungen (Brechdurchfall, Blutarmut, Tuberkulose und Hautkrankheiten, Ultraviolett-Strahlen).
Consultorio: Rua Miguel Couto Nr. 5
von 2—5 Uhr. Tel. 22-0713. — Wohnung: Tel. 22-9930

MIRAMAR - PAQUETÁ
(Barca-Seite links) Telephon 206
Hotel / Bar / Restaurant
Luftige Zimmer / Vorzügliche Wiener Küche
Mässige Preise / Grosser Garten für Picnics usw.
Einziges deutsches Hotel am Platze

lands Tod beschlossen (wie der polnische Staat unseren Tod beschlossen hatte). Sie rechtfertigen nun vor der Weltmeinung ihr teuflisches Ziel mit der Lüge: „Die Deutschen sind Barbaren", „die Deutschen wollen die Welt beherrschen", „Die Deutschen müssen in ihre Schranken zurückgewiesen werden" und so weiter. — Ach, könnte ich dieses verfluchte teuflische Gewebe zerreissen, könnte ich euch, liebe Glaubensbrüder, die Wahrheit zeigen! Die Deutschen sind ruhige, anständige, ehrbare, arbeitsame und fleissige Menschen mit unendlich viel Geduld und Friedensliebe. Warum verdeckt man die polnischen Greuel? Warum erzählt man nichts von der Langmut und Geduld, mit der der Führer dem Toben und Wüten der Polen fünf Monate zuschaute und sich um Frieden und Verständigung mühte?

Ich hoffe bald in meiner Heimat unter starkem deutschen Schutz meiner Seelsorge nachgehen zu dürfen. Denn niemand kann uns nach den Erfahrungen zumuten, noch einmal unter polnischer Obrigkeit leben zu wollen. Ich will aber auch meine ganze freie Zeit der Aufklärung über die wahre Lage widmen.

Ihr im wahren Glauben verbundener
Karl Ernst Patzer,
zurzeit Berlin-Wilmersdorf,
Jähringerstr. 39.

Wir fegen nun die Nordsee blank

Unsere U-Boote im Lied

Das Zusammenleben auf allerengstem Raum im U-Boot erfordert und schafft zugleich eine Kameradschaft, die besonders tief und fest sein muss. Ausserdem sind die Besatzungen verhältnismässig klein, so dass jeder Mann jeden Kameraden auf dem Schiff genau kennt. Jeder Handgriff muss hier sitzen, und Wohl und Wehe der ganzen Besatzung hängen nicht nur von der Führung, sondern genau so von der Exaktheit und Disziplin jedes einzelnen an Bord ab. Unsere U-Boot-Besatzungen liehen es nicht, von dieser Kameradschaft viel Worte zu machen; aber sie haben sich nie geschämt, sich dazu im Liede zu bekennen.

Ulrich Gühler hat uns das erste Waffenlied unserer U-Boote gedichtet:

Vier lange Wochen, Tag und Nacht,
Im Lederzeug geschlafen, gewacht!
Vierzig Männer, die ein starker Geist
Auf Leben und Tod zusammengeschweisst.

Wisst ihr, was das heisst?
Ja, wisst ihr, was das heisst?

Tag und Nacht und Nacht und Tag
Maschinengerassel, Motorenschlag.
Rastlos rasend da die Kurbel kreist.
Oeldunst, der in Lunge und Augen beisst.
Wisst ihr, was das heisst?
Ja, wisst ihr, was das heisst?

Wenn schäumend die Gischt das Boot umtollt
Und es schlingert und stampft und es zittert und rollt,
Wenn der Sturm die See auseinanderreisst,
Wenn die Kälte der Wache den Atem vereist.
Wisst ihr, was das heisst?
Ja, wisst ihr, was das heisst?

Der sprichwörtliche Schneid, den man unseren U-Booten besonders nachrühmt, lässt sie sich dem alten kühnen Reitergeist der Husaren besonders nahe verwandt fühlen. Wie diese leichten Reiter einst in den Vorhuten und Avantgarden der Armeen weit in das unbekannte Gebiet des Gegners hinein aufklärten, so stösst auch die U-Boot-Waffe über grosse Räume mitten in gegnerische Zentren vor, ohne noch in direkter Verbindung mit dem Gros der eigenen Flotte zu stehen. Bereits im Weltkriege haben sich daher unsere U-Boot-Männer schon Deutschlands Husaren zur See genannt. Ein 1916 entstandenes Lied gibt Zeugnis davon:

Was schleicht sich dort leise zum Hafen hinaus,
Hinein in der Abendsonn' Gluten?
Ein festgefügtes, stählernes Haus,
Ein Riesenhaifisch gewölbten Bau's,
So wühlt er sich durch die Fluten.
Nun weh, dir England, dreimal weh,
Das sind Deutschlands Husaren zur See.

Sie sinken, sie tauchen zu tapferer Tat,
Als ob der Abgrund sie riefe.
Sie finden unter den Wogen den Pfad,
Mit Kompass, Flosse und Steuerrad,
So stürzen sie sich in die Tiefe.
Nun weh, dir England, dreimal weh,
Das sind Deutschlands Husaren zur See.

Neben der unverbrüchlichen Kameradschaft und dem kühnen Angriffsgeist, der die U-Boot-Waffe kennzeichnet, ist es vor allem ihr unbesiegbarer Humor, mit dem sie den besonders harten und gefährlichen Dienst allenthalben verklärt. Man rühmt den U-Boot-Männern, wie übrigens auch den Minenbootsleuten nicht nur eine ganz besondere Trinkfestigkeit, sondern auch einen recht scharfen Witz nach, vor dem so leicht kein Gegner standhält. So ist eines der Lieblingslieder unserer U-Boote das halb in englisch und halb in Hamburger Platt gehaltene Liedchen „A little story von de düütschen U-Bent", das der Bootsmannsmaat Walter Rothenburg 1918 dichtete und in der Kriegszeitung für das Marinekorps „An Flanderns Küste" zum ersten Male veröffentlichte. Es ist seitdem zum Hauptlied unserer U-Boote geworden.

When the sun shines bright to day,
foort en U-Boot in de See,
looking for the merchantfleet.
Pass mol op, du scheve Briet!

At the channel of Calais
krüüzt en grotes Schipp de See;
Tommy, he was very glad,
wenn he dat in Cherbourg hett.

But the little submarin
joogt em en Torpedo rin,
and it was the latest trip
von dat engelsch Hannelsschipp.

Oh, you little submarin,
mookst den Tommy bannig Pien,
make the german people joy
un wi roopt: „U-Boot Ahoi!"

(Melodien siehe „Seemannslieder", herausgegeben von Gerhard Pallmann, Hanseatische Verlagsanstalt, Hamburg, S. 24—26.)

Ein gewaltiges Echo an neuen Liedern hat in unserem deutschen Volke Günther Prien's erste Heldentat wachgerufen. Unter den vielen Liedern, die mir damals über den deutschen Rundfunk zugingen, verdient aber wohl keins besser volkstümlich zu werden, als das von dem Dresdner Reinhold Mäser gedichtete; ich habe es in meiner soeben erscheinenden Kriegsliedersammlung „Der Führer hat gerufen" (Verlag N. Simrock, Leipzig C 1) mit einer neuen Melodie veröffentlicht:

PFAFF

DIE NÄHMASCHINE
FÜR JEDEN HAUSHALT

Agenten an allen Plätzen
THEODOR WILLE & CIA. LTDA.
AVENIDA RIO BRANCO 79/81 RIO DE JANEIRO

D. Schebek

KABINEN- UND COUPEKOFFER, REISETASCHEN, HUTKOFFER, AKTENMAPPEN, SCHULTASCHEN, GUERTEL, BRIEF- UND GELDTASCHEN, REPARATUREN.

Época
Rua General Camara, 137 — Tel.: 23-1114

DIE EDELSTEINE BRASILIENS

AQUAMARINE
TURMALINE
TOPASE UND
AMETHYSTE
IN GOLD SILBER UND PLATIN FASSUNGEN
Hermann Meng
RIO DE JANEIRO
RUA BUENOS AIRES, 85 • TEL: 23-3685
1° ANDAR • ELEVADOR

SIEMENS

Elektrizität
in Haushalt und Werkstatt

Siemens-Schuckert S/A
Rio de Janeiro
Rua General Camaro, 78
São Paulo
Rua Florencio de Abreu, 43

Bar und Restaurant VICTORIA
Rua 1.o de Março 33 - Tel. 23-4347
Besitzerin: Wwe. WILLY HARDT
MITTAG- UND ABENDESSEN
I.a Küche Brahma-Chopp
Verkehrslokal des Kyffhäuser-Bundes

BAR E RESTAURANT „ZEPPELIN"
Inhaber: Oscar Geidel / Telefon 27-1289
Ipanema, Rio, Rua Visconde Pirajá Nr. 499
Grosse Auswahl in Aufschnitt, Salate, Konserven, Käse / In- und ausländischen Weinen / Belieferung für Cocktailabende und andere Festlichkeiten
Frei Haus

Reparaturwerkstätte f. feinmech. und optische Instrumente, Füllfederhalter und Füllbleistifte HERMANN SEIBEL, R. Miguel Couto 65, 1. Stock, Tel. 23-1652

Bar und Restaurant Fischerklause Rua Th. Ottoni 126 RIO - Tel. 43-5178
Deutsche Küche — Brahma-Chopp
Inhaber: Fritz Schade

Grossadmiral und Doktor Raeder
Rief auf die Käpt'n-Leutnants:
Der Kampf beginnt, es steh ein jeder
Mir ein fürs Wohl des Vaterlands!
Was gilt das kleine eig'ne Leben,
Zerbrecht mir der Blockade Zwang,
„Deutschland muss jetzt und ewig leben,
Drum fegt die Nordsee klar und blank!"

Sie steigen ein in ihre Boote
Bei finsterer Nacht im Sturmgebraus;
Wie auch die grimme Nordsee drohte:
Hinaus aufs Meer! Hinaus! Hinaus!
Was gilt das kleine eig'ne Leben,
Wir brechen der Blockade Zwang,
Deutschland soll jetzt und ewig leben!
Wir fegen nun die Nordsee blank!

„Wir fahr'n zum Tod! Zu letzten Taten!"
Sprach Prien zu seinen Jungens rauh,
Wir zeigens ihnen, den Piraten! —
Vollgas! Zur Bucht von Scapa Flow!"

Was gilt das kleine eig'ne Leben, —
Lebt wohl, ihr Mädchen rank und schlank!
Nur Deutschland hat jetzt Recht zu leben,
Wir fegen nun die Nordsee blank!

Dort lag der Stolz von Englands Flotte,
Dort lag „Repulse" und „Royal Oak".
Sie wurden aller Welt Gespotte,
Als „Royal Oak" zum Teufel flog!
Was galt das kleine eig'ne Leben,
Nur ein Gedanke uns bezwang:
Deutschland muss jetzt und ewig leben,
Drum fegten wir die Nordsee blank!

Doch England! Merke auf die Lehre:
Treib niemals wieder deinen Spott
Mit Führers Wort und Deutschlands Ehre,
Sonst strafen wir dich! Das bei Gott!
Was gilt das kleine eig'ne Leben,
Wir brechen der Blockade Zwang,
Deutschland soll jetzt und ewig leben!
Wir fegen ihm die Nordsee blank!

Soldatenhumor am Westwall

In einer Heimatzeitung stand vor kurzem eine Stellenanzeige, durch die ein „nettes, ehrliches, selbständiges junges Mädel" eine Stelle in „gutem, frauenlosem Haushalt" suchte. Die Aufgeberin dieser Anzeige war nicht wenig erstaunt, als sie unter den Angeboten auch einen Feldpostbrief fand. Er hatte folgenden Inhalt: „Betreffend Stellengesuch. Liebes, nettes Fräulein. Da unser Haushalt frauenlos, können Sie sofort bei uns eintreten. Wir wohnen in einer Villa (Westwall), 500 Quadratmeter Wald- und Parkgelände, sowie 1000 Quadratmeter Himmelblau! Gehalt nach Rücksprache. Vorzüge unseres Angebotes: Unbedingt bombensichere Unterkunft. Liebe auf Schritt und Tritt. 1000 Landserherzen (Sie hören sie schlagen), Tanz und Musik im Hause. Sie können sofort kommen. (Kinderfräulein wird noch angeschafft!) Mit den bombensichersten Grüssen ... N. N."

Der Humor, der aus dieser Zuschrift spricht, ist der Humor des Westwall-Landsers von heute. Er ist urwüchsig und derb, treffend, aber nicht verletzend, so wie echter, deutscher Soldatenhumor von jeher war: rauh aber herzlich. In den Feldzeitungen finden wir zahllose Proben dieses Humors. Und, wenn man wissen will, worüber unsere Soldaten am Westwall lachen, muss man die Witzseiten der Feldzeitungen lesen, die fast ausschliesslich aus Beiträgen der Truppe bestehen und deshalb den Fronthumor wahrheitsgetreu widerspiegeln.

*

Das Leben im Unterstand kommt auch in folgender Geschichte zum Ausdruck: „Wir liegen schon alle in unseren Schnarchkisten. Draussen regnet es Bindfäden. Plötzlich ertönt aus einer Ecke ein Fluch: „Verdammt, hier regnet es durch!" Aus der anderen Ecke kommt die Antwort in echtem Hamburger Platt: „Dschä, denn musst Du'n Doler mehr bezahlen, hesst jo'n Zimmer mit fliessend Woter!" Ein anderesmal wird das Leben im Bunker mit einem einzigen knappen Satz geschildert, der unter der Ueberschrift „Aus einem Brief an die Heimat" folgendermassen lautet: „Unsere Unterkunft hier ist ganz behaglich bis auf das Eintönige, den Regen und die Leute, die gegenüber wohnen."

Dieser trockene Humor findet sich in vielen Witzen, und die besten sind immer diejenigen, die, wie die folgende Erzählung, alle Vorgänge aus der Perspektive des Frontalltags betrachten: August sitzt auf dem Donnerbalken. (Jeder Weltkriegssoldat kennt die Bedeutung dieses Balken, der auch heute wieder eine grosse Rolle im Frontleben spielt!). Nachdem er eine Zeitlang vergeblich von seinem „Freilichtsitz" das Vorfeld seiner „Stellung" abgesucht hat, fragt er seinen Kameraden, der ihm Gesellschaft leistet: „Hallo, Fritz, hast du Papier bei dir?" Fritz feixt und antwortet: „Nein, aber warte bis zum nächsten englischen Flieger, vielleicht wirft er dir ein Flugblatt ab."

Den englischen Fliegern gilt auch folgende kleine Geschichte: „Wir stehen auf dem Flugplatz und warten auf die Rückkehr unserer Jäger. Gerade kam die Meldung, dass der dritte Engländer heruntergeholt wurde. Sagt einer zum anderen: „Du! Weisst du schon, dass die Engländer halb so viel Benzin gebrauchen wie wir?" — „Nein, haben die vielleicht bessere Motoren?" — „Du Dussel, die fliegen doch immer nur eine Strecke!"

Sehr wichtig sind auch im Leben des Westwall-Landsers Post und Geld. Da die Feldpost nicht immer so schnell kommt, wie es der Landser erwartet und wie er es vom Zivilleben her bei der Post gewohnt war, ist sie die beliebte Zielscheibe mancher Karikatur und manchen Witzes. So wird einmal eine überlebensgrosse Schnecke mit einem grossen Feldpostbrief im „Schnabel" gezeichnet. Eine andere Feldzeitung bildet den Umschlag eines Feldpostbriefes ab, der sinnigerweise mit dem Poststempel-Aufdruck versehen ist „Vergiss nicht Strasse und Hausnummer anzugeben". Dazu schreibt sie: „Jetzt wissen wir, warum zuweilen die Feldpost von Leipzig bis zum Westwall sechs Tage unterwegs ist, weil vergessen wurde, Strasse und Hausnummer anzugeben."

Ein anderesmal seufzt einer „Wenn die Feldpost nur nicht so mangelhaft funktionieren würde!" — „Wieso? Hast du Aerger damit?" — „Und ob! Mein Alter schickt mir heute zehn Mark, und mit zwanzig Eiern hatte ich gerechnet!"

Welches Missverständnis übrigens der schöne Ausdruck „Eier" (für Mark) anrichten kann, zeigt folgende Erzählung: Ein Landser an der Westfront hatte kein Geld mehr. Kurz entschlossen forderte er von seiner Frau Geld an. Das Schreiben lautete wie folgt: „Meine süsse Mausi! Schicke mir bitte umgehend 20 Eier." Die Antwort liess auch nicht lange auf sich warten. Ein Päckchen kam mit folgenden Zeilen an: „Mein lieber Schatz! Ich habe selbst nur noch zwei Eier in meinem Haushalt gehabt, Grete hat mir aber gleich ausgeholfen und noch vier Stück von ihrem eigenen Bestand zugegeben. Verzeihe bitte, wenn ich Dir augenblicklich nur sechs Stück schicken kann. Deine Dich liebende kleine Frau." Enttäuscht leerte der Landser sein Paket. Wir aber freuten uns, wussten wir doch genau, dass aus den sechs Eiern ein Frühstück für uns wurde.

*

Dass man sich am Westwall auch gegenseitig Briefe schreiben kann, zeigt folgende Geschichte aus einer Feldzeitung: Im Bunker „Sachsentreu" hatte man beschlossen, dass derjenige, der am Tage die meiste Post erhielte, am nächsten Mittag das Essen holen sollte. Der Vater des Gedankens war Kanonier Schmid, weil er selbst nur so selten Post bekam. Am Mittagstisch zur Postverteilung rief er immer: „Hallo, wieder einmal davongekommen." — Wenige Tage später ruft der Essenholer schon von weitem: „Hallo, Schmid, für dich ist achtmal Post angekommen!" — Am nächsten Tag dasselbe. Schmid kann es

sich einfach nicht erklären. Von der ganzen Post kennt er nicht eine Unterschrift. Und des Rätsels Lösung? Wenn Schmid den Bunker verliess, setzte ein reger Schriftverkehr der naebbleibenden Kameraden ein. Sie schrieben alle an Schmid freundliche Briefe aus der Heimat. Die Produkte der gemeinsamen Gehirnakrobatik wanderten dann nach der zuständigen Dienststelle, wo gutes Zureden und einige Zigaretten den Weg zu dem Stempel für Feldpost ebneten. Erst, nachdem Schmid sich überzeugt hatte, dass es doch nicht richtig wäre, wenn immer derjenige das Essen holte, der die meiste Post hatte, setzten die „Briefe aus der Heimat" plötzlich wieder aus. Schmid heisst seitdem nur der „Postempfänger".

*

Viel Raum beansprucht natürlich auch der Urlaub und manche witzigen Zeichnungen und humorvollen Geschichten malen dem Soldaten aus, was ihm im Urlaub begegnet. So berichtet eine Geschichte über folgendes Erlebnis: „Ein Soldat, der in einem Westwallbunker liegt, bekommt nach längerer Zeit Urlaub. Seine Braut fragt ihn: „Bist du mir auch immer treu geblieben?" Der Soldat schweigt. Da fragt die Braut nach einiger Zeit wieder: „Du, sage mir doch bitte, warst du mir auch bestimmt treu?" Immer noch schweigt der Soldat. Wie seine Braut mit dem Fragen nicht nachlässt, führt der also Gequälte sein Mädchen an ein Schild und zeigt auf das Geschriebene. Es stand dort zu lesen: „Soldaten, lasst Euch nicht ausfragen! Feind hört mit!"

Lehm aus dem Lande Sachsen

Bei einer Familie in Hochspeyer war ein Westwall-Arbeiter aus Sachsen einquartiert. Als nun ein Junge von der Familie seine Schulaufgabe über das Thema „Heimaterde" machte, fragte er den Mann aus Sachsen:

„Du, Onkel, was for e Artikel setzt mer dann eigentlich vor Lehm?"

„Ja, mei Junge", meinte da der Gefragte, „das kommt druff an! Der Lehm ist das, womit die Dischler die Disch lehmen. Die Lehm sind wilde Tiere und das Lehm ist, wovon Schillern so schääne sagt: E freies Lehm fiehren mer, e Lehm voller Wonne!!"

*

Der Musikalische

Ein Bewohner aus der Landstuhler Gegend war zu einer Familienfeier bei Bekannten in Landstuhl eingeladen, wo nach dem guten und reichlichen Essen von den Kindern des Hauswirtes musiziert wurde.

Am nächsten Morgen, als er auf die Bahn ging, begegnete er einem der gestrigen Gäste, der ihn fragte:

„Na, wie hawwe Se sich gestern amüsiert? Waren die Quartette nicht ausgezeichnet?"

„Des kann ich wahrhaftig net sage", meinte der Gefragte, „die hab' ich gar net ve'sucht, awwer die Schweinekotlett' ware so gut, wie ich schunn lang känne mehr gesse hab!!"

*

Gut aufgepasst

Ein Arbeiter aus der Umgebung von Kaiserslautern, der noch nebenbei Landwirtschaft betreibt, ging in ein Nachbardorf, um eine Kuh zu kaufen und nahm dabei sein kleines Söhnchen mit. Der Vater besah sich die Kuh von allen Seiten und betastete und befühlte sie, wie das so üblich ist. Auf dem Heimweg fragte nun der Kleine:

„Du Vadder, warum haseht du dann so an dere Kuh erumgefühlt?"

„Ja", sagte der Vater, „wääsehte, wammer e Kuh odder so was ähnliches kaaft, is des notwendig."

Einige Tage später kommt der Kleine zum Vater gelaufen und sagt:

„Du Vadder, ich glaab, die Mama hawwe mer nimmer lang."

„Ja, warum denn?" fragt der Vater erstaunt.

„Ich glaab als," meinte da der Bengel, „der Briefträger will se kaaufe!!"

*

Wenn ...

Ein Landwirt von Enkenbach, der bei einer Hochzeit auf einem Nachbardorf eingeladen war, wurde von seinem Freund gefragt, wie es ihm bei dem Fest gefallen habe.

„Janno," gab der Gefragte zur Antwort, „wann die Supp' so warm gewese wär wie de Wei, un de Wei so alt wie die Gans, un die Gans so fett wie die Braut — — dann wär's schää gewese!"

*

150 Wörter

Während des Weltkrieges forderte die Liller Soldatenzeitung die Feldgrauen auf, kurze Geschichten aus dem Leben, in und hinter der Front, einzusenden. Für die besten waren Preise ausgesetzt. Der Umfang der Einsendungen sollte 150 Wörter nicht übersteigen. Den ersten Preis erhielt der Verfasser folgender Kurzgeschchnisse: „Unsere Latrine hatte eine neue Sitzstange bekommen, die angesägt war und durchbrach, als unser dicker Feldwebel sich darauf setzte. Die restlichen 131 Wörter sprach der Feldwebel."

Hermann Göring und die deutsche Luftwaffe

Berlin, 29. — Aus Anlass der fünfjährigen Wiederkehr des Gründungstages der deutschen Luftwaffe am 1. März hat der Oberbefehlshaber der Luftwaffe, Generalfeldmarschall Göring, einen Tagesbefehl erlassen, in dem es heisst:

„Soldaten der Luftwaffe! Kameraden! Die fünfte Wiederkehr des Gründungstages unserer stolzen Waffe findet uns angetreten und kämpfend nach dem Gesetz des unserem Vaterlande aufgezwungenen Krieges. Vor fünf Jahren erfuhr die Welt, dass es wieder eine deutsche Luftwaffe gibt. Die Zeit, die uns von jenem beglückenden Tage trennt, ist erfüllt mit härtester Arbeit, rastlosem Einsatz und bedingungsloser Hingabe jedes einzelnen, der mitschuf am grossen Werk. Kameraden! Ihr habt in den Jahren des Wiederaufbaus und vor allem, als der Führer und Oberste Befehlshaber euch zur Verteidigung des Vaterlandes aufrief, den hohen Geist bewiesen, der euch beseelt. Im Frieden wie im Kriege habt ihr gezeigt, dass noch ebensoviel von den Helden der Luftwaffe des Weltkrieges in euch lebt wie in jenen, die ihr Blut für die Bewegung hingaben. Das deutsche Volk weiss, dass ihr sein Schutz und Schirm gegen jeden Angriff aus der Luft seid, aber auch eine vernichtende Waffe gegen alle, die den Frieden verbrecherisch störten, weil der Aufstieg unseres Volkes aus der Versklavung von Versailles zur geachteten Grossmacht die Neider auf den Plan rief, um das Reich, das unser Führer aufgebaut hat, zu zerschlagen. Ihr, meine Kameraden, die ihr in der Luft und zu Lande in der Luftwaffe, der Luftabwehrartillerie, bei den Verbindungstruppen der Luftwaffe Dienst tut, erfüllt mutig und getreulich eure Pflicht, und mit dem Führer und eurem Volke spreche ich euch am heutigen Jahrestage der Gründung der jungen Waffe meinen tiefen Dank und Anerkennung aus. In besonderer Verbundenheit gedenken wir an diesem Tage unserer Kameraden, die ihre Treue mit dem Einsatz ihres Lebens besiegelten. Sie sind uns Mahnung und Verpflichtung zugleich, ihrem Heldentum nachzueifern und in ihrem Geist weiter zu kämpfen, bis der endgültige Sieg unser ist. Heil unser Führer! (gez.) Hermann Göring."

Berlin, 29. — Deutschland baut weder an der dänischen noch an der holländischen Grenze Befestigungen. Diese Mitteilung wurde einem Auslandsjournalisten vom Oberkommando der Wehrmacht zuteil. Fremde Nachrichten-Agenturen hätten wahrscheinlich aus Verwechslung des uniformierten Arbeitsdienstes, welcher in Nordschleswig Strassenbauten vornehme und im Emsland Moore entwässere, mit deutschen Soldaten wieder einmal unsinnige Gerüchte in die Welt gesetzt.

Berlin, 29. — Lloyd George erklärte in einer Rede, dass England auf dem Gebiet der Lebensmittelversorgung nicht genügend für den Krieg vorbereitet war. So festigt sich in England die Ueberzeugung, dass Deutschland niemals durch Hunger auf die Knie gezwungen werden kann. Der französische „Figaro" schreibt, das Reich verfüge über riesige Nahrungsmittelvorräte, die im ersten Kriegshalbjahr noch erhöht wurden. Auch in Frankreich herrsche Besorgnis über den Ausgang des Krieges.

Berlin, 29. — Reichsaussenminister von Ribbentrop empfing den Chef der Hlinka-Garde und Propagandaleiter der slowakischen Regierung, Sano Mach, welcher auf Einladung der Reichsregierung einige Tage in Berlin weilte.

Wien, 29. — Der langjährige Bundespräsident des ehemaligen Oesterreichs, Dr. Michael Hainisch, ist 81 Jahre alt in Gloggnitz bei Wiener-Neustadt gestorben. Hainisch hat sich während seiner Bundespräsidentschaft in den Jahren 1920 bis 1928 stets für den Anschluss an das Reich eingesetzt. Die deutsche Presse würdigt seine Verdienste um die grossdeutsche Idee.

Genf, 29. — Wieder weiss die Grenobler Zeitung „Petit Dauphinois" zu berichten, dass in Pariser Vorstädten 18 Klubs wegen defaitistischer Propaganda geschlossen und zahlreiche weitere Organisationen gepfändet wurden.

Berlin, 29. — Die deutsche Presse bezeichnet die britischen Nachrichten von einer mehrfachen Ueberfliegung Berlins durch englische Militärflugzeuge als Halluzinationen. Sie erklärt diese mit Angaben des britischen Botschafters in Brüssel, welcher der belgischen Zeitung „Nation Belge" einen Bericht gab, wonach die englischen Flieger bei ihren in grosser Höhe durchgeführten Aufklärungsunternehmungen an Sauerstoffmangel und Uebermüdung des Gehirns leiden; dadurch werde das Vermögen der Gedankenkonzentration erschwert. Es sei also leicht möglich, dass diese Flieger irgendeinen Ort an der norddeutschen Küste mit der Reichshauptstadt verwechselt haben.

Berlin, 29. — Ein unter Führung von Korvettenkapitän Werner Hartmann von einer Fernfahrt zurückgekehrtes deutsches U-Boot meldete die Versenkung von 45.000 Bruttoregistertonnen feindlichen oder dem Feind dienstbaren Schiffsraums. Das U-Boot hat bei zwei Fernfahrten insgesamt 80.000 Tonnen versenkt.

Amsterdam, 29. — In England wird angesichts der zunehmenden Fleischknappheit ein höherer Verbrauch von Gemüse empfohlen. Indessen ist auch das Gemüse fast völlig vom Markte verschwunden und nur zu allerhöchsten Preisen erhältlich.

Stambul, 29. — Der türkische Ministerpräsident Refik Saydam führte in einer Rede aus, dass die Türkei niemals Angriffsabsichten gegen Russland gehegt habe, und dass auch von russischer Seite gegenwärtig keinerlei Anzeichen für einen Angriff auf die Türkei vorhanden seien. Die Aussenpolitik der Türkei habe sich in den letzten sechs Monaten nicht im geringsten geändert.

Mr. Summer Welles in Berlin

Berlin, 1. — Der amerikanische Unterstaatssekretär Welles ist mit dem fahrplanmässigen D-Zug Zürich—Berlin auf dem Anhalter Bahnhof in der Reichshauptstadt eingetroffen, wo er im Auftrage des Reichsaussenministers vom Staatssekretär von Weizsäcker und dem Chef des Protokolls, Gesandten von Doernberg, begrüsst wurde. Er hat mit seiner Begleitung im Hotel Adlon Wohnung genommen. Reichsaussenminister von Ribbentrop empfing Herrn Welles zu einer einstündigen Aussprache im Aussenministerium, welcher auch der Geschäftsträger der Vereinigten Staaten, Botschaftsrat Kirk, beiwohnte. Am Freitagnachmittag erhielt Summer Welles den Besuch amerikanischer Pressevertreter, denen er seine Genugtuung über den freundlichen Empfang in Berlin zum Ausdruck brachte. Wie besonders betont wird, bediente sich von Ribbentrop bei seiner Unterredung mit Welles, obgleich er fliessend Englisch spricht, der deutschen Sprache. Als Dolmetscher wirkte Dr. Schmidt, das bekannte Sprachgenie des Auswärtigen Amtes. Wie politische Kreise Berlins unterstreichen, ist angesichts des Besuches des amerikanischen Diplomaten ein deutscher Friedensplan nicht zu erwarten. Der Führer habe nach Abschluss des polnischen Feldzuges grosszügige Vorschläge für die Wiederherstellung des europäischen Friedens gemacht. Diese Vorschläge seien von den Westmächten abgelehnt worden. Inzwischen haben sich aber die Aussichten Englands und Frankreichs derart verschlechtert, dass ihre Propaganda keinen anderen Ausweg mehr weiss als Lügen über neue deutsche Friedensangebote zu verbreiten.

Berlin, 1. — Der Führer empfing in Anwesenheit des Oberbefehlshabers der Kriegsmarine, Grossadmiral Raeder, den Kapitänleutnant Herbert Schultze, der mit seinem U-Boot auf zwei Fernfahrten 16 Schiffe mit 114.510 Tonnen versenkte und überreichte ihm das Ritterkreuz des Eisernen Kreuzes.

Amsterdam, 1. — Die britische Reederei Blue Funnel Line gibt den Verlust ihres 7418 Tonnen grossen Dampfers „Pyrrhus" bekannt, der am „hellichten Tag ein Opfer feindlicher Aggression" in der Nähe der britischen Ostküste wurde.

Amsterdam, 1. — Am Freitag wurde London von einem deutschen Flugzeug überflogen. Zahlreiche Luftabwehrbatterien traten in Tätigkeit, ohne die deutsche Maschine zu treffen.

Berlin, 1. — Die Frachtsätze für den Seeverkehr zwischen England und seinen Dominions erreichen bereits phantastische Ziffern. Während im August 1939 die Rate für Baumwolle von Britisch-Indien nach England 27 Schilling per Ballen betrug, müssen heute 150 Schilling gezahlt werden. Für australischen Weizen ist die Rate von 25 Schilling per Tonne auf gleichfalls 150 Schilling gestiegen.

Berlin, 1. — Anlässlich der fünften Wiederkehr der Rückgliederung des Saargebietes sprach Gauleiter Bürckel in Kassel auf einer Kundgebung der Saarländer. Er stellte fest, dass der Hass der französischen Kriegshetzer sich deshalb so stark gegen den Führer richte, weil dieser die Einigung Deutschlands vollbracht habe. Die Abstimmung im Saargebiet sei der erste Querhieb gewesen, den die plutokratischen Mächte in ihrem Kampf gegen Adolf Hitler hätten einstecken müssen.

Budapest, 1. — In ganz Ungarn wurde der 20. Jahrestag der Wahl Nikolaus von

Kurz gemeldet

Das Wichtigste der Woche

Aus dem Transocean-Dienst (Agencia Alemã)

Deutsche Jugend voran!

Berlin, 28. — Reichsminister Dr. Goebbels sprach auf einer grossen Kundgebung in Münster über politische Zeitfragen und erwähnte dabei auch den Einsatz der Partei und ihrer Gliederungen während des Krieges. Die Hitler-Jugend hat im Polenfeldzug allein 400 Unterführer verloren. 95 vH. aller HJ-Führer stehen heute in der Wehrmacht, 68 vH. aller SA-Männer stehen an ihrer Seite. Von 38 aktiven SA-Gruppenführern befinden sich 32 im Felde. Die SS hat im Polenfeldzug 713 Kameraden verloren. Der Reichsminister stellte fest, dass die Partei ihre Pflicht getan hat und dieselbe auch weiterhin bis zum Endsieg erfüllen wird.

Berlin, 28. — Die ibero-amerikanischen Studenten der Berliner Universität veranstalteten mit der Deutsch-Spanischen Gesellschaft im Harnack-Haus in Berlin-Zehlendorf eine Wohltätigkeitsvorstellung zugunsten des deutschen Winterhilfswerks und zur Förderung der kulturellen Beziehungen zwischen Deutschland und den Ländern, in denen Spanisch und Portugiesisch gesprochen wird. Das erstklassige Programm, in welchem spanische und südamerikanische Lieder gesungen und Volkstänze gezeigt wurden, fand bei allen Teilnehmern, unter denen auch Vertreter des Auswärtigen Amtes und der Auslandsorganisation der Partei zugegen waren, vollste Anerkennung.

Berlin, 28. — Nach amtlicher Angabe werden auf Grund des neuen deutsch-italienischen Abkommens in diesem Jahre 30.000 italienische Landarbeiter nach Deutschland kommen.

Berlin, 28. — Die Engländer versuchen nun neuerdings die Neutralen mit Hilfe des Navy-Cert-Systems in die Reihen der Kriegführenden einzugliedern. Diese neue Massnahme sieht die Kontrolle der Schiffsladungen durch britische Konsuln im eigenen neutralen Lande vor. Nachdem man gesehen hat, dass dem deutschen Prisenrecht zufolge alle neutralen Schiffe, die freiwillig oder unfreiwillig englische Kontrollhäfen anlaufen, versenkt werden, hofft man sich durch die freiwillige Unterwerfung den Bestimmungen des deutschen Prisenrechts zu entziehen. Von deutscher Seite wird hierzu erklärt, dass die Annahme des Navy-Cert-Systems praktisch die Anerkennung der völkerrechtswidrigen englischen Blockade bedeutet. Deutschland habe keine Garantie, dass die mit dem Navy-Cert ausgerüsteten neutralen Schiffe ihre Ladung nicht doch in England löschen. Britannien könne ausserdem eine Handelsspionage grössten Umfanges auf diese Art betreiben.

Amsterdam, 28. — Wie aus dem englischen Haushaltsvoranschlag für 1940—41 hervorgeht, betragen die für den Geheimdienst (Secret Service) angeforderten Summen 1,5 Millionen Pfund Sterling, das sind doppelt so viel wie im Vorjahr.

Amsterdam, 28. — Nach Mitteilung aus London sind die britischen Freiwilligen für Finnland bereits unterwegs. Sie sollen in Zivil reisen, während ihre Uniformen auf einem anderen Wege nachgeschickt werden. (?!)

Genf, 28. — Der französischen Zeitung „Petit Dauphinois" zufolge hat die französische Propaganda in den vergangenen sechs Monaten ganz erhebliche Fehler begangen und befände sich nicht in der Lage, der deutschen Propaganda etwas Gleichartiges gegenüberzustellen. Daladier, der sich monatelang gegen die Einführung eines Propagandaministeriums sträubte, beschäftigt sich jetzt mit dem Gedanken, dem deutschen Beispiel zu folgen.

Rom, 28. — Ab 1. März tritt die neue italienische Rassegesetzgebung in Kraft: Danach dürfen Juden nicht mehr den Beruf von Journalisten ausüben. Auch in den ärztlichen, pharmazeutischen und Anwalts-Berufen wird die israelitische Tätigkeit stark eingeschränkt. Juden dürfen in Unternehmungen mit mehr als 100 Angestellten nicht mehr Besitzer oder Betriebsleiter sein. Schliesslich ist den Juden untersagt, Boden im Werte von mehr als 5000 Lire, noch Häuser zu besitzen, die auf über 20.000 Lire geschätzt werden. Ebensowenig haben Juden das Recht, bei der Verwaltung internationaler Banken oder Versicherungsgesellschaften angestellt zu sein.

Belgrad, 28. — Wie in der Schweiz und in Ungarn ist jetzt auch in Jugoslawien das Buch des deutschen Emigranten Hermann Rauschning „Gespräche mit Hitler" verboten worden. Die in den Buchhandlungen vorhandenen Exemplare wurden beschlagnahmt.

Horthys zum Reichsverweser Ungarns festlich begangen. Die deutsche Presse würdigt die Persönlichkeit des ungarischen Staatschefs und erwähnt die alte bewährte Freundschaft zwischen dem Reich und Ungarn.

Amsterdam, 1. — Der französische Dampfer „Plom 25" (über 6000 Tonnen) ist in der Nordsee explodiert und gesunken. Der grösste Teil der Besatzung wurde gerettet.

Amsterdam, 1. — 43 britische politische und der Oeffentlichkeit bekannte Persönlichkeiten haben an den Premier Chamberlain ein Schreiben gerichtet, in welchem sie die Auswertung der Reise Summer Welles' zu Friedensverhandlungen vorschlagen. Unterzeichnet ist das Schriftstück u. a. von dem Labour-Abgeordneten Lansbury, Lord Buxton, Lord Ponsonby und Bernard Shaw.

Stockholm, 1. — Die schwedischen Schiffsverluste in den ersten sechs Kriegsmonaten betragen 40 Schiffe mit 77.000 Tonnen. 299 Seeleute fanden den Tod; 30 Millionen Kronen Kriegsversicherungen wurden ausbezahlt.

Helsinki, 1. — Die russischen Truppen haben nach Durchbruch der Mannerheimlinie die Vororte der Stadt Viborg besetzt. Die Finnen sollen diese zweitgrösste Stadt ihres Landes vor ihrem Abzug in Brand gesteckt haben.

Rom, 1. — England hat bekanntgegeben, dass künftighin alle deutschen Kohlentransporte auf italienischen Schiffen von Rotterdam aus der britischen Kontrolle unterworfen werden. Diese Nachricht hat in italienischen Kreisen grösste Verstimmung hervorgerufen., Man erwartet staatliche Protestschritte.

Kopenhagen, 1. — Die Hauptstadt Islands, Reykjavik, befürchtet einen britischen Handstreich, ähnlich dem Ueberfall auf den deutschen Dampfer „Altmark" in Norwegen. In Reykjavik befinden sich nämlich 62 deutsche Seeleute des Dampfers „Bahia Blanca", die sich nach dem Zusammenstoss des deutschen Schiffes mit einem Eisberg nach Island retteten. Man traut den Engländern zu, dass sie einen Zwischenfall provozieren werden, um sich dieser Deutschen zu bemächtigen. In den letzten Tagen wurden zahlreiche britische Flottenstreitkräfte zwischen den Faroern-Inseln und Island beobachtet.

Summer Welles beim Führer

Berlin, 2. — Der nordamerikanische Unterstaatssekretär wurde in Begleitung des Geschäftsträgers der USA, Kirk, am Sonnabendvormittag vom Führer empfangen. Von deutscher Seite wohnten der Unterredung Reichsaussenminister von Ribbentrop, der Chef der Präsidialkanzlei Dr. Meissner und der Adjutant des Führers Helmuth Brückner bei.

Newyork, 2. — Wie aus zuverlässiger Quelle verlautet, trifft der Habsburgische Thronprätendent Otto am 4. März in Newyork ein, wo er sich als Hausgast des internationalen Bankiers J. P. Morgan mehrere Tage aufhalten wird. Die Amerikatournee Erzherzog Ottos dient der Propagierung der Restaurierung, wobei bezeichnenderweise die jüdischen wie die katholischen Kreise, trotz der kühlen Haltung der massgebenden Stellen der katholischen amerikanischen Kirche, bereits die Sammeltätigkeit für die Finanzierung des Werbefeldzuges Ottos einleiteten. Bezeichnend für die Interessen, die Otto in den Vereinigten Staaten vertritt, ist, dass er Hausgast des englandfreundlichen Bankiers Morgan ist und nicht, wie ursprünglich geplant, als unabhängiger Reisender auftritt und im Ritz-Hotel Wohnung nimmt.

Berlin, 2. — Ausser dem deutsch-italienischen Handelsvertrag wurde in der vergangenen Woche ein neues Abkommen mit Norwegen unterzeichnet, das die Anlieferung wichtiger Rohstoffe sichert. Die deutsche Textilindustrie hat aus Russland eine Sendung der Baumwollernte des Jahres 1939 erhalten. Die 700.000 Ballen sollten ursprünglich nach England und Frankreich versandt werden.

Berlin, 2. — Generalfeldmarschall Göring ist nach einer einwöchigen Besichtigung der Westfront und der Luftwaffenverbände an der Nordseeküste wieder nach Berlin zurückgekehrt. Am Sonntag (3. März) empfing er den amerikanischen Diplomaten Summer Welles auf seinem Landsitz Karinhall in der Schorfheide. — Mr. Welles nahm an einem Frühstück der Presseabteilung des Auswärtigen Amtes im Hotel Adlon teil. Die in Berlin lebenden amerikanischen Journalisten Lochner, Oechsner, Huss und Enderiss waren dazu erschienen. Deutscherseits waren die Legationsräte Dr. Schmidt und Rasche, Gesandter Braun von Stumm sowie Professor Dr. Bömer, der Leiter der Auslandsabteilung im Propagandaministerium, vertreten. — Welles ist am Sonntagabend nach der Schweiz zurückgereist, von wo aus er in dieser Woche seine Besuche nach Paris und London durchführt.

Berlin, 2. — In den ersten Morgenstunden des Sonnabends griffen deutsche Flugzeuge über der Nordsee englische Kriegsschiffe sowie bewaffnete Handelsdampfer, die in einem Geleitzug fuhren, an. Mehrere Schiffe von grosser Tonnage wurden versenkt, andere schwer beschädigt. — Der italienische Dampfer „Mirelle" (5340 Tonnen) lief an der britischen Ostküste auf eine Mine und sank.

Halbjahresbericht des Oberkommandos der Wehrmacht

Berlin, 3. — Das Oberkommando der Wehrmacht hat die Kriegsbilanz der ersten sechs Monate Krieg herausgegeben. Als militärisches Ergebnis der deutschen Kriegsführung zu Lande, zur See und in der Luft wird folgendes festgestellt:

„In einem Feldzug von 18 Tagen wurde die polnische Wehrmacht zerschlagen, die polnischen Divisionen vernichtet und das Gebiet des ehemaligen polnischen Staates bis zur deutsch-russischen Interessengrenze besetzt. Damit wurde die Absicht der Gegner, Deutschland in einen Zweifrontenkrieg zu zwingen, in kürzester Frist vereitelt. Im Westen wurde der Westwall planmässig besetzt und bis zur Küste verlängert. An keiner Stelle hat der Gegner gewagt, auch nur in den Wirkungsbereich des Westwalls vorzustossen, geschweige denn ihn anzugreifen. In kühnen Spähtrupp-Stosstruppunternehmungen hat das deutsche Heer immer wieder seinen Angriffsgeist bewiesen und den hohen Stand seiner Ausrüstung und Ausbildung gezeigt. Wo der Gegner versuchte, im Vorfeld des Westwalls in deutsches Gebiet einzudringen, warfen ihn Verbände des Heeres in raschem Zufassen in seine Ausgangsstellungen zurück.

Die deutsche Kriegsmarine hat nach der Vernichtung der polnischen Seemacht bis auf jene Einheiten, die vor Beginn des Feldzuges geflüchtet waren oder später in neutralen Häfen interniert wurden, den Seekrieg gegen England und Frankreich mit starkem Nachdruck und wachsendem Erfolg geführt. In der Nordsee lag neben der Sicherung des Seegebiets und dem Schutz des deutschen Handels der Schwerpunkt auf dem Handelskrieg mit Ueber- und Unterwasserstreitkräften. Gleichzeitig wurden auf die Seegebiete der englischen Ost- und Westküste Minenangriffe unternommen. Im Atlantik waren zur Kreuzer-Kriegführung die Panzerschiffe „Admiral Graf Spee" und „Deutschland" eingesetzt. Bei Vorstössen in den Nordatlantik, die auch mit schweren Streitkräften durchgeführt wurden, konnten dem Feind erhebliche Schäden zugefügt werden.

Als Ergebnis der deutschen Seekriegsführung wurden vernichtet: Schlachtschiff „Royal Oak", Flugzeugträger „Courageous", Hilfskreuzer „Rawalpindi", die acht Zerstörer ‚Blanche', ‚Gipsy', ‚Duchess', ‚Greenville', ‚Exmouth', ‚Viscount', ‚Darin' und ‚Jersey', ferner etwa 20 Kriegsfahrzeuge des Vorpostensuch- und Bootjagddienstes: diese unter Mitwirkung von Luftstreitkräften sowie mehrerer U-Boote.

Schwer beschädigt wurden: die Schlachtschiffe „Nelson" und „Barham", der Schlachtkreuzer „Repulse", der schwere Kreuzer „Exeter", ein schwerer Kreuzer der „London"-Klasse, der Kreuzer „Belfast" und eine grössere Anzahl von Zerstörern, Vorpostenbooten und U-Booten. Gemessen an diesem Erfolg waren die eigenen Verluste gering. Sie betrugen ein Panzerschiff, zwei Zerstörer, sechs Vorposten- oder Minensuchboote und elf Unterseeboote, im Monatsdurchschnitt also zwei Unterseeboote.

Die deutsche Luftwaffe war an der siegreichen Entscheidung des polnischen Feldzuges in hervorragender Weise beteiligt. Gleichzeitig mit der Zerschlagung der polnischen Luftwaffe sicherte sie mit anderen Teilen den deutschen Luftraum im Westen. Ihre Ueberlegenheit hinsichtlich Einsatzbereitschaft der Besatzungen und Güte des Materials trat immer wieder in Erscheinung. Die auch bei ungünstiger Witterung gegen England und Frankreich durchgeführten Erkundungsflüge ergänzten die vorhandenen Unterlagen über die Massnahmen des Gegners. In der Aufklärung gegen England gelangten die deutschen Flugzeuge trotz feindlicher Gegenwehr immer wieder bis zu den Orkney- und Shetland-Inseln. Wiederholt wurden Angriffe auf feindliche Seestreitkräfte, bewaffnete Handelsschiffe und Geleitzüge durchgeführt. Es wurden 65 Schiffe mit rund 75.000 brt versenkt. Es handelt sich hierbei in der Mehrzahl um feindliche oder mit Banngut für England fahrende neutrale Handelsschiffe sowie um einige Schiffe leichter britischer Seestreitkräfte. Durch Bombentreffer wurden ausserdem schwer beschädigt und zum Teil zerstört: 52 Schiffe mit rund 200.000 t, davon 40 britische Schiffe leichter Seestreitkräfte, 2 britische Kreuzer mit 15.300 brt, 2 britische Schlachtschiffe mit 63.350 brt, 1 britischer Flugzeugträger mit 22.600 brt.

Seit Kriegsbeginn sind die deutsche Luftabwehr- und Bodenorganisation in dem geplanten Umfang ausgebaut, der Flugmeldedienst eingespielt und erprobt sowie die Luftschutzmassnahmen und Luftschutzeinrichtungen im ganzen Reich vervollkommnet worden. Wo der Gegner versuchte, mit stärkeren Verbänden in das deutsche Gebiet einzufliegen, wurde er durch Jagd- und Flakabwehr erfolgreich abgewiesen. Insgesamt wurden bisher 285 britische und französische Flugzeuge abgeschossen. Hinzu kommen 50 Flugzeuge eines britischen Flugzeugträgers, so dass die Gesamtverluste der Westmächte seit Kriegsbeginn mindestens 335 Flugzeuge betragen. Ferner wurden neun feindliche Fesselballons abgeschossen. Demgegenüber verlor die deutsche Luftwaffe in diesen sechs Monaten an der Westfront und über dem britischen Kampfraum durch unmittelbare Feineinwirkung 35 Flugzeuge und als auf Feindflug verunglückt (Notlandungen, Abstürze usw.) 43 Flugzeuge.

Im sicheren Schutz der deutschen Truppen konnte die Wehrmacht des 82-Millionen-Volkes voll entwickelt, weiter verstärkt und ausgebaut werden. Die bisherigen Kriegserfahrungen sind bei den drei Wehrmachtsteilen für die weitere Führung des Krieges, für die Ausbildung und für die technische Verkommnung des Materials ausgewertet worden. Die Leistungen der deutschen Rüstungsindustrie sind durch die feindliche Blockade nicht gehindert, sondern zu einem Höchstmass gesteigert worden. Stärkste Reserven an ausgebildeten Kämpfern aller Art sowie an technischem Personal, an Waffen und Gerät stehen an der Front und in der Heimat zu weiterem Einsatz bereit."

4 Messerschmitt gegen 12 Morane

Berlin, 4. — Südöstlich von Diedenhofen kam es zu einem grossen Luftgefecht zwischen vier deutschen Messerschmitt-Flugzeugen und zwölf französischen Jägern vom Typ Morane. Bei dem langandauernden Kampf wurde ein französischer Apparat abgeschossen. Die übrigen Gegner räumten das Feld. Alle deutschen Flugzeuge kehrten unversehrt zu ihren Stützpunkten zurück. — Ein deutsches Heinkel-111-Aufklärungsflugzeug wurde unweit von Metz von drei britischen Jägern angegriffen. Die deutsche Maschine musste nach Aussetzen beider Motoren zwischen den französischen Bunkern notlanden. Die beiden Besatzungsmitglieder vernichteten das Flugzeug durch Brandlegung und schleppten sich trotz Verwundung nach den deutschen Linien zurück. — Nach amtlicher deutscher Mitteilung wurde ein von einem Erkundungsflug über Nordfrankreich zurückkehrendes Flugzeug von sieben englischen Hurricane-Apparaten angegriffen. Der deutsche Pilot, der sich über französischem Boden zu befinden glaubte, schoss eine angreifende Maschine ab und kehrte unversehrt in seinen Heimathafen zurück. Wie sich später herausstellte, war das deutsche Flugzeug über belgischem Gebiet von belgischen Jägern, die den Typ Hurricane gebrauchen, angegriffen worden. Die Reichsregierung hat dem belgischen Botschafter ihr Bedauern über den Zwischenfall ausgesprochen.

Amsterdam, 4. — Der bewaffnete englische Fahrgastdampfer „Domala" (8441 Tonnen) eröffnete auf ein deutsches Flugzeug das Feuer. Darauf wurden vier Bomben abgeworfen, von denen drei ihr Ziel trafen. Der Kapitän und 110 Personen dürften bei diesem Kampf ums Leben gekommen sein.

Leipzig, 4. — Reichsminister Dr. Goebbels eröffnete am Sonntag die Leipziger Frühjahrsmesse, indem er erklärte, kein Deutscher zweifle an dem deutschen Siege, weil das deutsche Volk die kraftvollste nationale Einheit besitze, eine gesunde Wirtschaft, eine feste Währung und einen unverrückbaren Willen zum Siege. Die diesjährige Ausstellung zähle 6400 Teilnehmer im Vergleich zu 6411 im Vorjahr und 200 Aussteller von Rohstoffen und ausländischen Nahrungsmitteln im Vergleich zu 271 im vergangenen Jahre.

Rom, 4. — Italien hat wegen der Blokkierung der italienischen Kohleneinfuhr über Rotterdam einen scharfen Protest bei der britischen Regierung überreicht. Vier italienische Dampfer, die bereits ausgefahren waren, kehrten nach Rotterdam zurück.

Berlin, 4. — Wie zum Besuch von Summer Welles noch bekannt wird, hat dieser am Sonnabend mit Reichsminister Dr. Schacht gefrühstückt und soll diesen zu einem Besuch der Vereinigten Staaten eingeladen haben.

Casa Allemã
FUNDADA EM 1885

Versuchen Sie einmal unsere unvergleichlichen

BERNINA-HEMDEN

LEINEN-IMITATION

Sie sind hübsch, widerstandsfähig, gut gearbeitet, mit einfachen Manschetten und festem Kragen. Grosses Sortiment in den schönen Farben: blau, grün, bois de rose, beige, grau und crême, zu 42$000

Soeben eingetroffene Neuheiten in

Krawatten, Taschentücher und Socken

Schädlich, Obert & Cia. Rua Direita 162-190

Kirchen-Konzert

Von unserem *F. K.*-Rio-Mitarbeiter.

Am Sonntag (3. März) veranstaltete der Organist Fritz Barth unter Mitwirkung von Fräulein Enaura Mello (Violine), Fräulein Doralice Avellar (Sopran), Herrn Georg Hering-Marsal (Violine) und dem Männerchor der „Lyra" in der Deutsch-Evangelischen Kirche ein Kirchenkonzert. Das mit grossem Bedacht zusammengestellte Programm des Veranstalters versprach von vornherein ein musikalisches Erleben ersten Ranges, was mit der Eröffnung des Konzertes, dem Orgelsolo „Ciaconna" von Joh. Pachelbel, gleich bestätigt wurde. Es folgten zwei Sätze aus der Sonate in G-Dur (2 Violinen und Orgel) von J. S. Bach. In klangvollen Weisen wechselten sich Fräulein Doralice Avellar und Organist Fritz Barth ab, und die Einlagen des Männerchors der „Lyra" unter Stabführung des Chormeisters Hering-Marsal, auf der Orgel von Herrn Barth begleitet, gaben ein würdiges Zeugnis vom Können und von musikalischer Tonführung der Weisen und Choräle von Mozart und Schubert. Besonders der vom Männerchor zum Abschluss vorgetragene Choral „Die Himmel rühmen" von L. v. Beethoven wirkte überwältigend und brachte eine überzeugende Uebergabe des unsterblichen Werkes. Die von Meister G. Hering-Marsal eigenst komponierten Choräle (Sopran, Violine und Orgel) zeigten, dass Meister Hering der in Rio durch seine eigene Komposition des „Hindenburg-Marsches" bekannt und beliebt wurde, auch auf diesem Gebiet der ernsten Musik sein Schaffen meistert. Diese Erstaufführung des Meisters Hering ist eine Glanzleistung von besonderer Bedeutung, die unter den erschienen Hörern grosse Bewunderung hervorgerufen hat. Leider war dieses Konzert nicht so besucht, wie es eigentlich erwartet wurde, was wohl dem eingesetzten Regenwetter zuzuschreiben ist. Es wäre deshalb sehr zu empfehlen, unter frühzeitiger Bekanntgabe dieses Konzert zu wiederholen.

Familienabend im „Lyra"-Heim

Am vergangenen Sonnabend (2. März) war wieder mal nach längerer Pause ein Familienabend mit Tanzbelustigungen angesagt, dem auch genügend gefolgt wurde. Es war ein ausgesprochener Abend der jungen Welt. Der Vergnügungswart Sangesbruder Paul Stedefeldt verstand es, alsbald „Betrieb in die Bude" zu bringen, indem er, unterstützt von der fleissigen Kapelle Barth, Stuhltanz, Hutlanz und andere heitere Reigen ansagte und dirigierte, sodass bald eine ausgelassene Fröhlichkeit Platz nahm. Bis in die Morgenstunden hinein wurde getanzt, gelacht und gescherzt, und als man nach Hause ging, wünschte jeder Teilnehmer, dass solche Gemeinschaftsabende noch öfters wiederholt werden möchten.

Geburtstagsfeier unter Alten Kameraden

Am 26. d. J. feierte Kd. Wilhelm Jäckel seinen 50. Geburtstag. Die Feier fand in dem Restaurant bei Dna Martha, die sich in allen Kreisen der Kameraden einer grossen Beliebtheit erfreut, statt. Wir können hier auch noch verraten, dass Kd. Wilhelm Jaeckel sich vor einiger Zeit mit Dna. Martha verlobt hat, sodass diese Feier deshalb noch gemütlicher ausfiel. Zahlreiche Kameraden hatten es sich nicht nehmen lassen, persönlich zu erscheinen, um Kd. Jaeckel die herzlichsten Glückwünsche zu sagen. Auch zahlreiche Damen waren erschienen und halfen die Feier verschönern. Besonders erfreut waren alle Anwesenden, den Kameraden Hanns Alhrecht zu sehen, der, wie ja schon bekannt, erst vor kurzem von seiner Deutschlandreise glücklich hierher zurück gekommen ist und einiges von seinen Erlebnissen aus Deutschland und besonders von seiner Rückreise erzählte. Die Stimmung wurde bald ausgezeichnet, dank der rührenden Sorge von Dna. Martha, die damit abermals zeigte, dass sie sich nach wie vor als „Kompagniemutter" fühlt. Es fehlte auch nicht an verschiedenen Tischreden, die dem Geburtstagskinde und seiner Braut galten. Erst in den frühen Morgenstunden verliessen die letzten Gäste die Feier, die allen in unvergesslicher Erinnerung bleiben wird und die die sprichwörtliche Gastfreundschaft der Dna. Martha und des Kd. Jaeckel abermals bekräftigte.

Bett- und Tischwäsche!

zu äusserst billigen Preisen zeigen unsere Schaufenster und die Ausstellung im Laden

Teegarnituren:
mit 6 Serv. ab. **16$300**

Tischgedecke aus rein Leinen:
mit 6 Serv. ab. **120$000**

Tischgedecke in Damast:
mit 6 od. 12 Serv. **31$ - 37$ - 58$ - 85$**

Bettwäsche
empfehlen wir unser reichhaltiges Sortiment angefertigt in unserer eigenen Näherei

CASA LEMCKE

SÃO PAULO — Rua Libero Badaró 303 — SANTOS — Rua João Pessôa 45-47 —

Vorstand, Lehrer, Freunde und Gönner

sowie fast alle Schüler haben mit Liebe und Sorgfalt das

SCHULFEST VILLA MARIANNA

so vorbereitet, dass allen Besuchern ein gleicher Genuss wie im Vorjahr bevorsteht. Die Schule bittet um regen Besuch am

9. März ab 7 Uhr und 10. März ab 2 Uhr

Rua Eça de Queiroz Nr. 75 — Spenden aller Art sind auch noch am Sonntag erwünscht.

Bund der schaffenden Reichsdeutschen S. Paulo

Aufführung „Kabale und Liebe"

(Nachtrag)

ep. — Die nach der ersten Aufführung von Schillers klassischem Bühnenwerk an dieser Stelle gegebene Besprechung hat keine einmütige Aufnahme gefunden. Sie war auch nicht zu dem Zweck geschrieben worden, die Laienspielschar des Bundes, idealbeseelte Männer und Frauen, als billige Popularitätshascher erscheinen zu lassen. Sie haben, wie wir bereits feststellten, mit der Wiedergabe dieses anspruchsvollen Bühnenwerks eine Spitzenleistung erreicht. Besonders die zweite Aufführung am vergangenen Donnerstag vermittelte einen weit reiferen und gerundeteren Eindruck als die erste Vorstellung. Etwa 2000 Theaterbesucher wurden so mit dem Inhalt, Aufbau und Wesen eines klassischen Stückes vertraut gemacht. In welcher Weise diese Dichtung — auch je nach Auffassung des einzelnen Mitwirkenden oder Zuschauers — mehr oder weniger gelang oder verstanden wurde, ist bereits in unserer oben erwähnten, nicht kritisierenden, sondern ausrichtenden Besprechung gesagt worden. Dabei wurde leider die Gemeinschaftsleistung an sich zu wenig unterstrichen. Wir wissen aber, dass ohne eine enge kameradschaftliche Verbundenheit die Bewältigung dieser Arbeit garnicht gewagt werden durfte. Um irgendwelchen Missverständnissen vorzubeugen, stellen wir daher fest, dass es uns nicht um das Verdienst des Einzelnen ging, sondern um die Leistung aller Mitspieler, wenn man einen höheren Masstab, als den bisher gewohnten, an ihre Begabung für die Bühne anlegte. In einer der nächsten Ausgaben soll aus zahlreichen in den letzten Jahren erfolgten lokalen Theaterbesprechungen bewiesen werden, in welcher Geradlinigkeit wir immer wieder den einzelnen Namen den höheren Begriffen der Kameradschaft und Gemeinschaft einreihten und bei einer offensichtlich einseitigen Selbstbeleuchtung gar unterordneten, um den Wert der deutschen Gemeinschaft im Ausland nicht als Phrase, sondern als Vorbild emporzuheben. Wir sind darum überzeugt, dass die Aufführung von „Kabale und Liebe" und die daran geknüpften Aussprachen ihren Zweck nicht verfehlten: Weder wurde die deutsche Klassik abgewertet, noch ihre Tradition bestritten — doch wollen wir eins auch ganz festhalten: Kein Denken und Trachten, kein Sinnen und Planen, kein Ueberlegen und Deuten steht uns zur Stunde näher als der kompromisslose Kampf des deutschen Volkes um sein Recht, seine Freiheit und seine einzigartige Kultur. Im ehernen Marschtritt der Nation verblassen die Zöpfe des friderizianischen Jahrhunderts, in dem auch Schillers „Kabale und Liebe" entstand, und erheben sich vor uns, Meergetrennten, die Soldaten des friderizianischen Zeitalters und die Visionen der Männer an den Fronten und ihrer stählernen Waffen, welche die gegenwärtige Geschichte jenes grossen Volkes im Herzen Europas krönen sollen, dessen Leben bisher ein Opfergang für fremde Völker gewesen ist. In diesem Sinne möchten wir nicht zuletzt verstanden sein und zitieren darum zum Schluss aus dem Büchlein „Schafft anständige Kerle" (Dr. Erich Kühn), das uns im vergangenen Jahr von der „Deutschen Heimatbühne" für die ihr bewiesene Unterstützung überreicht wurde, den alten niederdeutschen Spruch:

„Allen gefallen — wollen nur Knechte,
Keinem gefallen — werden nur Schlechte,
Den Besten gefallen — das ist das Rechte."

Ein Militär-Konzert in S. Paulo angekündigt

Emmerich Csammer, dessen Musizierfreudigkeit São Paulo eine lange Reihe der verschiedensten musikalischen Veranstaltungen verdankt, zeigt für Freitag, den 15. d. M. ein Konzert mit Militärmusik an. Die Vortragsfolge ist so zusammengestellt, dass der Besucher deutsche Geschichte, vom ausgehenden Mittelalter an bis in die neueste Zeit hinein an der Hand von historischen Märschen zu hören bekommt. Der dreissigjährige Krieg und sein Jahrhundert, das friderizianische Zeitalter, der Zerfall und der Wiederaufstieg des deutschen Volkes um die Wende des 18. Jahrhunderts wie die neuere und die neueste Zeit sollen mit wachen Sinnen geschaut und gehört werden. Die markanten Klänge dieser historischen Märsche, bald in der langsamen Bewegung der Zeit der Anfänge des Gleichschritts im Heere, bald im beschleunigten Zeitmass des Parademarsches unserer Tage, sollen mit mehreren der charakteristischen brasilianischen Märsche zu einer heroischen Symphonie von mitreissendem Schwung und grösster Eindringlichkeit zusammengefasst werden. Ausgeführt wird das Konzert von der Musikkapelle der Guarda Civil de São Paulo. In die Leitung teilen sich der Musikmeister dieser Kapelle, Maestro Pedro Vieira de Souza und Meister Emmerich Csammer. Es kann der zuversichtlichen Erwartung Ausdruck gegeben werden, dass diese im gewissen Sinne neuartige zwischenstaatliche Veranstaltung einen grossen Hörerkreis findet, zumal der Rhythmus deutscher Militärmärsche überall im Ausland ein fester Begriff ist, und die Tradition dieser Musik uns zeitnah an das entscheidende Geschehen in unseren Tagen mahnt. Karten à 5$000 zuzüglich Steuer sind im Vorverkauf zu haben: in der Pharmacia Germania, Rua Libero Badaró Nr. 429, in der deutschen Buchhandlung. C. Hahmann, Rua Cons. Chrispiniano 401 und in der Gesellschaft Germania.

Eine beachtenswerte Parallele

Es ist nicht uninteressant festzustellen, dass die britische Herausforderung an Italien hinsichtlich der Kontrolle der Kohlenschiffe am 1. März erfolgte. Am selben Tag sind in Italien die neuen Judengesetze in Kraft getreten. In einer Kurzmeldung der vorliegenden Folge ist darauf hingewiesen, inwieweit die Juden in ihrem bisherigen Einfluss auf das nationale Leben Italiens behindert werden, welche Berufe sie nicht mehr ausüben dürfen, und welche Türen ihnen künftig verschlossen bleiben werden. Angesichts des zeitlichen Zusammentreffens dieser beiden für die Entwicklung des faschistischen Imperiums bedeutsamen inner- und aussenpolitischen Ereignisse kann die Schlussfolgerung gezogen werden, dass der starke jüdische Einfluss in England als „Strafmassnahme" die Beschlagnahme der italienischen Kohlenschiffe gefordert hat. Dieser Zusammenhang ist sehr beachtlich, da er wieder mal beweisst, wer die Kriegstreiber und Alleinverantwortlichen für die gegenwärtige europäische Auseinandersetzung sind.

Die erste Abrechnung
mit den Engländern an der Westfront

Berlin, (T.-O.) — „Gelegentlich einer Operation unserer Spähtrupps am Dienstag wurden 10 englische Infanteriesoldaten gefangen genommen, die, obgleich sie seit Oktober in Frankreich lagen, erst am letzten Sonntag an die Front gekommen waren. Der Bericht des deutschen Spähtrupps über die fragliche Aktion besagt:

„Frühmorgens. Die Engländer lagen in tiefem Schlaf in ihren Schützengräben mit Brustwehren aus Sandsäcken. Der aus einigen Infanteristen bestehende, durch Pioniere ergänzte und mit einem MG ausgerüstete Spähtrupp machte sich im Schutze der Dunkelheit auf den Weg. Eine Stunde später, nachdem die Patrouille ihre Stellung verlassen hatte, gelangte sie auf ansteigendes Gelände, und nach einer halben Stunde durchschnitt sie die ersten feindlichen Stacheldrähte. Inzwischen stieg der Tag herauf. Sicherlich waren die Tommys noch garnicht richtig erwacht, als die ersten deutschen Granaten in ihren Gräben krepierten. Es schien, als habe sich die Hölle aufgetan. Vom eigenen Feuer gedeckt, drangen die deutschen Soldaten unter Ausnutzung aller Bodenerhebungen weiter vor. Zuletzt lagen sie vor den feindlichen Schützengräben. Jeden Augenblick musste das Feuer aufhören, und dann würde der Nahkampf entscheiden. Wer würde Sieger in diesem ersten Kampf auf französischem Boden zwischen Deutschen und Engländern sein? Die Antwort hatten wir bald. Das Feuer unserer Artillerie wurde eingestellt. Blitzschnell waren unsere Leute auf den Beinen, um die englischen Stellungen zu stürmen, denn nun hatten auch die Pioniere den Weg durch den letzten Stacheldraht freigemacht. Der Feind lag in einem besonderen Bunker in Rundform vergraben, der mit mehreren Ausgängen versehen war. Es gab eine heftige Schiesserei und die ersten deutschen Handgranaten flogen in die englischen Gräben hinein. Wir hörten Schmerzensschreie. Wenig später hob ein Engländer seinen Arm und zeigte ein weisses Tuch. Doch sollte dies nichts anderes als eine Falle sein, er schoss mit der Pistole in der Rechten einfach weiter. Worauf unsere Soldaten mit ihren Pistolen und Handgranaten Antwort gaben. Schliesslich gehorchten sie unserem Befehl, sie traten zusammen und erhoben die Hände. Sie sind völlig demoralisiert, ihre Gesichter tragen noch das Grauen der letzten Viertelstunde. Ihre Kameraden liegen vor ihnen, die in ihrem ersten Kampf gegen Deutsche fielen. Unsere Soldaten brachten die Gefangenen zu den ersten deutschen Linien — es waren 1 Sergeant und 15 Soldaten. Die Verwundeten nahmen wir mit uns. Das Flankenfeuer feindlicher MG.s wurde von uns erwidert. Auch die feindliche Artillerie konnte unseren Rückzug nicht abschneiden. Die englischen Gefangenen gehören dem leichten Infanterieregiment Herzog Cornwall an."

Im Saale der Gesellschaft Germania

Rua Dom José de Barros 296

Freitag, den 15. März, um 20.30 Uhr

Militär-Konzert

Heroische Sinfonie: Historische Märsche aus deutscher und brasilianischer Geschichte.

Ausführend: die Musikkapelle der Guarda Civil de São Paulo. Dirigenten: M.o Pedro Vieira de Souza / M.o Emmerich Csammer.

Eintrittskarten à 5$000 zuzügl. Steuer in der Pharm. Germania, R. Lib. Badaró 429, in der deutschen Buchhandlung C. Hahmann, Rua Cons. Chrispiniano 401 und in der Gesellschaft Germania.

Zum großen Schulfest

in der Villa Marianna-Schule in São Paulo am kommenden Sonnabend und Sonntag ist die ganze deutsche Kolonie eingeladen. Sie wird diesem Ruf Folge leisten und die in jedem Jahr einzigartige Veranstaltung auch diesmal zu einem bedeutsamen und zweckhaften Erfolg führen.

Aerger schadet dem Gedächtnis

Wenn bei allem Aerger wenigstens noch etwas Gescheites herauskäme! Meistens muss man aber hinterher zugeben, dass es auch ohne Aufregung gegangen wäre. Wahrscheinlich sogar noch besser.

Dabei soll es sogar Leute geben, die sich darüber ärgern, dass sie sich geärgert haben. Ein solch grimmiger Geisteszustand kann den Nerven auf die Dauer nur abträglich sein. — Wer ausgeglichen leben und handeln will, der muss sich in der Hand haben und darf nicht jeder ärgerlichen Regung Herrschaft über sich einräumen.

Um das stets zu können, bedarf es einer festen Gesundheit. Wessen Nerven angegriffen sind, der führe jedes Jahr eine Kur mit Tonofosfan durch. Tonofosfan ist eines der bekanntesten Bayer-Produkte — es gibt Geist und Körper neue Kraft und Frische.